



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRO-REITORIA DE POS GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ANTROPOLOGIA

**O OFÍCIO DE BARBEIRO: MEMÓRIA, TRADIÇÕES E
MODERNIDADES**

EDUARDO LOPES TELES

SÃO CRISTOVÃO-SE

Novembro de 2012

EDUARDO LOPES TELES

O OFÍCIO DE BARBEIRO: MEMÓRIA, TRADIÇÕES E
MODERNIDADES

Trabalho apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Frank Nilton Marcon.

CO-ORIENTADOR: Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá

SÃO CRISTOVÃO-SE

Novembro de 2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

T269o Teles, Eduardo Lopes
O ofício de barbeiro: memória, tradições e modernidades /
Eduardo Lopes Teles; orientador Frank Nilton Marcon. – São
Cristóvão, 2012.
93 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade
Federal de Sergipe, 2012.

1. Antropologia. 2. Memória - Sergipe. 3. Artífices. 4.
Socialização profissional. I. Marcon, Frank Nilton, orient. II. Título.

CDU 572.028(813.7)

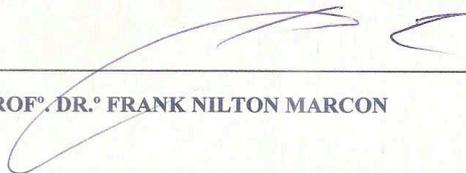


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ANTROPOLOGIA - NPPA
"Cidade Universitária "Prof. José Aloísio de Campos"
NPPA/UFS CEP. 49.100-000 - Tel. (079) 2105-6840

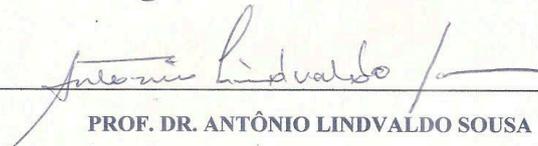


COMISSÃO JULGADORA

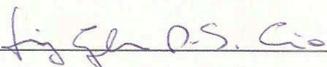
Defesa de **EDUARDO LOPES TELES**, intitulado "O OFÍCIO DE BARBEIRO: MEMÓRIA, TRADIÇÕES E MODERNIDADES." defendida e aprovada em 20 de novembro de 2012, pela Banca Examinadora constituída pelos Professores (as) Doutores (as):



PROF. DR.° FRANK NILTON MARCON



PROF. DR. ANTÔNIO LINDVALDO SOUSA



PROF. DR.° LUIZ GUSTAVO P. CORREIA

Dedico este trabalho à amizade. À caatinga bruta onde me escondi do mundo durante os últimos dezoito meses, também chamada de Gabriela Assunção.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, com profundo amor, a dona Núbia, seu Dalvo, Leco e Didi por terem me possibilitado partilhar a vida com vocês até os ossos. Família que me deu alento na construção desse trabalho cansativo. Sem vocês teria enlouquecido nas ruas da solidão há muito mais tempo. A cada um de vocês, o meu mais sincero te amo.

Um caminho repleto de felicidades aos tios Ronaldo, Antônio e Célia, bem como a prima Camila. Insistentes que, juntamente conosco, perseveraram nas quase extintas reuniões familiares.

Minha reverência, com punho direito fechado ao peito, à Diego Couto, Flávia Rocha, Bruno Ricardo, Larissa Feitosa, Rui Ronald, Inês Cortês, Aaron Sena, Leonardo Almeida e Márcia Barbosa. Amigos que tem se substituído na ingrata função de ser escudeiro desse cavaleiro medieval com aversão de escrever que sou. Da mesma forma, reverencio a família composta por Flávio Ferreira, Laíse Sales e a pequena querida afilhada de cabelos cacheados Maria Sofia.

Minha gratidão aos barbeiros e cabeleireiros de Aracaju. Viajei em suas memórias para aprender o que a academia não ensina.

Um balaio de flores sertanejas à Hernany Donato, Ninalcira Sampaio, Adriana Soares e Maria Moura. Admiradores da arte, da poética, da literatura, da história, dos quadros, do chão e dos quitais nordestinos.

Minha exaltação sem par aos poetas cordelistas e repentistas nordestinos, aqui representados por Pedro Amaro, Ana e Izabel Nascimento, além de Angelim Lima. Cordéis vivos onde tenho aprendido “puisia”.

Minhas desculpas aos orientadores Frank Nilton Marcon e Antônio Fernando de Araújo Sá, por não ter sido o mais responsável dos orientandos. Agradeço a paciência e o entendimento da minha mudez e das fugas de rota causadas pela viagem que fiz para dentro de mim.

Meu afeto aos professores e alunos do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia, através dos novos mestres Jonas Matos e Lídia Arnaud e do professor Ulisses Neves Rafael. Vocês foram sombras de árvores frondosas num caminho causticante.

Meu respeito ao professor norte-americano Samuel Cohn (Texas A & M University), por ter sido pioneiro no tema dos artífices barbeiros que só agora percebo a importância, após um mergulho profundo que acabou por me transformar.

Meu carinho aos alunos e professores da Escola SESC, local de trabalho onde tenho aprendido muito mais que ensinado.

Meu obrigado ao imprescindível apoio financeiro fornecido pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

E um pacote de mariola a todas as figuras, também importantes, que eu acabei esquecendo devido à pressa de entregar esse texto no prazo. Mais um pouco de doce às suas vidas.

RESUMO

Esta Dissertação tem como tema parte da história dos artífices barbeiros que atuam no Bairro Centro, em Aracaju. A análise, que compreende o período entre a década de 1940 e os dias atuais, visa mostrar como se dá a passagem da ordem masculina e dos ofícios (representada pelos barbeiros) para a ordem unissex e das profissões (representada pelos cabeleireiros). Através da observação de campo e das entrevistas gravadas em História Oral são feitas considerações sobre o que significa o discurso de crise no âmbito do trabalho e a idealização do passado por parte dos barbeiros, relacionadas por eles ao tema da modernização da cidade. A crise dos barbeiros é motivada pela crise da Dominação Simbólica Masculina, como é chamada por Pierre Bourdieu (1999), e pela situação atual do mundo do trabalho caracterizada pela precariedade do emprego e das relações trabalhistas e pelo desemprego (CASTEL, 1998; AUED, 1999; SENNETT; 2009).

Palavras-chave: artífices barbeiros; memória; modernização de Aracaju; identidade laboral masculina.

ABSTRACT

The Thesis's theme is part of the artificers barbers' history that act in the Center District, in Aracaju. The analysis, which covers the period between the 1940's and the present days, aims to show how is the transition from male order and crafts (represented by barbers) to unisex order and the professions (represented by hairdressers). Through the field observation and the interviews recorded in Oral History, considerations are made about the meaning of the discourse of crisis in the work and the idealization of the past by the barbers, related by him to the theme of the city's modernization. The crisis of the barbers is motivated by the Masculine Symbolic Domination crisis, as it is called by Pierre Bourdieu (1999), and the current situation of the world of work characterized by job insecurity and labor relations and unemployment (CASTEL, 1998; AUED, 1999; SENNETT, 2009).

Key-words: Artificers Barbers; Memory; Modernization of Aracaju; Male Labor Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I: OS BARBEIROS E O DISCURSO SOBRE A MODERNIZAÇÃO DE ARACAJU	17
1. As décadas de 1940 e 1950	
2. As décadas de 1960 e 1970	
3. Da década de 1980 aos dias atuais	
CAPÍTULO II: O OFÍCIO DE BARBEIRO	44
1. O Saber-fazer	
2. As ferramentas e utensílios	
3. O local de trabalho	
4. A Associação Profissional de Barbeiros, Cabeleireiros e Similares de Sergipe	
CAPÍTULO III: O OFÍCIO DE BARBEIRO: MEMÓRIA, TRADIÇÕES E MODERNIDADES	70
1. O Bairro Centro e os barbeiros e cabeleireiros em Aracaju	
2. O Cabeleireiro (ou barbeiro?) Vilobaldo	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

Eu era um aluno de graduação em História quando me dispus a estudar uma categoria de profissionais, ou seria melhor dizer artífices¹, até então pouco conhecida da academia: os barbeiros. Diversas vezes, saí pelos cantos da cidade de Aracaju procurando salões, tentando compreender as atividades deste ofício. Corria o ano de 2006 e eu acabava de entrar para o Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste (HPOPNet/DHI/UFS), quando meu orientador, na época, Antônio Fernando de Araújo Sá, me entregou uma cópia da transcrição de seis entrevistas com barbeiros e cabeleireiros (aproximadamente 235 páginas) realizadas pelo professor Samuel Cohn, do Departamento de Sociologia da Universidade Texas A & M (EUA), e pela professora Silvia Matos, do Departamento de Ciências Sociais da UFS, em 2002. Fiz a leitura dessas entrevistas e entrei, pela primeira vez, em contato com o mundo do trabalho dos barbeiros.

No meio daquele ano, o tema dos barbeiros e cabeleireiros novamente me chamava à pesquisa, com a chegada do professor Samuel Conh ao Brasil. Ele veio a Aracaju para investigar quais os motivos que davam ao setor de higiene pessoal² grande importância no cenário sergipano entre os anos 1940 e 1980. Segundo Conh, os barbeiros e cabeleireiros eram centrais em sua pesquisa, já que Sergipe era o estado brasileiro que possuía o maior número desses profissionais tendo em consideração o tamanho de sua população e sua pequena extensão territorial. Tive uma semana de experiência de campo, onde fui um “intérprete”, no sentido etnográfico clássico do termo, de um pesquisador estrangeiro em minha cidade natal. Essa foi a primeira vez que tive oportunidade de conversar com barbeiros e cabeleireiros, muito embora esse universo não tivesse se tornado ainda um dos meus “objetos de estudo”.

¹ Estou entendendo como distintos os termos ofício e profissão. O primeiro se refere aos saberes relacionados a uma atividade laboral que são passados de uma geração a outra através da oralidade, em que predominam o fazer com as mãos e que se desenvolve num ambiente que tem suas origens na oficina medieval. O segundo está mais relacionado ao conhecimento especializado e escolarizado que exige, pelo menos atualmente, intensa formação contínua e um ambiente de trabalho que siga uma lógica próxima da empresarial. Os significados de oficial ou artífice em contraposição ao termo profissional serão mais bem detalhados no próximos capítulos dessa Dissertação. (CASTEL, 1998; SENNET, 2009; CERTEAU, 2011).

² Para os fins dessa Dissertação, entendo setor de higiene pessoal do mesmo modo que o Professor Samuel Cohn, (2007/2008). Ele segue as indicações da Convenção Brasileira de Referência para a Indústria, que considera barbeiros, cabeleireiros, manicures e também treinadores de ginásio como pertencentes ao setor de higiene pessoal.

Coincidentemente, estavam abertas as inscrições para os projetos PIBIC, por parte dos orientadores, junto a COPES/POSGRAP, momento oportuno para que o professor Fernando Sá resolvesse propor o projeto intitulado “*Cabelo, barba e bigode*”: *memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007)*, na área de história, que terminou por ser aprovado. O projeto foi desenvolvido durante o segundo semestre de 2007 e o primeiro semestre de 2008, e, após três meses de leitura que versavam sobre a metodologia da História Oral, sobre como entrevistar pessoas, e o que obter durante a produção de tais fontes históricas, sai em busca desses trabalhadores em minha própria cidade. O resultado dessa pesquisa, (que tinha como foco inicial somente os barbeiros) foram nove entrevistas transcritas em aproximadamente 180 páginas (histórias de vida) e um trabalho de conclusão de curso que realizei sob orientação desse mesmo professor, intitulado *História e Memória dos Barbeiros em Sergipe (1960-2008)*.

Agora, no Mestrado em Antropologia da UFS, sob orientação do professor Frank Nilton Marcon e participando das discussões do Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas (GERTS/NEAB/UFS), me encontrei diante de um novo problema de pesquisa, com o mesmo tema, que pode ser colocado a partir da leitura de uma passagem da transcrição da entrevista que realizei com o cabeleireiro Edgar Ribeiro Filho, de pai e avô barbeiros, com uma filha cabeleireira, mas que atua somente com clientela masculina:

Venho de uma família de, de profissionais dessa área. Que... é, a denominação, no passado, era realmente barbeiro. (...) Que barbeiro tá se referindo só a barba. Mas o barbeiro não executava só o serviço de barba. Ele executava o serviço de cabelo e barba. (...) Só que com o passar do tempo, com a evolução, com o progresso científico tecnológico, a nossa profissão, de barbeiro, também entrou nesse contexto como tudo entra. (...) Nada fica estacionado. A profissão, como todas as profissões entraram no processo da lei do progresso. E o barbeiro passou a ter necessidade de se atualizar, a nível profissional, inclusive de buscar, novos cursos. (...) Porque, no passado, pelo atraso, o homem, o profissional barbeiro, ele só cortava cabelo de homem. E mulher, só cortava cabelo com mulher. Mas com a modernidade, o profissional, dessa área, passou a se denominar de cabeleireiro. Por que cabeleireiro? Porque ele, a profissão tomou, uma conotação mais ampla e ele passou a executar tanto serviços feminino quanto masculino. (...) o barbeiro trabalhava com a tesoura em cima do pente. Não sei se você quando observar eu cortando, ou um barbeiro. Certo, mas, você vê o seguinte, que a profissão não acabou, nem vai acabar. Por que, a gente ainda usa a técnica antiga. (...) Ainda usa e feliz de quem sabe usar. Por que ele vai fazer um corte masculino com mais perfeição. (...) Meu pai era comunista autêntico! (...) eu aprendi com meu pai, que veio realmente, foi barbeiro mesmo na expressão da palavra. (...) Ele tinha uma característica: ele só andava de branco. (...) Naquela época de meu avô barbeiro trabalhava

dia de sábado na feira. Porque o, o povo do interior, particularmente, só cortava cabelo e fazia barba dia de feira. (...) Um dia festivo, onde as pessoas saíam da zona rural, do povoado pra fazer compras, pra passar a semana, aí vestiam uma roupinha melhor, é quando tinham oportunidade e queria tá com a barba feita e com o cabelo feito. Daquela época o pessoal só fazia barba no barbeiro.

O primeiro dado importante que o excerto da entrevista com o cabeleireiro Edgar nos apresenta, é sobre se os barbeiros estariam em extinção. Esta discussão foi evitada durante minha pesquisa monográfica, uma vez que seria muita ousadia afirmar a extinção de uma atividade laboral que continuava a existir e, acima de tudo, a resistir. Ousadia ainda maior quando a pesquisa não contemplava o interior do estado de Sergipe, onde as atividades mais tradicionais, se é que posso assim dizer, dos barbeiros, resistem por mais tempo.

Contudo, a narrativa de Edgar é singular quando ele usa termos como “evolução”, “progresso científico e tecnológico” ou “lei do progresso”; é notável como ele coloca os barbeiros como trabalhadores que estão se transformando em cabeleireiros tendo como justificativa a modernidade. É relevante também como ele resolve a discussão sobre a “extinção dos barbeiros” de forma não trágica: “a profissão não acabou, nem vai acabar. Porque, a gente ainda usa a técnica antiga”. Nesse sentido, o excerto se afina com grande parte das histórias de vida que reunimos durante nossa experiência de campo. Elas são construídas em relação a um presente “moderno”, onde o mundo dos barbeiros é caracterizado pela decadência e pela idealização do passado.

Um segundo tipo de recorrência nas narrativas dos barbeiros, que pode ser observada na passagem acima, é a menção da atividade laboral de cabeleireiro. É comum entre os barbeiros contar a história de seu ofício mencionando outro tipo de trabalhador que possui tarefas laborais parecidas com as suas. Nesse processo, o cabeleireiro é qualificado por alguns barbeiros mais antigos como trabalhador de péssima qualidade, adjetivo atribuído principalmente se o cabeleireiro for gay ou mulher. Então, o que parece ser apenas uma confusão acerca da definição do trabalho do barbeiro e do cabeleireiro, das fronteiras entre atividades laborais similares, se transforma numa discussão de gênero e identidade profissional. Como diz Claude Dubar, ‘os termos fazem sofrer’. As palavras estão no cerne dos processos identitários que podem ser sintetizados em três experiências-chave: a multipertença, o desenraizamento e o dilema da naturalização, e resumir num esquema identitário marcado pelo ‘paradoxo da ilegitimidade’ mas também pela ‘dinâmica das gerações’ (DUBAR, 2006, p.160).

Sem querer demarcar qual a essência desses dois tipos de trabalhadores, mas só a título de estabelecer o problema de nossa pesquisa, sou levado a colocá-los em oposição. Se separarmos barbeiros de cabeleireiros e relacioná-los ao já conhecido embate do tradicional com o moderno, teremos os barbeiros representando a tradição, o campo, a dimensão da arte/ofício, o masculino, o saber prático adquirido oralmente; e os cabeleireiros representando o moderno, a cidade, a dimensão da técnica/profissão, o unissex, o saber escolarizado.

Visto que os barbeiros relembram seu passado em relação a um presente que eles caracterizam como moderno, e que a narrativa de vida destes trabalhadores está permeada pela presença de outro tipo de trabalhador (o cabeleireiro) que eles desqualificam, me pergunto o que estas duas recorrências querem dizer sobre estes artífices. É patente que o mercado de trabalho dos barbeiros está se transformando, porém, estariam os barbeiros diante de uma nova ordem? Seriam os barbeiros tradicionais e os cabeleireiros modernos? Se sim, até que ponto? Que transformações são essas? Como eles resistem ou se adaptam a ela? Que argumentos são utilizados por esses artífices para demarcar o entendimento de diferença em relação aos cabeleireiros? Quem são socialmente os barbeiros em Aracaju?

Minha hipótese é que, a narração do cotidiano do ofício como uma encruzilhada parecida com a de Robert, dono de mercearia parisiense, imortalizado nas reflexões de Pierre Mayol sobre o Bairro da Croix-Rousse, no segundo volume d' *A Invenção do Cotidiano*, cujo trabalho é “se manter modernizando-se, sem nada perder de uma prática comercial pertencente ao antigo sistema de sociabilidade” é, na verdade, a apresentação da passagem de uma ordem masculina para uma ordem unissex, nos últimos 50 anos (MAYOL, Pierre: In: CERTEAU, Michel de, 2011, V.2, p.118). Isto nos leva a pensar que essa passagem coincide (ou provoca?) com a modificação de um mercado de trabalho onde predominavam os ofícios, cujos saberes eram transmitidos oralmente, para um mercado de trabalho de atividades laborais pautadas por um saber escolarizado. Porém, o problema pode ser ampliado, na medida em que tal passagem é relacionada pelas narrativas de vida tecidas pelos barbeiros com o processo de modernização³ da cidade de Aracaju, entendida enquanto transformações nos espaços urbanos, cujas influências se fazem sentir no cotidiano das barbearias.

Para defender essa hipótese, utilizarei dados das observações de campo e das entrevistas que colhi durante minha graduação em História, além das entrevistas realizadas

³ A discussão sobre o significado dos termos modernização e modernidade será encontrada mais a frente, no 1º capítulo desta Dissertação.

pelo professores Samuel Cohn e Silvia Matos no ano de 2002. Nesse sentido, é importante ressaltar que a passagem da ordem masculina para a ordem unissex, crucial para captar o fazer atual do artífice barbeiro, pode ser entendida como resultado de um “esforço intelectual”, nos termos de Clifford Geertz (2001), de saber a que os barbeiros estavam se referindo durante as entrevistas, quando utilizavam expressões como: “hoje é cabeleireiro, não é mais barbeiro”; “não se usa mais o nome barbearia, é salão de beleza, ou barbearia unissex”, “antes havia um respeito pelo trabalho, a gente usava guarda-pó e trabalhava de gravata”, ou ainda, “o profissional tem que se atualizar, buscar cursos de aperfeiçoamento, acompanhar as mudanças...”.

Tenho que ressaltar que esta Dissertação não trata dos cabeleireiros, muito embora eles sejam mencionados nos momentos em que é preciso descrever o ofício de barbeiro. O cabeleireiro, cujo saberes e ambiente de trabalho se assemelham com os do barbeiro, é, apesar disso, outro tipo de trabalhador, com uma história laboral específica, que exige um diferente tipo de tratamento, possível em outro estudo. Porém, meu interesse também não está em todos os barbeiros de Aracaju, nem tampouco nos barbeiros do interior de Sergipe. Por uma questão de delimitação de campo, minhas reflexões partem de um grupo específico: “os velhos barbeiros” de Aracaju. Isto porque eles partilham das mesmas experiências, de uma memória do ofício em comum, onde prevalece a idealização do passado, a crítica aos novos trabalhadores com os quais concorrem no mercado de trabalho atual, as dificuldades durante o “tempo dos cabeludos”, a experiência migrante e o testemunho das transformações que ocorreram na cidade. Essa forma de circunscrever metodologicamente o meu trabalho tem sua origem no desenvolvimento de campo, quando os entrevistados acabaram guiando a pesquisa fazendo indicações “daqueles que tinham algo a dizer”. No final, andei dentro de um círculo específico constituído por barbeiros que atuaram ou atuam no Bairro Centro⁴ da capital de Sergipe e viveram a “Aracaju romântica” das décadas de 1940 e 1950 (MELINS, 2007). Nesse sentido, é interessante lembrar que a memória de um grupo acaba, muitas vezes, dando a sensação de sua constituição enquanto tal (HALBWACHS, 2006; DELGADO, 2006).

⁴ Refiro-me ao Bairro Centro, que compreende a região circundada pelas Avenidas Coelho e Campos, ao norte, Barão de Maruim, ao Sul, Ivo do Prado, a leste, e Pedro Calazans, a oeste. Esse bairro tem como principal característica ser eminentemente comercial. Porém, nos dias atuais, não se deve confundir o centro comercial da cidade com o Bairro Centro, o que era verdade nas décadas de 1940 e 1950, quando Aracaju era monocêntrica (VILAR, 2002). Atualmente, há vários centros comerciais na capital sergipana, como a região adjacente as Ruas Bahia e Santa Catarina, no Bairro Siqueira Campos, por exemplo. (ver Mapa da pág.51)

A intenção é explicar o que esse conjunto de narrativas de vida diz sobre a atividade laboral de barbeiro após serem tecidas. Por isso, a análise aqui empreendida foi inspirada na ideia de “descrição densa” de Geertz (2011), muito embora não possa chamá-la de etnografia no mesmo sentido. Talvez devido ao fato de que as entrevistas realizadas com os barbeiros tenham sido colhidas com outra intenção: o levantamento de fontes históricas. Porém, não se pode esquecer que a metodologia da História Oral tem uma dimensão etnográfica, como defendem alguns autores. José Carlos Sebe Bom Meihy (2005) mostra, por exemplo, que esse recurso metodológico é dividido na parte teórica, onde se acumulam informações sobre o grupo que será estudado, e uma parte prática que se centra na realização da entrevista. Durante a parte prática, o autor sugere inclusive a utilização de um caderno de campo que “deve funcionar como um diário íntimo no qual são registrados inclusive os problemas de aceitação das ideias dos entrevistados, bem como toda e qualquer reflexão teórica” (MEIHY, 2005, p.187).

De todo modo, partilho da ideia de que a “etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual” (CLIFFORD, 1998, p.21). A proposta é, portanto, no que se refere aos barbeiros e barbearias, “esclarecer o que ocorre em tais lugares para reduzir a perplexidade... a que naturalmente dão origem os atos não familiares que surgem em ambientes desconhecidos” (GEERTZ, 2011, p.12). O trabalho aqui realizado é direcionado a tomar o que vi, escutei e senti durante a pesquisa de campo, e também ter as entrevistas/transcrições como “um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles pertencem. (...) [Espera-se] “dizer alguma coisa sobre algo, e dizer isso a alguém” (GEERTZ, 2011, p.213).

Penso que a escolha desse referencial metodológico resolve um problema, sobre o qual fui questionado no desenvolvimento desta Dissertação, que se refere ao tempo que passei em campo e ao tipo de experiência que tive, uma vez que, inicialmente, minha pesquisa tinha um viés historiográfico. Ora, as reflexões da Antropologia Interpretativa nos avisam que “o etnógrafo sempre vai embora, levando com ele textos para posterior interpretação (e entre estes “textos” podemos incluir as memórias)... O texto, diferentemente do discurso, pode viajar... [Acontece como] uma tradução da experiência de pesquisa num corpus textual separado de suas ocasiões discursivas” (CLIFFORD, 1998, p.41).

Nesse sentido, devo explicar que as entrevistas gravadas ou transcritas não me informavam muito sobre o que os artífices barbeiros estavam dizendo no momento da experiência de campo. Ao contrário, foi lendo, escutando e refletindo sobre elas com o auxílio da teoria antropológica, guardadas as distâncias de tempo, que o tema enfim apresentou um significado mais profundo. Ou seja, procurei saber o que os barbeiros me diziam sobre sua vida de trabalho nos ditos e não-ditos, nos silêncios, nas recorrências de uma entrevista para outra, ou cruzando essas leituras com a lembrança de certas situações que presenciei, ou mesmo com a utilização de leituras bibliográficas não utilizadas anteriormente (POLLAK, 1989).

No fundo, boa parte do material de trabalho desta Dissertação tem como base a memória: tanto minhas lembranças da pesquisa de campo, quanto as lembranças dos artífices barbeiros. Memórias transformadas em texto: sejam as dos barbeiros, no ato da transcrição das entrevistas, sejam as minhas fazendo parte deste texto dissertativo. Aliás, a memória, tida como a capacidade da mente humana de reter fragmentos do que se passou, viabiliza este trabalho, já que a “lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada” (HALBWACHS, 2006, p.91). Ou seja, por mais que as entrevistas tenham sido realizadas com intenções historiográficas, as perguntas formuladas e as respostas oferecidas atendiam a interesses atuais. Nesse sentido, ao longo dos capítulos seguintes, intercalo minhas experiências pessoais de vida, nas quais incluo as experiências de campo, com as experiências de vida dos barbeiros, que consegui colher através de um recurso tecnológico: o gravador. Muitas vezes, para tornar a narrativa dessa Dissertação mais inteligível me coloco na posição de cliente, na posição de alguém que poderia ter se tornado barbeiro ou na posição de pesquisador.

Por ser um campo móvel, em permanente reconstrução, a memória se torna um meio importante, como diria Johannes Fabian, de romper com “as oposições binárias” e postular “que tradição e modernidade não podem entrar em confronto se não estão relacionadas uma à outra, assim como o passado está relacionado ao presente” (FABIAN, 2010, p.25). Por que não dizer, então, que o conceito de memória possibilita a análise das cadeias de oposições que são encontradas em confronto no caso dos barbeiros (passado/presente; tradicional/moderno; campo/cidade; ofício/profissão; barbeiro/cabeleireiro; masculino/unissex), como observamos no excerto da entrevista com o cabeleireiro Edgar, mais acima. Ao que parece, todas elas

apontam para um contexto de transformações dentro do ofício estudado aqui, mas também fora dele, no mercado de trabalho e na capital sergipana.

Abrindo parênteses, trabalhar com a memória talvez ajude a sanar uma das inconsistências verificadas por Celso Azzan Júnior acerca do programa da “descrição densa” de Clifford Geertz, em cuja “etnografia, o texto aparece impositivamente; os sujeitos que interagem na vida social, uma vez retratados no texto, perdem a dimensão de suas vidas, quase não aparecem, a não ser quando descritos” (AZZAN Jr., 1993, p.174). Isto porque, durante a realização da entrevista, no ato da rememoração, os barbeiros se contrapunham, nos termos de Michel de Certeau, ao espaço próprio, à situação hegemônica, ou seja, “a narrativização das práticas seria uma “maneira de fazer” textual, com seus procedimentos e táticas próprios” (CERTEAU, 2011, p.141).

Não por acaso, esses trabalhadores possuíam intenções ao responder as perguntas que lhes eram dirigidas. Diante de um acadêmico que vinha lhes perguntar sobre sua vida laboral, os barbeiros reclamavam dos cabeleireiros, das mulheres, dos gays, idealizavam o passado de grande quantidade de clientes, onde os artífices se “respeitavam”, subvertiam, enfim, a situação de “homem ordinário” (CERTEAU, 2011). A memória “mediatiza transformações espaciais. Segundo o modo do “momento oportuno” (kairós), ela produz uma ruptura instauradora. Sua estranheza torna possível uma transgressão da lei do lugar. Saindo de seus insondáveis e móveis segredos, um “golpe” modifica a ordem local” (CERTEAU, 2011, p.149). Ou seja, as entrevistas contavam sobre o “naquele tempo” como o tempo do barbeiro, em relação ao “agora” como tempo do cabeleireiro.

Portanto, a proposta desta Dissertação, que tem como título O ofício de barbeiro: memória, tradições e modernidades, procura situar essa atividade laboral no contexto mutante da cidade de Aracaju, no que se refere principalmente as transformações no âmbito dos costumes, mas que tem relação com o mercado de trabalho e também com a discussão sobre o que seria a modernização da cidade. É bom frisar que, se é supostamente possível explicar didaticamente nosso trabalho colocando as décadas de 1960 e 1970 como limite entre o antes, o tradicional, o barbeiro, o masculino, e o depois, o moderno, o cabeleireiro, o unissex; divido também a Dissertação em capítulos com relação semelhante: no primeiro analiso o contexto de mudança (a cidade de Aracaju), no segundo descrevo o ofício antes, na Aracaju dita tradicional, e no terceiro descrevo o ofício depois, na Aracaju dita moderna. Dessa forma, acredito demonstrar a transição da ordem masculina e da ordem dos artífices (no que se refere

ao mundo do trabalho) para a ordem unissex e a ordem das profissões escolarizadas na capital sergipana, através das memórias e do cotidiano dos barbeiros e cabeleireiros que observei.

No primeiro capítulo, Os barbeiros e o discurso sobre a modernização de Aracaju, tentarei apresentar o cenário de muitas transformações que afetaram o artífice barbeiro, situando nosso período de análise entre a segunda metade do século XX e a primeira década do século XXI. Nesta parte, tentarei demonstrar como as narrativas sobre a modernização de Aracaju tecidas pelos barbeiros são carregadas de ambiguidades, já que o que para eles parece ser a Aracaju moderna é, na verdade, uma cidade cujo mercado de trabalho parece não lhes oferecer mais espaço, onde o desemprego é crescente, onde faltam oportunidades para uma vida melhor. Estes artífices se colocam como testemunhas que vivenciaram as transformações dos espaços urbanos. A memória do ofício se constrói tendo como pano de fundo temas que, na visão deles, transformaram a capital de Sergipe em uma cidade moderna: a migração, o “tempo dos cabeludos” (Jovem Guarda), o crescimento vertical e horizontal da cidade; a descoberta de petróleo em Carmópolis (que significou o crescimento da economia do Estado) e a descentralização do centro comercial de Aracaju do bairro Centro para outros bairros. Nesse sentido, o destaque é dado para as décadas de 1960 e 1970, entendidas como décadas chave deste processo.

O segundo capítulo, O ofício de barbeiro, é na verdade a descrição do saber-fazer, das ferramentas e do espaço de trabalho (a barbearia, entendida enquanto espaço masculino) do barbeiro. Trata-se de uma tentativa de caracterização deste artífice como adotante de uma postura que representa a ordem masculina, um trabalhador que possui habilidades para lidar com homens. É o momento do trabalho em que aliamos as narrativas de vida dos barbeiros com nossas observações de campo nos detendo nas sutilezas, nos detalhes, para apreender que a escolha do ofício surge e se desenvolve na relação entre homens. Nesse sentido, tento explicar que o principal fator de identificação dessa atividade laboral faz referência ao trato com “homens de respeito”, com “pais” e/ou “homens de família”, pessoas que “possuem honra”, que estão imersos no que Pierre Bourdieu (1999) chama de “dominação simbólica masculina”.

Por fim, no último capítulo, O ofício de barbeiro: memória, tradições e modernidades, procurei deixar evidente o que chamo de crise da atividade e da moral dos barbeiros, em virtude da falência das relações baseadas na “dominação masculina”. A crise da profissão, mostrada através da idealização do passado, da desqualificação das mulheres e gays como

cabeleireiros (especializado no cabelo de mulher) é, talvez, a crise do masculino. Portanto, a esta altura da Dissertação tentarei mostrar não só as formas pelas quais estes trabalhadores se adaptam a nova ordem unissex ou resistem a ela, mas também o modo como o mercado de trabalho dos barbeiros muda e exige modificações nos salões e na postura do artífice diante do cliente.

1º CAPÍTULO

OS BARBEIROS E O DISCURSO SOBRE A MODERNIZAÇÃO DE ARACAJU

Aracaju tornou-se a capital do Estado de Sergipe em 1855, por decreto do então presidente de província, Inácio Barbosa, interessado em transferir a sede política e administrativa do Estado da cidade de São Cristóvão, antiga capital. Esta cidade nordestina que ocupa a mesorregião do Leste Sergipano, abrange uma área de 181, 8 km² e limita-se: ao norte com o Rio do Sal, que a separa do município de Nossa Senhora do Socorro; ao sul com o Rio Vaza Barris; a oeste com os municípios de São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro; e a leste com o Rio Sergipe e Oceano Atlântico. Sua população atual é de cerca de 460 mil habitantes e sua economia tem no comércio, indústria e turismo as atividades principais (ARAÚJO, 2006).

Muitos foram os autores que discorreram sobre o projeto e a formação da cidade de Aracaju como atendendo aos ideais de modernidade, progresso e urbanização. Sua construção que eliminava os morros, os mangues, os alagadiços e privilegiava o plano, as ruas quadradas, no famoso formato de “tabuleiro de xadrez”, fazia da nova capital o oposto da antiga São Cristóvão. A partir de 1855, data da mudança da capital, a velha cidade fundada por Cristóvão de Barros passava a ser identificada com o passado; enquanto a Aracaju quadrada do engenheiro Sebastião José Basílio Pirro era identificada com o progresso. A transferência da capital para Aracaju é fato considerado importantíssimo na divulgação de uma ideia de identidade sergipana, que deu “nova orientação à evolução vital da comunidade... construída para ser centro comercial e político... centralizou as vias de comunicação, criou um centro cultural e assegurou a hegemonia urbana sobre o campo” (FONTES, 1992, p.10).

Sem dúvida, este fato se tornou uma das grandes problemáticas explicativas dos estudos sobre Sergipe e, talvez por isso, grande parte dos trabalhos tenha tentado explicar como vem se processando a modernização de Aracaju, processo às vezes identificado como o ingresso do pequeno Estado na modernidade. Porém, tais pesquisas geralmente se debruçam sobre os avanços da modernização (como a chegada da luz elétrica ou do serviço de telefonia, das largas avenidas e grandes praças e da instalação de indústrias, por exemplo) apresentando quadros um tanto quantitativos que dão a sensação de que se trata apenas de um processo de evolução, sem efetivas considerações sobre o impacto do que chamam modernização de

Aracaju no cotidiano dos que viviam e vivem a cidade, que são tomados, algumas vezes, como passivos a tal processo.

Alguns trabalhos têm enfatizado a segregação social dos espaços de Aracaju desde cedo, no começo de sua construção, na virada do século XIX para o século XX (CARDOSO, 2002, p.232). Nascida diante da necessidade de um porto que atendesse as demandas de escoamento da produção agrícola do estado, Aracaju tinha no formato de tabuleiro de xadrez a parte nobre e administrativa da cidade, cujas casas eram de alvenaria, a maior parte delas correspondendo a prédios da administração oficial, construídas atendendo aos princípios mais recentes dos códigos de postura da época e prezando pelo que se julgava a beleza urbana do período, influenciada por noções europeias. Fora dos limites do “quadrado de Pirro”, existiam as “casas de palha”, insalubres e sujeitas aos incêndios. Eram essas as moradias dos migrantes do interior de Sergipe, principalmente (CARDOSO, 2003).

Outros trabalhos apresentam a construção de Aracaju como um processo que se desenvolvia “negando o passado e negando a natureza”, onde se entendia “a cidade moderna como um constante devir cuja arquitetura foi delegado o poder de substituir a natureza” (SANTOS, 2007, p.74). É nesse sentido, inclusive, que Aracaju nasce fundada no que o professor Walderfrankly Rolin de Almeida Santos chama de “tradição de intervenção sobre a cidade” (SANTOS, 2007, p.80). Nesse processo, a paisagem urbana é alterada constantemente, alteração que geralmente parte da administração oficial ou das elites econômicas e políticas da cidade, à revelia das interações sociais diversas que acontecem cotidianamente em seus espaços.

As pesquisas vão desde a análise do discurso modernizador presentes em escritos de atores sociais “audaciosos”, intelectuais oriundos de famílias ricas (como Augusto Leite, Prado Sampaio, Florentino Teles de Menezes, entre outros) que atuavam na imprensa ou em órgãos públicos preocupados com o que denominavam de modernização de Aracaju (SOUSA, 1993); passando por artigos que tratam da ereção de “monumentos que possuíam uma forte preocupação com o estilo, com a monumentalidade e com a modernidade” da cidade (NASCIMENTO & SANTOS, 2003, p.229); até estudos sobre a implantação do serviço de luz elétrica (SANTOS, 2003) ou da chegada dos automóveis na capital sergipana (MAYNARD, 2009).

Abarcando épocas mais recentes, o livro *O Ambiente Urbano: visões geográficas de Aracaju* (2006), organizado pelo professor Hélio Mário de Araújo, é uma importante

contribuição de pesquisadores ligados ao Departamento de Geografia da UFS, no sentido de que os diversos artigos que compõem esta coletânea podem fornecer a confirmação da transformação de Aracaju no que os estudiosos dessa área chamam de metrópole, nos últimos 50 anos. Os autores desta obra se utilizam de dados oficiais do IBGE, que apontam transformações na vegetação natural que vem sendo degradada; a expansão da população aracajuana, o que repercute no surgimento de numerosos bairros de periferia; a descentralização do centro comercial e o crescimento horizontal e vertical de Aracaju, por exemplo.

Em todo caso, são os espaços, os monumentos, os prédios, a evolução da ocupação humana, os transportes, a degradação da natureza os personagens centrais dos estudos sobre Aracaju; onde modernidade e modernização acabam sendo termos quase sempre presentes ao debate sobre a cidade, muito embora tais termos, às vezes, não sejam bem entendidos ou explicitados. Por outro lado, os atores sociais cotidianos, os que vivem, andam e travam relações sociais na cidade aparecem como coadjuvantes nesses estudos, sejam personagens que participam ativamente, sejam aqueles que resistem às transformações e intervenções urbanas.

Dado que esta pesquisa se refere a uma atividade laboral, talvez seja importante explicar como a memória do ofício de barbeiro tece um discurso sobre a modernização de Aracaju, para eles entendida enquanto crescimento, transformações e intervenções nos espaços da cidade. A modernização de Aracaju, nestas narrativas de vida, é identificada como avanços do progresso, mudanças nos costumes, dos processos de trabalho, das interações sociais que são desenvolvidas nas barbearias, e também nos salões de cabeleireiros, enquanto espaços da cidade onde as pessoas se encontram, conversam ou se informam acerca dos mais diversos assuntos. Nesse sentido, minha investigação parte dos trabalhadores entrevistados para entender a relação do tema dos barbeiros com o tema da modernização de Aracaju, e não ao contrário.

Penso este grupo de artífices, inicialmente, como portadores de saberes tradicionais, no sentido de que são saberes relacionados ao masculino, à ideia de família que tinha no homem a figura do chefe e mantenedor da casa. Os barbeiros podem ser muito bem relacionados aos “representantes que ontem simbolizavam famílias, grupos e ordens, [que] se apagam da cena onde reinavam quando era o tempo do nome. [Eles perdem espaço para tempo] do número, da democracia, da cidade grande, das administrações, da cibernética”

(CERTEAU, 2011, vol.1, p.55). É nesse sentido, de igual modo, que se pode entender o excerto da entrevista com o cabeleireiro Edgar Ribeiro Filho, na parte introdutória desta Dissertação, no qual ele coloca as transformações que ocorrem dentro da atividade laboral do barbeiro como resultantes das “forças do progresso”. Na verdade, é comum encontrar nas entrevistas com barbeiros e cabeleireiros a relação, em um ou outro momento, entre as mudanças no modo de ver e viver Aracaju e as transformações que ocorrem dentro do fazer cotidiano do ofício. Dessa forma, é preciso entender qual a relação entre a atividade laboral de barbeiro e a cidade, palco em que ela desempenha uma função social.

A cidade pode ser definida, a luz de Michel de Certeau, pela produção de um espaço próprio, pelo estabelecimento de um não tempo e por se tornar um sujeito universal e anônimo, como um “lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade” (CERTEAU, 2011, vol. 1, p.160 e 161). Porém, o conceito de cidade também pode ser entendido a partir de seu oposto, ou seja, a partir daquilo que ela não seria: o campo. “A cidade é um “campo” de observação singular, por ser lugar de fronteiras delimitadas e por caracterizar sociologicamente um *modus vivendi* distinto do rural, passível de balizamento social, populacional, espacial e temporal” (MARCON, Frank IN: LEITE, 2008, p. 92).

Por essa linha o termo cidade é aliado ao termo modernidade. Anthony Giddens explica que a “‘modernidade’ refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1991, p.11). Com a pretensão de explicar que estamos alcançando a radicalização e a universalização da modernidade, e não, ao contrário, adentrando outro período, que seria o pós-moderno, este autor caracteriza a modernidade por sua natureza dinâmica, que deriva da separação do tempo e do espaço, do desencaixe dos sistemas sociais e da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais (GIDDENS, 1991, p.25). A modernidade é entendida como um fenômeno social, momento ou estágio específico em que a sociedade alcança os diversos elementos que a compõem: industrialização, construção, urbanização, desenvolvimento de mercados, formação de elites ou democracia (BERMAN, 2007).

O termo modernização tem mais a ver com as etapas e/ou caminhos de um projeto para alcançar esse estágio de progresso e bem-estar social. Para Nestor Garcia Canclini, são

“quatro movimentos básicos que constituem a modernidade: um projeto emancipador, um projeto expansionista, um projeto renovador e um projeto democratizador” (CANCLINI, 2011, p.31). Assim, modernização pode ser entendida enquanto um processo de instalação de avanços, como “uma industrialização sólida, uma tecnificação generalizada da produção agrária, uma organização sociopolítica baseada na racionalidade formal e material” (CANCLINI, 2011, p.24). A cidade, então, é o local privilegiado onde esse projeto modernizador acaba sendo empreendido.

Marshall Berman discute dois tipos de modernização: a espiritual, “encarada como uma espécie de puro espírito, que se desenvolve em função de imperativos artísticos e intelectuais autônomos”; e a material “complexo de estruturas e processos materiais - políticos, econômicos e sociais - que se desenvolvem por conta própria, com pouca ou nenhuma interferência dos espíritos” (BERMAN, 2007, 158). Essas duas modernizações devem ser analisadas e encetadas conjuntamente, o que para ele muitas vezes é perdido de vista, para alcance da modernidade. Esta parece ser entendida por Berman como um estágio fixo, ou vários estágios fixos, já que, mais a frente, ele diz que “o fato de que você não pode pisar duas vezes na mesma modernidade tornará a vida moderna especialmente indefinível, difícil de apreender” (BERMAN, 2007, p.172).

Meu interesse principal está nos artífices barbeiros de Aracaju, que se colocam na posição do que há de tradicional da cidade, uma vez que associam suas origens localizadas no interior do estado, local onde aprenderam o saber-fazer do ofício. Na zona rural, segundo suas narrativas de vida, o conhecimento necessário ao desenvolvimento dessa atividade laboral é passada de pai para filho. A família patriarcal se constitui uma referência importante para este tipo de migrantes das décadas de 1950, 1960 e 1970, cujas relações de parentesco vão influenciar as relações pessoais do ambiente laboral na cidade. O artífice barbeiro surge, como será visto em detalhes no segundo capítulo desta Dissertação, a partir das relações entre homens e gerações.

Aliás, o Professor Samuel Cohn, pioneiro nos estudos sobre os barbeiros e cabeleireiros em Sergipe, em seu artigo *When Sergipe led Brazil: the golden years of employment for barbers and beauticians (1940-1980)*, já relacionava estes artífices com as transformações urbanas. Analisando os fatores que explicariam o expressivo número de barbeiros e cabeleireiros em Sergipe, tendo em conta o tamanho do estado e o tamanho do seu mercado de trabalho nesse período de tempo, sua hipótese é que o fator central estaria nos

baixos aluguéis dos espaços comerciais sergipanos, uma vez que a atividade laboral de barbeiro é extremamente dependente deles. “Sergipano rents were low because of the low level of economic development of Sergipe, the substantial quantity of available buildings in Sergipe, and the low level of verticalization of Sergipe architecture” (COHN, 2007/2008, p.13).

Contudo, os baixos aluguéis em Sergipe não são o único fator para a existência de significativo número de barbeiros, e também de cabeleireiros. Primeiramente, e talvez mais importante, é necessário considerar a especificidade do estado, de pequenas dimensões territoriais, e de sua capital, caracterizada pela primazia urbana. Pelo menos entre 1940 e 1970, Aracaju foi capaz de “absorver quase todo equipamento encontrado em Sergipe”, dando ao estado essa qualidade macrocéfala (TELES, Edvaldo: In: ARAÚJO, Hélio Mário de, 2006, p.69). Isto é ainda mais verdadeiro quando temos em conta apenas os barbeiros, uma categoria extremamente popular, caracterizada pela experiência migrante.

Tal especificidade é importante porque torna a capital de Sergipe o principal destino de migrantes do estado e estados vizinhos, entre os quais encontramos os “velhos barbeiros” que tive oportunidade de conversar e entrevistar (SANTOS, 1976; SANTOS & OLIVA, 1998; DANTAS, 2004). Pelo menos entre 1940 e 1970, Aracaju era irrigada por migrantes que tinham como características principais: a baixa escolaridade e o fato de fazerem parte do que a antropóloga Eunice Ribeiro Durhan chamou de “comunidade tradicional, que define para o homem um universo personalista”, que procura um ambiente urbano onde possa viver sem seguir à risca o ritmo da cidade industrializada e sem perder totalmente os padrões de vida do campo (DURHAN, 1973, p. 76). Assim, em razão de Aracaju não ser uma cidade solidamente industrializada nas “décadas de ouro”, como Murillo Melins chama as décadas de 1940 e 1950 (2007) ela atraía, em parte, esse tipo de migrantes. Diga-se de passagem, a capital de Sergipe sempre teve no setor do comércio, a atividade econômica mais importante (TELES, Edvaldo: In: ARAÚJO, Hélio Mário de, 2006; DANTAS, 2004).

Acredito que com essas digressões relacionamos o tema dos artífices barbeiros com o tema da cidade. No meu entendimento, como explica o artigo do professor Samuel Cohn, as numerosas barbearias não “contributed significantly to the reduction of poverty and social inequality in Sergipe” apenas (COHN, 2007/2008, p.13). Se se tomar esses ambientes laborais como lugares onde atuam trabalhadores que lidam diariamente com o masculino, onde o serviço central desenvolvido é fazer a barba, espaços em que se faz muito presente a

“dominação masculina”, é possível fazer considerações sobre o tema da modernização de Aracaju do ponto de vista das pessoas que atuam e vivem na cidade. Talvez, pesquisar sobre os barbeiros possa nos ajudar a entender que nem sempre “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes” (GIDDENS, 1991, p.14).

Estou pensando nas barbearias, e nos salões de cabeleireiros também, como pontos de socialização espalhados pela cidade, uma vez que as práticas de sociabilidade permitem “a criação de vínculos entre as pessoas, além de implicar determinadas formas de relação com os equipamentos e espaços urbanos” (TORRES, Lilian In: MAGNANI, 2008, p.72). Não se deve perder de vista que o conceito de cidade também supõe a sua divisão em espaços diferenciados. Travessas, ruas, avenidas, quarteirões, bairros, mercados ou feiras são algumas das denominações possíveis.

Andando pelas ruas de Aracaju, tive oportunidade de observar um exemplo de como as barbearias são e foram espaços de socialização importantes na cidade. Passando várias vezes na frente da barbearia Araújo, que fica próxima ao CEASA (Centro de Abastecimento de Alimentos de Sergipe), em diferentes horários do dia, notei que o salão é aberto logo cedo, pelas sete e meia. O dia e a tarde são utilizados apenas para o trabalho, onde sempre encontrei o barbeiro cortando o cabelo de um ou outro cliente, ao mesmo tempo em que estabelecia uma conversa com quem estava sentado na cadeira. Vez por outra, encontrei clientes esperando sua vez de cortar o cabelo e conversando entre eles.

Porém, quando anoitece, que a lâmpada é acesa emitindo uma fraca luz amarela, vão chegando, de um por um, três amigos do barbeiro. À medida que eles vão chegando quatro bancos são colocados, onde o barbeiro e seus três amigos se sentam, um de frente para o outro. Então, uma mesa de jogo é colocada sobre as pernas deles, que ficam à porta de entrada da barbearia e as cartas são distribuídas. O tempo parece passar lentamente e eles ficam horas jogando, com poucas conversas, concentrados. Mas, engana-se quem pensa que estão alheios à movimentação da vizinhança: observam os moradores que chegam, tecem comentários sobre eles; ou cutucam-se chamando atenção de outros parceiros para uma discussão de casais que parece acontecer na vizinhança da barbearia.

O exemplo acima mostra como a barbearia é um espaço de trabalho, mas ao mesmo tempo de lazer. As barbearias estão integradas às dinâmicas dos bairros onde estão localizadas. Nesse sentido, talvez seja interessante seguir o professor Rogério Proença Leite,

que diferencia espaço de lugar quando diz que “a noção de lugar...[se refere] a demarcações físicas e simbólicas no espaço, cujos usos qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados reflexivamente” (LEITE, 2004, p.35). Assim, sendo lugar um espaço praticado pelas pessoas, parece factível afirmar que a barbearia é um lugar, um espaço praticado cotidianamente nos bairros da cidade. As pessoas utilizam e reconhecem a barbearia como um local que é frequentado por múltiplas motivações: o serviço em si, a conversa dispersa ou o desabafo dos problemas cotidianos.

Há que considerar ainda que as barbearias, pelo menos até a década de 1970, eram espaços praticados exclusivamente por homens. E aqui se pode entrever que um estudo sobre os barbeiros pode fornecer informações sobre a passagem de uma ordem masculina para uma ordem unissex em Aracaju, uma vez que é notório o desaparecimento paulatino dos salões de barbeiros “no estilo antigo”, como eles mencionam nas entrevistas e tendo em vista minha observação de campo no Bairro Centro em Aracaju (observar os Mapas nas páginas 51 e 52). A crise do ofício a que os barbeiros se referem pode ser relacionada às transformações desse bairro, que vem perdendo cada vez mais o que tinha de caráter residencial, dependente direto das atividades comerciais e serviços imediatos.

Com a pretensão de analisar o Bairro Centro em Aracaju, o professor José Wellington Carvalho Vilar (2006), à luz de outros estudiosos da Geografia, como Kátia Loureiro (1983) e Neuza Ribeiro (1989), afirma que a evolução espacial da cidade tem “quatro grandes fases, a partir da transferência da Capital em 1855, que influenciam na dinâmica de seus bairros: período de implantação da cidade (1855-1900); fase de afirmação de Aracaju como sede do poder político-administrativo e econômico de Sergipe (1900-1930); fase de crescimento espontâneo (1930-1964) e a de crescimento acelerado (a partir de 1964)” (VILAR, José Wellington: In: ARAÚJO, Hélio Mário de, 2006, p.45).

Nas três próximas partes deste capítulo, farei considerações sobre os barbeiros nas décadas de 1940 e 1950; no período chave dos anos 1960 e 1970; e sobre as transformações do ofício da década de 1980 até os dias atuais. Essa periodização, que é estabelecida pela memória do ofício, que se reporta distintamente a esses três momentos, quase que coincide com as últimas duas grandes fases da evolução espacial de Aracaju: a de crescimento espontâneo (1930-1964) e a de crescimento acelerado (a partir de 1964). Acredito que, com base nas lembranças dos barbeiros e cabeleireiros entrevistados e da pesquisa de campo,

posso tecer algumas análises do ponto de vista daqueles que vivenciaram a cidade nos últimos 50 anos, no sentido de que a modernização pode ser entendida como “processos sociais... num perpétuo estado de vir-a-ser” (BERMAN, 2007, p.25). Como afirma o geógrafo Wellington Vilar: a formação e consolidação do Bairro Centro em Aracaju, um bairro eminentemente comercial “confunde-se com a própria evolução da cidade” (VILAR, José Wellington: In: ARAÚJO, Hélio Mário de, 2006, p.46).

1. As décadas de 1940 e 1950

Certa vez, logo após a entrevista com o barbeiro Luiz Francisco dos Santos, conversamos sobre a utilidade do relato de vida que acabávamos de gravar, e eu explicava que aquela narrativa que ele tinha tecido seria importante na construção de um trabalho acadêmico que eu iria escrever. Naquele momento, Luiz me deu uma sugestão: “Coloque no título do seu trabalho assim: No Tempo dos Barbeiros...” Hoje, relendo as entrevistas que tive acesso durante minha pesquisa de campo, fico pensando na sugestão que me foi dada, porque ela acaba inscrevendo o “momento do ofício de barbeiro” em um tempo específico: as décadas de 1940 e 1950.

“O Tempo dos Barbeiros”, a que se refere Luiz pode ser confundido com a “Idade de Ouro” de Aracaju, como Murillo Melins designa esses anos. Para ele, esta cidade ainda era provinciana, simples e romântica. Uma “cidade menina” cujos transportes principais eram os bondes e onde o número de automóveis que circulavam em suas ruas pouco passava de uma centena. A Aracaju das bodegas, das feirinhas de natal e quermesses, cujo destaque era O Carrossel de Tobias, divertimento das crianças, na Praça da Catedral. A capital de Sergipe era um lugar de “morros de areia, ruas empicarradas e dos costumes provincianos que acordava sob o estrondo dos bacamartes, bombas, girândolas e ronqueiras, vindas de todos os cantos da cidade anunciando as festas juninas” (MELINS, 2007, p.106).

O Centro de Aracaju passava por obras de saneamento e pela construção do Mercado Auxiliar Thales Ferraz (1949), vizinho ao Mercado Antônio Franco (1926), se consolidando, enquanto lugar de consumo para, em fins da década de 1950, ser “um espaço comercial ambivalente: uma zona de terciário fino e elegante em contraposição a um comércio popular” (VILAR, José Wellington: In: ARAÚJO, Hélio Mário de, 2006, p.55/56). Na zona de

comércio fino passeavam “as famílias, os rapazes e moças elegantes... exibindo seus trajes domingueiros” e, após as 22 horas, depois do recolhimento das pessoas de famílias, transformava-se em lugar de passagem das “mulheres da noite, que respeitando uma discriminação não imposta, vem olhar as vitrines no comércio da vaidade” (MELINS, 2007, p.210/2 11). Já na zona de comércio popular, as referências são, principalmente, os mercados públicos municipais, “das mercadorias que chegavam do interior em canoas e saveiros, ou nos trens de ferro (...) local de convergência de pessoas de todas as classes sociais” que precisavam fazer a feira (MELINS, 2007, p.349).

A memória dos barbeiros não destoa dessas informações acerca do Centro comercial de Aracaju. Pelo contrário, até as confirma, quando localiza as barbearias mais antigas nestas duas zonas de comércio: a de terciário fino e a de comércio popular. Na primeira, por exemplo, estavam localizados na Rua João Pessoa o Salão Moderno e o Salão Democrático, ambos com cerca de oito barbeiros trabalhando. Na segunda, se podia situar o salão do Mercado Thales Ferraz, com cerca de oito barbeiros, e o salão que ficava na parte inferior do Edifício Macedo, que chegava a ter catorze barbeiros atuando, onde hoje há um supermercado de uma grande rede comercial.

Evidentemente, não existiam apenas quatro salões no Centro da cidade, estes são alguns dos mais citados pelos barbeiros que foram entrevistados, o que pode indicar não somente a importância deles para o mundo do trabalho desses artífices (tanto pela quantidade de trabalhadores, quanto pela quantidade de clientes; os números sempre variavam), mas também, por apontar como os salões estavam integrados ao comércio de Aracaju da época. Sobre o Salão Moderno, o barbeiro Luiz afirma:

Salão Moderno. (...) Na Rua João Pessoa. Seu Barreto era o dono do salão. E tinha... umas oito cadeiras. E tinha um Alfaiate no fundo que era... Seu Antônio (incerteza) (...) Era um movimento grande. (...) [Os fregueses] Era quase tudo era médico, esse povo da alta sociedade aí, José Carlos Teixeira. Dr. Luiz Garcia, quando era governador. (...) Marcelo! Filho de Leandro Maciel. Dr. Leandro Maciel tinha uma fazenda. Chamava fazenda Piau, perto do meu pai, município de Pacatuba, pertinho de Brejo Grande. Era... ele e... Melício Machado, o rei do côco. Já ouviu falar? (...) E, quando eu cheguei, eles começaram a cortar comigo, no Salão Moderno.

Sobre os salões situados na região dos Mercados Públicos Municipais, o barbeiro José Rodrigues de Menezes conta:

O Mercado, naquele tempo tinha pouca barbearia. Era pouca mesmo. A barbearia que eu trabalhei aqui era 10, 12, até 14 barbeiros numa barbearia. Era grande. Tinha a do Mercado e tinha uma barbearia lá na esquina onde tem o [supermercado]. Ali na esquina, dentro do Mercado, tinha uma barbearia, mas era pouco barbeiro. Era 6, 7. (...) Isso logo que eu comecei em 1955. (...) Quem cortava os cabelinhos curtos mais, era o povo do interior. Porque vinha de mês em mês. Porque cortando curtinho, rebaixadinho, ele demora mais. E quem mora na cidade, é boemia, cabelão... Meus clientes eram mais do interior. (...) Tinha gente da Barra dos Coqueiros, de Santo Amaro, de muita cidade por aí. (...) Porque eles vinham pra fazer feira e aproveitavam o embate, faziam o cabelo, depois ia embora.

Ao ler fragmentos das entrevistas realizadas com os barbeiros Luiz e José Rodrigues, respectivamente, se pode confirmar não só a tese de Wellington Vilar de que a separação entre um comércio fino e um popular do Centro de Aracaju tem início nas décadas de 1940 e 1950, característica que iria perdurar da década de 1960 em diante; mas também que a cidade de Aracaju, nesse período, era monocêntrica no tocante as atividades econômico-sociais (VILAR, José Wellington: In: ARAÚJO, Hélio Mário de, 2006, p.57). Seguindo a tendência do Centro comercial da cidade, onde os salões de barbeiros com maior número de trabalhadores ficavam concentrados, estes ambientes de trabalho também apareceriam segregados: os da Rua João Pessoa atendendo aos clientes de posse, e os da região dos Mercados recebendo as classes mais baixas.

Contudo, ambos os excertos de entrevistas fornecem ainda informações sobre a presença de clientes do interior do Estado de Sergipe, que frequentavam, pelo menos uma vez ao mês, o comércio da capital. Este dado é muito importante porque mostra como o setor de higiene pessoal conseguia manter o espantoso número de artífices em atividade entre 1940 e 1980, o que talvez responda ao questionamento realizado pelo professor Samuel Cohn (2007/2008) em suas pesquisas. A grande quantidade de barbeiros acabava se beneficiando do que o professor Edvaldo Santos Rocha Teles chamou de “A Primazia Urbana de Aracaju”, compreendendo sua análise entre 1940 e 1970, que pode ser definida “quando um estrato de pequenas cidades é dominado por, no mínimo, uma grande cidade, não existindo muitas cidades de tamanho intermediário” (TELES, Edvaldo: In: ARAÚJO, Hélio Mário de, 2006, p.69). Apesar disso, o barbeiro José Neres Santiago, ou Seu Moura, como é conhecido, narra sobre a pequenez da Capital de Sergipe:

Não, quando eu cheguei [em 1947, Aracaju] tinha bonde. (...) A feira [dos Artífices] daquela época era só no sábado de meio-dia pra tarde. Depois passou a ser diariamente. (...) [Na Rua Carlos Correia], quase que a última casa era ali um Jardim de Infância. (...) pra o lado, pra o fundo, como seja a Rua de Mato Grosso, a Rua de Alagoas e daí por diante. Até a Avenida São Paulo, não existia casa. (...) Viveu a vida toda aquilo ali como um pasto criando animal, corrida de cavalo, (...) Ali, onde é, a DEA... era o quartel do esquadrão. Aonde é o Costa e Silva e a Escola Normal, ali era o pasto do esquadrão. Aonde é a Escola Técnica, (...) chamavam a Baixa-Fria, e o pasto, pasto de Dr. Leandro, (...) Do posto de Gasolina, Aperipê, até aqui o... o Sales, o... Mistão. Ali tudo, da linha de ferro pra lá, tudo ali era mato.

Pensar um pouco sobre o excerto acima e sobre a sugestão que Luiz me deu para o título de meu trabalho acadêmico, não faz apenas ver que o “tempo dos barbeiros” confunde-se com a fase da denominada “Aracaju Romântica”, onde o Bairro Centro “era a grande praça comercial de Sergipe, sem que haja nenhuma outra que possa competir com ela, [cuja influência] chegava a outros Estados” (TELES, Edvaldo: In: ARAÚJO, Hélio Mário de, 2006, p.86). Tanto o fragmento da narrativa de Seu Moura, quanto a sugestão de Luiz indicam como essa fase é idealizada e colocada em contraposição aos dias atuais, momento de realização das entrevistas orais, porque vivida de forma diferente da de hoje. Este é o tempo da navalha, tempo de “profissionais de respeito”, tempo de “clientes de respeito” (diga-se trabalhadores e clientes homens), tempo em que o preço para fazer a barba era mais alto que o preço do corte do cabelo.

Nas décadas de 1940, 1950 e talvez até mesmo na de 1960, acredito que o Bairro Centro de Aracaju era o lugar dos barbeiros entrevistados, no sentido utilizado pelo professor Rogério Proença Leite como “espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve a sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (MAGNANI, 2008, P.32). Nesse sentido, o conceito de lugar pode ser confundido com o de bairro, enquanto espaço que faz intermediação entre a casa e a rua (MAYOL, Pierre IN: CERTEAU, 2011, V.2). Não por acaso, ao tentarem lembrar os salões mais antigos de Aracaju, esses artífices sempre acabavam se reportando a outros espaços de sociabilidade, principalmente bares, restaurantes e cinemas que existiam naquela época.

Seguindo essa discussão, surge outro dado que se relaciona com a crise apontada pelos barbeiros, que está na perda dos referentes espaciais da cidade, em virtude das transformações que ela sofreu nos últimos 50 anos. É interessante notar, por exemplo, que os barbeiros

sempre localizam os salões mais antigos mencionando o “em frente de”, “fica perto de”, “vizinho a”, “próximo a”; para depois citar os cinemas de bairro de Aracaju, hoje extintos, como marcos referenciais (o Cine Rio Branco, Cine Palace, Cine Aracaju, Cine Vitoria). Maurice Halbwachs explica sobre o papel que “as imagens espaciais desempenham na memória coletiva”, “que o local recebe a marca do grupo, e vice-versa”, sobre a “influência que os diversos pontos de uma cidade exercem sobre os grupos que a ela se adaptaram lentamente” (HALBWACHS, 2006, p. 159 e 162).

O mapa da página seguinte é um tanto impreciso no que tange a localização exata dos salões de barbeiros de Aracaju porque foi construído tendo como base as referências da memória do ofício. Contudo, a despeito da imprecisão, é possível tecer algumas considerações importantes. Primeiro, os salões mais citados nas entrevistas realizadas durante minha pesquisa de campo se situavam nas proximidades da Rua João Pessoa, próximo ao antigo Palácio do Governo (atual Museu do Palácio), centro de decisões políticas. Nessa rua, que era chamada zona de comércio fino, destacavam-se o salão Moderno e o salão Democrático. Estes nomes dados aos salões são bastante elucidadores de como os anos 1940 e 1950 eram sentidos pelos barbeiros como uma fase de progresso. Para esses trabalhadores que fugiram da “vida sofrida do campo”, como eles dizem, a fixação em Aracaju significava viver a vida moderna. Marshall Berman, ao analisar os temas cidade, urbanismo, modernidade e modernização na obra de Baudelaire, afirma que o escritor francês torna patente que “a modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização da alma e dos seus cidadãos” (BERMAN, 2007, p.177).

Lembrar dos salões mais importantes é recordar do modo como os barbeiros exerciam um papel ativo na construção da ideia de uma Aracaju Moderna, uma vez que eram nesses ambientes laborais que eles cortavam cabelo e faziam barba de personalidades locais, dos “homens de respeito” que podiam ser identificados com aqueles que são responsáveis pelo desenvolvimento das forças do progresso. O contato com os “fomentadores”, no sentido em que Berman entende este termo ao analisar a obra Fausto de Goethe, figuras (que os artífices chamam de doutores, políticos, desembargadores) que exploram “algumas das mais criativas e algumas das mais destrutivas potencialidades da vida moderna” dava aos barbeiros certo prestígio, uma vez que eles também eram vistos conversando com essas personalidades (BERMAN, 2007, p.79).

Mapa do Bairro Centro: Salões de Barbeiros – Décadas de 1950-1970



- 1 – Salão do Ed. Macedo
- 2 – Salão Valdemar Machado
- 3 – Barbearia do Hotel Palace
- 4 – Salão Continental
- 5 – Salão Ouro
- 6 – Salão Sergipe
- 7 – Salão Democrático
- 8 – Salão Azul

- 9 – Salão Moderno
- 10 – Salão Tesourão
- 11 – Salão Unidos/Parque Salão
- 12 – Vilobaldo Cabelereis

- 1 – Cinema Tupy
- 2 – Cinema Vitória
- 3 – Cinema Rio Branco
- 4 – Cinema Aracaju
- 5 – Cinema Rex
- 6 – Cinema Palace
- 7 – Bar Cacique Chá
- 8 – Cinema Guarany

Nos anos 1940 e 1950 “o cinema representava para alguns setores o progresso, mas não necessariamente a qualidade ou quantidade de filmes produzidos, e sim a quantidade de salas exibidoras” (ALMEIDA, Heloísa In: MAGNANI, 2008, p.166). O Cinema era considerado janela do mundo, as telas passavam a sensação de modernidade. A proximidade em que se situavam as salas de exibição aracaJuanas das barbearias colocava os barbeiros na condição de observadores da vida social da cidade. Dentro da barbearia eles podiam “ver” e podiam “ser vistos”, porém, o que é mais importante, eram vistos lidando com “homens de respeito”. Ser visto trabalhando, para eles tinha o significado de compromisso, de responsabilidade.

Sendo assim, a diminuição dos salões de barbeiros pode ser entendida como uma mudança no modo de praticar o Bairro Centro pelos aracaJuanos, antes bairro com acentuada característica residencial, mas perpassada por atividades comerciais e de serviços, onde as pessoas passavam à procura de lazer e de conversa e não só a procura de transações comerciais. Murillo Melins tece uma crítica quando diz que “devido a falta de preservação das tradicionais festas que eram comemoradas no parque Teófilo Dantas, Praça Fausto Cardoso, o centro da cidade deixou de ser frequentado pelo aracaJuano, tornando-se deserto, sem segurança e esquecido” (MELINS, 2007, p.148). No entanto, é sabido que a relação do aracaJuano com o Bairro Centro, hoje, não pode ser a mesma de 50 anos atrás; ele continua sendo frequentado, talvez não mais por famílias de “homens de respeito”, mas por grupos considerados a margem da sociedade.

2. As décadas de 1960 e 1970

Deixando o período em que os artífices usavam sapatos e vestiam calça comprida, camisa de botão, gravata e guarda-pó para atender “clientes de respeito”; onde os salões atendiam, principalmente, a clientela masculina. Tempo em que os saberes tradicionais sentiam-se confortáveis, onde o conhecimento necessário ao desenvolvimento do ofício de barbeiro podia ser transmitido oralmente e ajudava a construir uma identidade laboral calcada na identidade de gênero, adentramos um período de transição (LOURO, 2007). As décadas de 1960 e 1970 são muito importantes para os barbeiros, porque contraditórias: enquanto alguns artífices falam da pujança econômica de Sergipe que, nesse período, repercutia no setor de

higiene pessoal aumentando o número de clientes; por outro lado essas décadas também representaram transformações no âmbito dos costumes, fazendo surgir trabalhadores e clientes com novas posturas e visões de mundo, ou seja, pessoas mais abertas a um novo entendimento do ser masculino e feminino, trabalhadores que aceitam sem reservas trabalhar com e atender a mulheres e/ou gays.

Em primeiro lugar as questões econômicas. No plano nacional a Ditadura Civil-Militar empreendia a propaganda do “milagre econômico”, que não foi tão milagroso, uma vez que representava a realização de vultosos empréstimos no exterior, que enriquecia o grande capital nacional e internacional e aumentava a disparidade de renda entre ricos e pobres. No entanto, o destaque dos governos militares foi a construção de obras faraônicas, o desenvolvimento da construção civil e o avanço da monocultura para exportação no campo (HABERT, 2003).

Tanto o incremento na construção civil, quanto a expansão da monocultura no campo também são sentidos em Sergipe. Contudo, o fato mais importante para Sergipe foi o surto de desenvolvimento econômico devido aos altos investimentos da Petrobras destinados a prospecção de recursos minerais, que tinham se iniciado na década de 1960 e também devido à descoberta de novas minas no estado de Sergipe. Havia

substâncias de grande importância (potássio, salgema, enxofre, carnalita, halita, taquidrita, magnésio, entre outras). Diante da magnitude das reservas do pequeno Estado, a Petrobras transferiu seu escritório de Alagoas para Sergipe, construiu o terminal petrolífero de Tecarmo em Aracaju realizando investimentos que tiveram grande impacto na economia local. Em face desse potencial, o governo Geisel, dentro da filosofia do II PND, autorizou a implantação de duas grandes plantas industriais em Sergipe: a Petrobras Mineração S/A (Petromisa), em 1976, e a Fertilizantes Nitrogenados do Nordeste (Nitrofétil), em 1978 (DANTAS, 2004, p. 204).

Para os economistas Ricardo Oliveira Lacerda de Melo e Almir do Vale Souza, os investimentos da Petrobrás são algo singular na economia sergipana, cuja característica é possuir uma taxa de crescimento menor em comparação com outros estados da região Nordeste, e em comparação com a economia do Brasil. Porém, esse surto econômico tem sua importância estendida para além das atividades industriais por causa “dos impactos diretos e indiretos importantes nas demais atividades. Paradoxalmente, essa presença, ao implicar uma concentração de investimentos importante na indústria, tornou a economia do Estado vulnerável às mudanças das estratégias da empresa” (MELO & SOUZA, 2009, p.171).

Por conseguinte, não é difícil imaginar que o dinamismo da economia sergipana seria refletido no setor de serviços, aumentando as atividades do Centro comercial de Aracaju. No setor secundário, por exemplo, foi implantado o Distrito Industrial de Aracaju (DIA) e teve desenvolvimento considerável a construção civil, com os investimentos do Banco Nacional de Habitação. Esse período é caracterizado pelo professor Antônio Carlos Campos como de “explosão construtora”, onde o Estado e os governos têm “papel fundamental na dinamização da indústria da construção civil no Estado e de propulsor dos processos migratórios que se intensificaram nas décadas de 1970, 1980 e 1990” (CAMPOS, Antônio Carlos In: ARAÚJO, Hélio Mário de, 2006, p.46).

Evidentemente, isso teve como consequência a criação de muitos empregos (diretos e indiretos) tornando Aracaju um polo atrativo de migrantes que estavam sendo expulsos do campo em virtude da mecanização da lavoura. Aliás, é nesse período que atingimos o auge do fenômeno migratório do campo para o litoral, já verificado nas duas décadas anteriores (SANTOS, 1976). No campo, a produção dava destaque a “laranja, cana-de-açúcar, coco e fumo para exportação e outros produtos que atendem nos mercados locais [e] a pecuária que nos últimos trinta anos, avançou de forma significativa, reduzindo a mão de obra ocupada na agricultura e acelerando o desemprego no campo” (SANTOS & OLIVA, 1998, p.105).

Para os barbeiros, o resultado principal da pujança econômica de Sergipe desse período seria o aumento da população na capital sergipana. Isto representa o surgimento de novos artífices oriundos de “comunidades rústicas” do interior do Estado, que se empregariam no setor de serviços, já que Aracaju nunca teve grande expressividade no setor industrial; e o aumento de clientes nos salões de barbeiros necessitando fazer a barba e/ou cortar cabelo. O barbeiro Luiz conta sobre sua melhor fase na profissão, quando tinha deixado de trabalhar no Salão Azul e começava a trabalhar no Salão Hotel Palace, recém-inaugurado:

Esses freguês [do Salão Azul] foram todos. Dr. Magelo, Dr. Luiz Garcia, Dr. Zé Rolemberg Leite e... como é? Esse pessoal do Banco do Brasil e da Caixa Econômica, que tava construindo o Banco do Brasil ali na frente, que ali era um terreno. Quando, quando inaugurou [o salão do Hotel Palace] aí foi tudo ali. O pessoal funcionário do INPS. Que é IAPC, a gente chamava IAPC. (...) Os barbeiros tudo da gravata, guarda-pó branco e gravata, camisa branca, manga cumprida arregaçada, de gravata, aí quando chegava assim, chegava na porta, pra ficar na porta um pouquinho em pé. “Ói, aí são os barbeiros do hotel. São os barbeiros.” O pessoal passava olhando. “São os barbeiros.” Se destacava. É se destacava (pausa). Aí... Aí... estourou mina de petróleo em Sergipe. Que não tinha petróleo. (...) O salão já ia bem. A gente trabalhava pra elite. Estourou mina de petróleo em Carmópolis. Encheu de

americano, que não tinha mais por onde botar americano. (...) Meu irmão, os fregueses daqui sofreu. Porque quando era quatro horas da tarde lá vinha as caminhonetas com tudo, sujo. Era dois engraxates, três barbeiros, duas manicures. E dois engraxando aquelas botas grande. E cerveja, tira-gosto, era um movimento até oito horas da noite.

No excerto da entrevista acima, Luiz relaciona o cotidiano de trabalho tanto com as descobertas petrolíferas que dinamizaram a economia sergipana, quanto com a “explosão construtora” que modificou o desenho urbano de Aracaju e alargou “a periferia em várias direções, ultrapassando os limites territoriais da capital e alojando-se na área rural dos municípios vizinhos” (CAMPOS, Antônio Carlos In: ARAÚJO, Hélio Mário de, 2006, p.46). O barbeiro Luiz menciona, por exemplo, a construção dos prédios da Caixa Econômica Federal, do Banco do Brasil e do Hotel Palace, localizados na Praça General Valadão no Centro comercial da cidade. No fundo, essa passagem da narrativa dele demonstra como a capital de Sergipe cresceu e se transformou, tanto horizontalmente como verticalmente. Nestor Garcia Canclini, diz que as cidades latino-americanas passam por um tipo específico de modernização, ele entrevê que cada vez mais “o que era um conjunto de bairros se espalha para além do que podemos relacionar, ninguém dá conta de todos os itinerários, nem de todas as ofertas materiais e simbólicas desconexas que aparecem” (CANCLINI, 2011, p.22). Acredito que tal observação é válida para Aracaju, que a capital sergipana tem cada vez mais se tornado o contexto mutante onde podem ser verificadas as relações entre o que há de tradicional e moderno na cidade. Mas, é o próprio Canclini que deixa a dúvida: até que ponto o tradicional é tradicional e o moderno é moderno?

Muito embora as décadas de 1960 e 1970 representem um período de força econômica para Sergipe, repercutindo no setor de serviços e gerando benefícios para os barbeiros, por outro lado, é também o chamado “tempo dos cabeludos”. Para esses artífices, a moda de usar cabelo comprido tornava o trabalho muito difícil. Primeiro, devido à queda dos lucros oriundos da realização da atividade laboral. Em segundo lugar, em virtude da fuga das influências de um modo de ser masculino por parte da juventude, que os barbeiros na sua função de cortar o cabelo e fazer a barba acabavam representando neste momento de transformações.

Nesta época, o mundo assistiu a emergência do Rock, onde se destacavam internacionalmente pelo rádio e TV as bandas dos Beatles e dos Rolling Stones e o rei do rock Elvis Presley. Além de um estilo musical, o Rock foi fonte de inspiração para o

comportamento da juventude. Também nasceu o movimento hippie, com jovens usando roupas exóticas e cabelos compridos, propondo um novo estilo de vida e a recusa do sistema social vigente. Este estilo do cabelo comprido será difundido ainda mais com o advento da televisão, propiciado pelo crescimento econômico da década de 1960, pela produção industrial voltada basicamente para a fabricação de bens de consumo duráveis e para o avanço tecnológico (RODRIGUES, 2003).

No Brasil, o Rock tem início com a Jovem Guarda, que estava no auge em fins dos anos 1960, sob liderança de Roberto Carlos. Esse movimento, do qual eram participes Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Ronnie Von, Vanusa, entre outros “de um lado, perfaz um movimento de aderência ingênua e inocente ao mundo coisificado. De outro, deslocando-se deste mesmo mundo coisificado através do distanciamento romântico, ela é por isso capaz de levantar alguns véus proibidos” (MEDEIROS, 1984, p. 64). O impacto da Jovem Guarda para categoria dos barbeiros pode ser entrevista em outra passagem da narrativa de vida do barbeiro Luiz:

a gente tinha uma raiva de Roberto Carlos que só faltava matar (risos). Foi o criador da desgraça. Muitos num cortava, só vivia pelos ombros. E as mulheres, as esposas dos casados, num queria que eles cortasse queria que eles criasse, que os marido criasse. E ele era obrigado a criar pra ela não gostar de um cabeludo na rua. Pra se ver que (ininteligível). O camarada não passava. Quem cortava a pulso, naquele tempo era, era Paulo do café com três filhos, com ele quatro. Era obrigado a cortar o cabelo de trinta em trinta dias. Os filhos só faltava matar o pai de raiva. Por que não podia ser cabeludo. Paulo do café era meio ignorante. E tinha que ser o ele quisesse.

Para o mercado de trabalho que os barbeiros representavam, o chamado “tempo dos cabeludos” foi muito mais que um período de decréscimo na quantidade de serviço, ou mais que uma moda passageira. As mudanças de comportamento, as transformações nos costumes abalariam para sempre a identidade laboral dessa categoria. É possível notar na passagem acima, os conflitos geracionais que acabavam acontecendo nas barbearias opondo, de um lado, o barbeiro e os pais de família, aqui representados por Luiz e pelo freguês Paulo, e de outro lado, os jovens, mais próximos dessa nova fase que surgia parecendo propor “um relaxamento dos velhos códigos sociais autoritários e a descoberta de novos modos de regulação social... onde a sexualidade se tornou uma verdadeira questão política... identificando o “declínio da família” e o feminismo” (WEEKS, Jeffrey IN: LOURO, Guacira, 2007, p.54). No entanto, engana-se quem pensar que todos os barbeiros se colocavam no

“lado tradicional” dessa história, alguns deles “subvertiam a ordem instituída”, como diria Michel de Certeau, e passavam a deixar o cabelo crescer, na tentativa de atender tanto a velha, quanto a nova geração.

Ao que parece, esta seção traz contradições. Os anos 1960 e 1970 foram bons ou ruins para os barbeiros? Como avaliar esse período que, de um lado traz a pujança econômica com aumento dos lucros do trabalho e, de outro lado faz emergir os conflitos geracionais em virtude das mudanças no âmbito dos costumes com evidente decréscimo nos lucros da atividade laboral? Na verdade, o processo modernizador nunca se completa da mesma forma em todos os lugares. Novamente, Marshall Berman traz reflexões que podem ajudar na formulação de respostas para essas perguntas. “Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição”; o mundo moderno é “um mundo onde tudo está impregnado do seu contrário” (BERMAN, 2007, p.21 e 33).

Portanto, antes de afirmarmos que Aracaju estaria se transformando numa cidade moderna, e que os barbeiros seriam o conteúdo tradicional desse contexto, pois sabemos que a discussão é bem mais complexa, vamos à próxima seção desse capítulo. Já que algumas dessas mudanças do âmbito do comportamento e dos costumes que se iniciaram nos anos 1960 e 1970, só seriam efetivamente sentidas em Sergipe a partir da década de 1980, talvez possamos perceber que os maniqueísmos nem sempre fornecem uma explicação mais palpável do que observamos em campo. Dois elementos merecem destaque a partir dos anos 1980: a entrada das mulheres como cabeleireiras no campo de trabalho da higiene pessoal, antes predominantemente dos barbeiros; e o surgimento do HIV/AIDS, que teve grande impacto na organização espacial interna dos salões de barbeiros e na substituição de ferramentas como a navalha.

3. Da década de 1980 aos dias atuais

Sem dúvida alguma, o período que vai dos anos 1980 aos dias atuais representa o momento de crise no ofício de barbeiro. Primeiramente, porque o vírus HIV/AIDS, doença sexualmente transmissível, começa a vitimar as primeiras pessoas em Sergipe. Por ser uma doença também transmitida através de agulhas ou objetos cortantes, a AIDS preocupou grande parte dos clientes e principalmente os barbeiros, que passaram a zelar com maiores

cuidados da limpeza dos salões. O ambiente de trabalho passou a exigir mais higiene. A partir de então, os barbeiros passaram a procurar se adequar aos novos tempos e tem início, nesse campo de trabalho, de forma mais candente, a junção das atividades do trabalho masculino com as do feminino. Surge o serviço unissex.

Nas conversas que tive com barbeiros e cabeleireiros do Bairro Centro em Aracaju, eles sempre tentam deixar claro que barbearia ou salão de barbeiro é um lugar de prestação de serviços exclusivo para homens; enquanto que salão de beleza, centro de beleza são lugares que atendem homens e mulheres. Nesses diálogos que realizei com esses trabalhadores durante a pesquisa de campo, fiquei especialmente interessado em como alguns deles utilizam-se dos verbos aparar, ajeitar, embelezar, transformar, limpar associando-os ao ambiente laboral do cabeleireiro (a); enquanto que os verbos tirar, fazer, raspar, cortar estão associados à barbearia. O excerto da entrevista com barbeiro José Wellington Santana, que atuou por muito tempo no bairro Siqueira Campos, pode situar melhor essa discussão:

Tudo na vida tem mudanças. Teve um período que nosso salão lá ele tinha aquele sistema mais antigo, daquela barbearia que nada constituía-se, ela não tinha lavatório pra cabelo e tinha aquele sistema antigo de barbearia. O sujeito tinha a cadeira e aquele estilo de corte de cabelo dentro só da ordem masculino. E... Cabelo e barba. Enfim aquela ornamentação que o salão hoje, possui. A maior parte dos salões hoje, ele tem obrigação de se organizar. Com lavatório, um ambiente mais... society. Tem que ser uma coisa com televisão, com... um ambiente mais estável, com... Mais organizado, mais limpo, um ambiente mais cuidado. E antigamente não era assim, era um ambiente que o sujeito chegava e deixava o cabelo lá e ia embora sem cabelo (riso), bonito (riso), mas os donos não se preocupavam. Mas certo tempo houve uma necessidade, porque quando Roberto Carlos estreou na Bossa Nova, naquela época, que ele tava naquele auge todo, começou cabelão grande, os jovens começaram a mudar. É.... Os barbeiros antigos não sabiam respeitar esse gosto. (...) Começaram a procurar salões de beleza, aqueles que queriam o cabelo maior. E os donos de barbearia e os cabeleireiros de barbearia mesmo, eles sentiu que estavam perdendo. Foi onde teve a necessidade de construir uma nova casa. Com lavatório, os cabeleireiros começaram a fazer curso de aprimoramento. O SENAC em 75 lançou um curso aqui pra aprimorar os cabeleireiros, os profissionais já atuantes. Aí veio um cidadão de lá do Rio de Janeiro, que era um profissional importante e professor, Leme de Blagio, o nome dele por sinal. Deu esse primeiro curso aqui pelo SENAC, os cabeleireiros antigos fizeram a inscrição e depois na comemoração final, foi uma coisa bonita que eles levaram pra o Cristo, uma churrascaria que tinha em São Cristóvão e tudo pela gratuidade. Até o material pra... xampu, creme, essas coisas do curso era o SENAC que dava. E daí houve uma mudança. Então os cabeleireiros passaram a se organizar mais e as coisas passaram a ser mais bonitas, e a competitividade começou a crescer. Seu Moura mesmo ele... o salão lá, ele não era muito organizado, faltava lavatório. Quando o Navalhão se instalou lá no Siqueira Campos, foi

uma novidade, depois o cara tinha que se organizar por que se não o povo ia tudo pra o Navalhão, aí começou a organizar cá também. E assim o salão foi crescendo e foi quando, nesse período, tínhamos cabeleireiros masculinos, mas Seu Moura, como feminino, a necessidade da unissex, quer dizer, o salão atender aos dois tipos de sexo. Seu Moura botou uma cabeleireira, botou manicure.

No excerto acima, Wellington se refere, inicialmente, as questões de higiene que se tornaram a principal preocupação, repercutindo na modificação do ambiente de trabalho. É interessante notar que as questões de higiene são relacionadas por ele ao chamado “tempo dos cabeludos” e a feminilização do mercado de trabalho, antes predominantemente masculino, dos barbeiros. Essa necessidade de se adequar a ordem unissex também faria com que os barbeiros buscassem os famosos “cursos de aperfeiçoamento”, criticados por alguns deles como desnecessários, uma vez que não se pode “ensinar profissão a um profissional”, como me disse durante a entrevista o barbeiro Luiz. Essa crítica que alguns barbeiros realizam se dá em virtude da contestação de um saber adquirido na prática. O que passa a acontecer no mercado de trabalho de barbeiros e cabeleireiros com o surgimento das escolas de cabeleireiros é a substituição das relações pessoais, baseadas na honra, por relações mediadas através de instituições ou sistemas. Como diria Pierre Bourdieu, “os diplomas escolares são para o capital cultural o que a moeda é para o capital econômico” (BOURDIEU, 2002, p.198).

Essa crítica à necessidade de cursos de aperfeiçoamento que alguns barbeiros tecem lembra a discussão que Michel de Certeau faz acerca da separação entre arte e ciência, entre saber popular e saber científico. Segundo ele, as profissões se consolidam após a vitória do discurso científico, do progresso, das inovações tecnológicas, da modernidade sobre os saberes ditos populares no decurso dos séculos XVII, XVIII e XIX. É no contexto da separação da arte e da ciência que surgem as instituições de ensino, as disciplinas e as especialidades. Estamos falando da racionalização do conhecimento pregado pela Aufklärung (Esclarecimento), da vitória da ciência sobre o senso comum. “Em nome do progresso, vê-se ocorrer o diferenciamento, de um lado, das artes (ou maneiras de fazer), cujos títulos se multiplicam na literatura popular, objetos de crescente curiosidade dos observadores do homem e, de outro lado, as ciências esboçadas por uma nova configuração do saber” (CERTEAU, 2011, p.127). Pode-se dizer, assim, que o termo ofício remonta as práticas pré-modernas e o termo profissão diz respeito à consolidação da modernidade, principalmente após as transformações trazidas pela Revolução Industrial.

Não resta dúvida que as atividades desenvolvidas diariamente nos salões de beleza pelos cabeleireiros e cabeleireiras de Aracaju exigem um conhecimento teórico que os barbeiros não detêm. Os cursos de corte de cabelo, de escova, hidratação, depilação, relaxamento, pintura, descoloração, colorimetria são especialidades oferecidas pelas escolas de cabeleireiros que envolvem uso de produtos químicos e equipamentos (secador, máquina de cortar cabelo elétrica, chapinhas) que, se utilizados sem qualquer cuidado, podem danificar o cabelo do cliente para sempre. É a “técnica” que os trabalhadores que entrevistei durante a pesquisa de campo dizem que os barbeiros não possuem. “Técnica” entendida enquanto saber escolarizado, especializado; que difere do saber adquirido na prática, característica desses artífices.

As escolas de cabeleireiros e os cursos de saúde e higiene que são oferecidos nesses ambientes de ensino profissionalizantes, bem como os salões de cabeleireiros podem ser relacionados com o tema da modernização de Aracaju. A forma como os barbeiros criticam a necessidade desses certificados e o crescimento desordenado dos salões de beleza unissex com profissionais recém-formados, sem experiência, explica muito como eles se sentem nos dias atuais: como trabalhadores que acham que o seu tempo foi o tempo de outrora, como se o ofício estivesse acabando. Daí ser interessante comparar os salões de beleza unissex mais bem equipados, que possuem uma lógica diferente da lógica da barbearia, que oferecem as especialidades da área, aos sistemas peritos, como os entende Anthony Giddens, que são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional em que vivemos hoje... o conhecimento dos peritos influencia muitos aspectos do que fazemos de uma maneira contínua” (GIDDENS, 1991, 35). Para este sociólogo, o trabalho desenvolvido pelos peritos não reside na pessoa, mas na autoridade do conhecimento que ela possui. No caso em pauta, os barbeiros estariam mais para trabalhadores que prezam as relações face a face e os cabeleireiros teriam nos certificados dos cursos que realizam nas escolas profissionalizantes “a autenticidade do conhecimento perito que aplicam” (GIDDENS, 1991, 35).

Nesse sentido, não se pode deixar de lado outro dado interessante presente na entrevista com o barbeiro Wellington. No excerto da sua narrativa de vida, ele conta como o Salão Moura teve de modificar seu layout interno em virtude da instalação de um novo salão, o Navalhão, que possuía exclusivamente cabeleireiros, grande parte deles oriundos de São Paulo, trazendo novidades no setor de higiene pessoal. Segundo informações que tivemos sobre este estabelecimento durante a pesquisa de campo, o salão Navalhão foi o primeiro

grande empreendimento no setor de higiene pessoal, com a nova configuração exigida pelos “tempos modernos” ou pela ordem unissex. Tratava-se, na verdade, de uma empresa, cujo dono se preocupava em fazer propagandas no rádio e na televisão, e exigia dos cabeleireiros as novidades da moda. Este fato, que aconteceu no bairro Siqueira Campos, também ocorreu no Centro de Aracaju. A partir dos anos 1980, cada vez mais, os salões de barbeiros cederiam lugar aos os salões de beleza (unissex ou masculinos).

Isto me levou a andar, recentemente, pelas ruas do Bairro Centro, não mais em busca de entrevistas para realizar, mas com intenção de demarcar espacialmente os salões de barbeiros e de cabeleireiros. O resultado pode ser verificado no Mapa da página seguinte. Uma comparação desse Mapa, na página 41, com o Mapa anterior, na página 30, possibilita inferir duas coisas importantes. Inicialmente, a partir da disposição espacial dos salões, é possível notar o crescimento do Centro comercial da cidade nos últimos 50 anos, observação já realizada pelo professor José Wellington Carvalho Vilar (2006). O Bairro Centro tem conservado cada vez mais a característica comercial e perdido o que tinha de caráter residencial. Apesar disso, é necessário ressaltar, após a década de 1980 o crescimento da capital sergipana fez com que as atividades do setor de serviços deixassem de ser centralizadas por esse bairro, passando a existir uma “formação pulverizada e articulada dos sub-centros urbanos que acompanhariam naturalmente o processo de segregação sócio-espacial da cidade” (COSTA, José Eloízio In: ARAÚJO, Hélio Mário de, 2006, p.147).

Em segundo lugar, nota-se a espantantosa quantidade de salões que existem no Bairro Centro, em Aracaju, onde a grande maioria deles é caracterizada pela oferta do serviço unissex. Porém, mesmo reduzindo o número de salões existentes no bairro atualmente (que podem ser vistos na página 41) pela metade, fica patente o decréscimo no número de salões de barbeiros do “estilo antigo”. Resta apenas, o Salão Unidos (62), o Salão Santo Antônio (10), Salão de Barbeiros (15) e os salões do Mercado Antônio Franco (2) atuando com clientela exclusivamente masculina, preferencialmente de “homens de respeito”. De toda forma, o expressivo número de pessoas atuando no setor da higiene pessoal apresenta que o “setor terciário ampliou a sua participação no PIB [sergipano] e na ocupação da força de trabalho” (MELO, Ricardo; SOUZA, Aldemir, 2009, p.190). Muito embora a ampliação do setor de serviços não signifique a ampliação do número de barbeiros, já que acontece justamente o contrario, o número de cabeleireiros (as) tem aumentado.

A análise do Mapa da página anterior e do mapa da página 30 leva a pensar que os “velhos barbeiros” se sentem pressionados pelo crescimento de salões de cabeleireiros e cabeleireiras, principalmente. Diante da inexistência de uma explicação própria para essa perda de espaço, que vá além da questão do seu saber aprendido na prática e de questões que estão aquém do seu poder de solução, esses trabalhadores acabam desqualificando o trabalho daqueles que parecem estar mais bem inseridos da nova ordem: unissex. Isto lembra a discussão realizada por Norbert Elias em *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000), quando analisa a relação de poder entre os bairros de Winston Parva, Inglaterra, através da estigmatização dos moradores de um bairro pelos que residem em outro bairro. Por esse viés, o caso dos barbeiros também pode “ser satisfatoriamente apresentado e explicado por símbolos verbais” (ELIAS, 2000, p.59). Por detrás de comentários como “são trabalhadores sem respeito”, “os recém-saídos da escola”, “são profissionais cheios de frescura”, realizados pelos barbeiros e destinados aos cabeleireiros, o que se vê, na verdade, é uma relação complexa de poder.

A guisa de conclusão, é preciso voltar à relação do tema dos barbeiros com o tema da modernização de Aracaju. Até aqui, tentei demonstrar como a chamada modernização da cidade aparece nas memórias dos barbeiros e também dos cabeleireiros. Por esse caminho, mencionei sobre migração, transformações no âmbito do comportamento e dos costumes, o crescimento horizontal e vertical da cidade, a descoberta do petróleo na terra sergipana com impacto na economia do estado e no setor de serviços em Aracaju, a grande praça comercial de Sergipe.

Todos esses elementos se fazem presentes na memória do ofício, lembrados pelos barbeiros como tendo influência no cotidiano do trabalho, como relevantes na lida diária dentro das barbearias e relacionados por eles com a modernização da cidade. A quantidade expressiva dos salões de cabeleireiros (as) que acabei de retratar no Mapa da página anterior, por exemplo, representa a escalada das mulheres no mercado de trabalho sergipano, também nesta atividade. Para Anthony Giddens, o “feminismo participa da reflexividade da modernidade assim como todos os movimentos sociais... [que] chegaram a por em questão elementos constitutivos das relações entre os sexos” (GIDDENS, 1991, 161).

A intenção principal era demonstrar como os barbeiros vêm, cada vez mais, cedendo lugar aos cabeleireiros, tomando como base suas narrativas de vida gravadas durante minha experiência de campo. Esse fato só se mostrou de forma concreta após a tentativa de análise

do que significava a tensão que havia na memória do ofício de barbeiro, que colocava os barbeiros em oposição aos cabeleireiros. Para isso, tentei perceber a dinâmica da memória do ofício, onde a tensão que opunha as duas atividades laborais informava sobre algo que não estava claro durante a realização das entrevistas: o setor de higiene pessoal tem sentido, nesse período, a transição da ordem masculina para a ordem unissex. Nesse sentido, segui o conselho de Norbert Elias “de que os dados sociais podem ser sociologicamente significativos sem ter significação estatística e podem ser estatisticamente significativos sem ter significação sociológica” (ELIAIS, 2000, p.59).

A chamada modernização da cidade aparece na caracterização das três fases em que a memória do ofício de barbeiro divide os últimos 50 anos: as décadas de 1940 e 1950, também chamada de “o tempo dos barbeiros”, onde esses artífices pensam que viveram numa fase de ouro de Aracaju; as décadas de 1960 e 1970, período de transição, onde os primeiros sintomas da entrada de Aracaju na modernidade, se é que é possível afirmar isso, estavam emergindo; e da década de 1980 aos dias atuais, onde os barbeiros cedem espaço para outro tipo de trabalhadores, os cabeleireiros (as).

Será que estudar os barbeiros seria comprovar que Aracaju vem se modernizando? Em certo sentido sim. No sentido de que Aracaju vem alcançando um estágio de modernidade onde a ordem masculina cede espaço para a ordem unissex. Ou seja, perceber como as relações sociais dentro das barbearias ou salões de beleza se modificam ao longo do tempo; perceber que os barbeiros e cabeleireiros, ao contar sobre suas histórias de vida e seus problemas diários, que mostram mudanças no modo de ser, viver e sentir em Aracaju talvez informe mais sobre o que pode ser chamado de modernização da cidade do que a construção/destruição de prédios, o aumento do número de automóveis ou o aumento da população da cidade em virtude do processo migratório.

Por fim, até que ponto os barbeiros representam o tradicional e os cabeleireiros representam o moderno? Se os barbeiros incorporam novos instrumentos de trabalho, por eles atribuído ao advento da modernidade, e se os cabeleireiros ainda “usam a técnica antiga” para “fazer um corte masculino com mais perfeição” como diz o cabeleireiro Edgar, isto pode significar que o jogo de oposições (tradicional/moderno, campo/cidade, masculino/unissex) simplesmente não dá conta de explicar a realidade da forma mais próxima como ela acabou se apresentando em campo na ocasião da pesquisa. Responder a essas questões, nos próximos capítulos, será também demonstrar de que tipo de modernização os barbeiros estão se

referindo. Talvez uma modernização mais próxima do que diz Marshall Berman quando, ao analisar as cidades do mundo subdesenvolvido, menciona que “os significados da modernidade são mais complexos, paradoxais e indefinidos”, “onde o processo de modernização ainda não deslanchou, o modernismo, onde se desenvolve, assume um caráter fantástico, porque é forçado a se nutrir não da realidade social, mas de fantasias, miragens e sonhos” (BERMAN, 2007, p.206 e 275).

2º CAPÍTULO

O OFÍCIO DE BARBEIRO

No primeiro capítulo, argumentei que os artífices barbeiros não estão alheios às transformações por que passa a cidade em que eles vivem. Ao contrário, mais que testemunhas pessoais do chamado processo de modernização de Aracaju, eles tentam “se atualizar”, como disse o cabeleireiro Edgar na parte introdutória desta Dissertação, procuram formas de estarem inseridos nesse novo tempo. No entanto, é preciso ir além das modificações e intervenções no espaço urbano. Segundo Claude Dubar, é crucial perceber como se “modificam os modos de identificação dos indivíduos em consequência das transformações mais significativas na organização econômica, política e simbólica das relações sociais” (DUBAR, 2006, p.19).

Para este autor, há um movimento de transição do que ele chama formas identitárias comunitárias, que “supõem a crença na existência de grupos chamados ‘comunidades’ considerados como sistemas de lugares e de nomes predeterminados aos indivíduos e que se reproduzem de forma idêntica através das gerações”, para as formas identitárias societárias “que supõem colectivos múltiplos, variáveis, efêmeros, aos quais os indivíduos aderem durante períodos limitados e que lhes fornecem as fontes de identificação que eles gerem de maneira diversa e provisória”, que tem início nos chamados pelos franceses como os 30 anos gloriosos (1945-1970) (DUBAR, 2006, p.10).

Então, é possível perceber a coincidência na periodização estabelecida por Dubar para a transição das formas de identificação comunitária para as formas de identificação societárias; e a periodização por mim estabelecida, tendo por base a memória do ofício de barbeiro, para o que chamo de transição da ordem masculina para a ordem feminina, no que se refere ao setor da higiene pessoal em Aracaju. Essa transição também pode ser colocada em outros termos quando se tem em conta o mundo do trabalho: transição da ordem do ofício para ordem da profissão, ou no caso em pauta, transição do período de atuação dos barbeiros para o período dominado pelos cabeleireiros. As décadas de 1960 e 1970 são importantíssimas para a história de Aracaju, não somente porque representam uma época de intensificação na modificação dos espaços da cidade, do crescimento populacional, mas principalmente por que trazem modificações no âmbito do comportamento e dos costumes.

Porém, é necessário agora sair um pouco do cenário da cidade de Aracaju, o palco onde os barbeiros atuaram e continuam atuando. Para isso, me pergunto como se forja a identidade de ofício de barbeiro, que tem como base a

“‘comunidade’ no seio da qual se transmitem ‘maneiras de fazer, de sentir e de pensar’ que constituem ao mesmo tempo valores coletivos (a ‘consciência orgulhosa’) e referências pessoais (‘um ofício nas mãos’). Geralmente, ela implica identificações precoces, por parte dos rapazes, ao ofício do pai que se transmite na família, antes mesmo de se aprender com um patrão (às vezes o próprio pai) no local de trabalho” (DUBAR, 2006, p.102).

O foco da discussão deste capítulo será o artífice barbeiro, seus instrumentos de trabalho e ambiente da barbearia. A proposta é situar o artífice barbeiro como conteúdo tradicional da cidade, pelo menos por ora, apenas para entender como acontece a transição da ordem masculina para a ordem feminina no setor da higiene pessoal. Aqui tentarei analisar como o ofício de barbeiro surge nas relações entre homens, como as questões relacionadas ao trabalho se iniciam no ambiente familiar. Minha intenção é mostrar como a identidade laboral de barbeiro era constituída em um tempo em que “os homens [definiam-se] pelo trabalho, enquanto as mulheres, mesmo quando tem de trabalhar, [definiam-se] pelas suas tarefas domésticas” (DUBAR, 2006, p.58).

1. O Saber-fazer

Como uma pessoa torna-se barbeiro? Quais são as motivações? Como esta atividade laboral começa? Li, escutei, conversei e realizei entrevistas com barbeiros e cabeleireiros durante a pesquisa de campo que desenvolvi entre 2006 e 2008 e percebi que eles sempre se reportam aos tempos de juventude quando questionados acerca do “como tudo começou”. Nestas narrativas de vida, notei que era recorrente a construção de suas histórias tecendo a ideia de uma “infância difícil”. As histórias sobre o ofício começavam no ambiente familiar, no espaço da casa, entre parentes e amigos. O artífice surgia fazendo a barba do pai, de um tio, de um amigo da família, dos homens da vizinhança em uma prática cotidiana que depois seria chamada de ofício, após certo período de aprendizado e especialização.

Hoje, quatro anos depois do registro destes depoimentos de vida, quando revejo um dos barbeiros que entrevistei, quando conversamos sobre sua atividade laboral e ele acaba

repetindo a história “do início”; ou mesmo quando reescuto as gravações ou releio as transcrições das entrevistas, lembro de minha própria juventude. Diferente da adolescência destes trabalhadores, não considero que a minha foi “difícil”. Embora tenhamos algo em comum, em suas narrativas, no momento em que explicam o “como tudo começou”, eles me fazem lembrar a primeira vez em que fiz uma barba, que não foi a minha, curiosamente, mas a de meu pai, quando eu era um adolescente.

Fosse de dia, apressado por ter de voltar ao trabalho em um armazém que nossa família possuía, ou fosse de noite, após fechar a bodega, ver meu pai em frente ao espelho fazendo a barba era, para mim, motivo de admiração. Eu o observava atentamente. Primeiro, abrindo a porta de um pequeno armário verde, acima da pia, no qual havia um espelho. Depois, quando pegava uma pequena vasilha redonda, de alumínio e colocava a pasta para barbear, que após mexer bastante formava uma espuma branca. O curioso é que só durante o desenvolvimento da pesquisa de campo pude descobrir qual a marca da pasta usada por meu pai, já que nem a minha memória, nem a dele tinham guardado algo sobre isso e hoje ele diz que sempre usou sabonete.

Foi assim que aprendi a fazer a barba, olhando meu pai passando o barbeador no rosto, de cima para baixo, partindo das orelhas para as bochechas, das orelhas para o pescoço. Rasgando ao redor da boca, por fim. Esse processo era cheio de interrupções para bater o barbeador (Proback II, seu preferido) na torneira de alumínio ou na borda da pia, depois passar água, cuja intenção era limpar as lâminas dos fios de barba misturados com pasta para barbear. E quando meu pai abandonava a vasilha com a pasta em um canto da pia, eu aproveitava e passava a pasta no meu rosto, mesmo sem possuir um fio de barba na face. Com o rosto melado de branco, eu tentava repetir os mesmos movimentos que meu pai fazia com um pente que ele trazia no bolso de trás da bermuda (costume que ele ainda tem). Em seguida, eu passava o pente no rosto e o limpava com água da torneira, batendo, do mesmo modo que ele fazia com o barbeador.

Ao comparar esta lembrança de minha juventude com passagens de diversas entrevistas que realizei, nas quais os barbeiros explicam como escolheram esta atividade laboral, pude entender melhor como eles começaram suas carreiras. Há diferenças entre a minha adolescência de filho de “bodegueiro”, menino da cidade, com tempo e oportunidade para estudar; e a adolescência dos barbeiros, filhos de agricultores, meninos da roça, que trabalharam ao invés de estudar. Também há semelhanças entre minha juventude e a destes

trabalhadores, no que se refere, principalmente, ao ingresso no universo masculino (de minha parte, na virada do milênio, e da parte deles, em meados dos anos 1940, 1950 ou 1960).

As diferenças explicam o fato de ter me tornado professor e dos barbeiros terem abraçado seu ofício. Por outro lado, fomos inspirados por experiências afetivas, guiados por práticas cotidianas que nos ajudaram a constituir um modo de ser no mundo, um modo de ser masculino. Lembra Judith Butler que “o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa... é um ideal regulatório cuja materialização é imposta... através de certas práticas altamente reguladas” (BUTLER, J. IN: LOURO, 2007, p.154). Nos termos de Pierre Bourdieu, em *A Dominação Masculina* (1999), diria que fomos adestrados a adquirir a identidade masculina. Para mim, isto é surpreendente, não só porque há uma prática cotidiana, a de fazer a barba (uma prática cotidiana de homens, comparável a outra qualquer, como cortar as unhas ou tomar banho), se apresentando como um “adestramento”. Mas porque o “adestramento” para a incorporação de uma identidade masculina contribui numa escolha laboral? Em resumo, a identidade de gênero parece estar sustentando a identidade de uma atividade laboral.

Em outras palavras, estou querendo dizer que o contexto da relação entre homens fora algo crucial na escolha do ofício de barbeiro. Há outros fatores: ser de família humilde e ser o filho mais velho. Nesse sentido, a passagem⁵ a seguir do barbeiro Luiz é esclarecedora:

[Meu pai] foi um homem criado, os pais dele morreram ele pequeno, foi criado pelo um padrinho. O padrinho tinha terra. Então dava pra ele plantar, só que não era dono, de nada. Plantava, aí o que quisesse, tantas vezes quisesse. Mas a terra sempre era do dono, do padrinho dele. Criou a gente assim. E assim quando a gente foi, se tornou rapaz, foi saindo. O Miguel, o mais velho foi embora pro Rio, fui também, Evêncio foi também. Foi assim por que lá não cabia mais a gente. Não tinha o que fazer, num tinha como trabalhar. (...) o Miguel, esse meu irmão, foi, começou, queria, a gente aprendeu cortar cabelo com minha mãe. Era os três mais velhos, são cinco irmãos homens. Mais os três mais velhos, tinha que pagar pra cortar cabelo. E a gente era pobre, enxadeiro, num tinha dinheiro. Pra meu pai ir com três filhos pra um barbeiro cortar cabelo. Aí minha mãe botava no colo e cortava o cabelo de todo mundo. E a gente botava o chapéu na cabeça, como diz a história, ia trabalhar. E bem feito ou mal feito ficava. Depois de um certo tempo, o Miguel, esse que é meu irmão, resolveu a cortar também. A cortar.

⁵ Essa passagem parece contradizer o que estou querendo afirmar: que o ofício de barbeiro surge na relação entre homens. Escolhi este excerto justamente para mostrar que, mesmo quando a figura do pai é ausente, o filho homem tem que aprender um ofício, tem que adentrar no universo masculino. Na verdade, segundo a tradicional divisão social do trabalho cabe à mulher a responsabilidade pela casa e pelos filhos pequenos, papel que a mãe de Luiz assume na citação acima. O mais importante aqui é observar que sua narrativa gira em torno da figura do pai.

E ele começou, a gente que era os prejuízo de minha mãe (risos), ele começou a cortar, de graça da turma, e aprendeu. (...) e hoje somos três barbeiros. (...) Os três mais velhos são barbeiros.

O excerto acima nos traz dois pontos destacáveis, muito recorrentes em outras narrativas realizadas com esses trabalhadores. Em primeiro lugar, a figura paterna é o personagem central a partir do qual a história do artífice começa: “Meu pai era um homem pobre...”, “Meu pai era barbeiro, e então, ele me ensinou a profissão...”, ou ainda, “Eu não tive pai, então, para ajudar minha mãe...”. O barbeiro Luiz, ao contar como ele e seus dois irmãos se tornaram barbeiros, está contando, ao mesmo tempo, a dificuldade do pai deles de cumprir a missão de provedor da casa. É, principalmente, para ajudar o patriarca da família que Miguel, Luiz e Evêncio aprendem esta atividade laboral. Cortar cabelo e fazer barba (necessidade não mencionada, mas que suponho tivesse existido em algum momento, principalmente quando o barbeador descartável não existia) era um gasto que extrapolava a renda familiar.

Em segundo lugar, como ouvi nas barbearias durante a pesquisa, a história que explica o surgimento do artífice começa a partir do que parece ser um problema de homem, como afirmou Luiz: “a gente que era os prejuízo de minha mãe”. Fazer a barba e cortar cabelo eram práticas cotidianas masculinas, pelo menos até as décadas de 1960 e 1970. Quem nunca ouviu, após cortar o cabelo a seguinte exclamação: “Agora sim! Tá parecendo um homem!”. Ou então, a crítica por ter o cabelo comprido: “Quer virar mulher é? Com essa cabeleira tá parecendo uma mulherzinha.” As “necessidades de homem”, às quais o homem tinha que se habituar e criar habilidades que envolviam seu corpo, antes talvez mais que hoje, são muito importantes na escolha de uma ocupação. “É através do adestramento dos corpos que se impõem as disposições mais fundamentais, as que tornam ao mesmo tempo inclinados e aptos a entrar nos jogos sociais mais favoráveis ao desenvolvimento da virilidade” (BOURDIEU, 1999, p.71).

Os fatores que, conjugados, influem na escolha do ofício de barbeiro, citados na página passada, nem sempre estão presentes, muito menos nessa ordem. Contudo, tais fatores são interessantes quando pensados no sentido de que o “que chamamos de “vocação”, tem por efeito produzir... encontros que fazem com que as vítimas da dominação simbólica possam cumprir com felicidade (no duplo sentido do termo) as tarefas” ditas masculinas ou femininas (BOURDIEU, 1999, p.73). Voltando à comparação que fiz no começo deste capítulo, no que

me diz respeito, a minha habilidade de fazer a barba se restringiu ao âmbito familiar (sempre faço a minha barba, a do meu pai e, raramente, a do meu tio mais próximo). Eu tive outras opções (estudar foi a principal delas) que me possibilitaram escolher ser professor e não seguir com o negócio do meu pai. No entanto, os barbeiros tiveram de ampliar sua habilidade de fazer barba para fora do âmbito familiar, além de aprender a cortar cabelo, e arriscar fazer destas práticas corporais um meio de vida.

Porém, no caso dos barbeiros, as experiências trocadas entre homens são muito mais relevantes na escolha e no aprendizado do ofício do que em qualquer outra atividade laboral (como marceneiro, pedreiro, médico, por exemplo), uma vez que se trata de uma atividade que lida com o masculino, que sobrevive graças à vaidade masculina. O termo “admiração” que utilizei para dizer que aprendi a fazer a barba com meu pai, não foi à toa. Acredito que desta mesma “admiração” os barbeiros partilhavam quando começaram a aprender o ofício, seduzidos “pela magia do poder simbólico”, que assume “muitas vezes, a forma de emoções corporais – vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa – ou de paixões e de sentimentos – amor, admiração, respeito” (BOURDIEU, 1999, p 51). Sendo assim, o artífice surge durante o aprendizado das “maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”; isto se considerarmos que “há uma sociedade dos homens e uma sociedade das mulheres” (MAUSS, 2003, p.401 e 409).

A “magia do poder simbólico” e as práticas corporais são dois pontos importantes e que estão associados quando se trata do despertar de uma atividade laboral. No entanto, é interessante discutir como essas práticas corporais se transformam em um ofício, neste caso, como elas constituirão um artífice barbeiro. Nesse sentido, penso que Richard Sennett, na obra *O Artífice* (2009), traz excelentes reflexões, quando diz que “todas as habilidades, até mesmo as mais abstratas, tem início como práticas corporais, e [que] só depois o entendimento técnico se desenvolve através da força da imaginação” (SENNETT, 2009, p.20). O artífice, para Sennett, é aquele que se dedica a arte pela arte, que possui engajamento, que tem orgulho pelo trabalho, que persegue a perfeição em seu serviço (SENNETT, 2009, p.35).

O debate que Richard Sennett realiza, remonta às guildas e oficinas medievais. O termo oficina, que vem do italiano *uffizi*, “caracteriza o local onde se encontravam os artistas”, onde predomina o “fazer com as mãos” (AUED, 1999, p.27). No espaço da oficina há uma hierarquia, onde o mestre detém a autoridade na transmissão dos conhecimentos que

são aprendidos na prática pelos jornaleiros e aprendizes através da imitação. A autoridade “refere-se a um personagem que inspira medo e assombro, e portanto submissão: o mestre de uma oficina tinha de inspirar tais sentimentos para manter a ordem em casa” (SENNETT, 2009, p.71). Aliás, o espaço destinado à oficina era contíguo ao espaço da casa e, às vezes, esses espaços se confundiam e eram transitados por mulheres, responsáveis pela limpeza, muito embora “o ‘homem’ do ofício artesanal não aceitasse mulheres como membros das guildas” (SENNETT, 2009, p.73). Por vezes, o artífice era o próprio pai do aprendiz, ou servia como pessoa responsável por ele na ausência da figura paterna.

Não quero afirmar que a barbearia seja tal qual uma oficina medieval. Contudo, as reflexões de Richard Sennett ajudam a entender, por exemplo, porque os jovens do sexo masculino, geralmente filhos mais velhos, acabavam se tornando barbeiros. De todo modo, a barbearia é o espaço primordial de aprendizado do ofício, seja ela parte da casa onde o trabalhador coloca uma cadeira em frente a um espelho, seja uma banca improvisada nos dias de feira no interior, ou mesmo um estabelecimento propriamente construído para o fim de cortar cabelo e fazer barba na cidade, com diversos artífices trabalhando.

No salão de barbeiro é que ocorre a transmissão de conhecimentos dos mais velhos aos mais novos, de técnicas de servir-se do corpo do cliente, do corpo daquele que se inicia barbeiro, do corpo do barbeiro experiente e, também, onde se aprende como deve ser a relação com clientes e com colegas de ofício. É o lugar onde “pensamento e sentimento estão contidos no processo do fazer” (SENNETT, 2009, p.17). Marcel Mauss diz que,

técnica é um ato tradicional eficaz (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser tradicional e eficaz. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição... O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem... Antes das técnicas de instrumentos, há o conjunto de técnicas do corpo” (MAUSS, 2003, p.407).

Após esse contato com o mundo masculino, onde pode ser dito que tem início a atividade laboral de barbeiro, em que há um jovem realizando uma tarefa cotidiana, como a de fazer a barba do pai, para depois passar a fazer do tio ou de um irmão, o passo seguinte é cortar o cabelo. Sem dúvida, este é um trabalho mais complicado. Porém, pouco a pouco, a tarefa vai deixando de ser privada e passa a ser pública. Os vizinhos da família, os amigos da rua se transformam em experiências do jovem que está para tornar-se barbeiro, que vai adquirindo a habilidade necessária ao desenvolvimento do ofício por meio da repetição e vai

adquirindo prestígio. Através dela, o artífice converte “as informações e as práticas em conhecimento tácito “instintivamente”, comportamentos que de tal maneira entraram em [sua] rotina que não mais [é preciso] pensar a respeito” (SENNETT, 2009, p. 62).

Contudo, é no âmbito da cidade (Aracaju, principalmente, mas Rio de Janeiro e São Paulo também são mencionados nas narrativas destes trabalhadores) que aconteceu a consolidação do aprendizado necessário para o desenvolvimento do ofício dos barbeiros entrevistados na cidade de Aracaju. Tornar-se barbeiro quase que coincide com a chegada na Cidade grande, onde ter um emprego significa fixar-se no ambiente citadino e não retornar a ideia de “vida sofrida” do interior. Claude Dubar menciona que a era da modernidade, da industrialização, da urbanização faz com que “os empregos agrícolas ‘tradicionais’ [sejam] primeiro destruídos para alimentar a grande maquinaria industrial” (DUBAR, 2006, p. 89). Nesse sentido, vale a pena ler como se deu a experiência de Luiz, que antes de tornar-se barbeiro dedicava-se ao trabalho de agricultor:

Mas tinha uma vida sofrida. Período de enxada... Um verão que nem esse agora, meu pai tinha onze filho, trabalhando de enxada, pra chegar num verão desse não ter o que comer. (...) Doze treze com meu pai e minha mãe né? Treze prato por dia, três vez ao dia não tem.

Por conseguinte, é na barbearia que se conclui a transmissão dos “atos tradicionais eficazes” adquiridos pelos jovens barbeiros, que são transmitidos principalmente pela oralidade, das gerações mais velhas às gerações mais novas. Isto transforma a migração em um fenômeno social emblemático para estes trabalhadores, presente em suas histórias de vida. Todos os barbeiros com os quais conversei durante minha pesquisa de campo nasceram no interior do estado e migraram por volta das décadas de 1950 e 1960 para a capital Aracajuana.

Para entender a migração dos barbeiros e sua importância para o estudo do ofício, existem reflexões interessantes no livro *A caminho da cidade* (1973), de Eunice Ribeiro Durhan, que analisa como se dá a integração de parte da população nacional migrante nos contextos urbano-industriais. Em primeiro lugar, ela trata da ideia de “comunidade tradicional”, “comunidade rústica”, ou “comunidade cabocla” para designar parte da população nacional que vive em deslocamento cuja “divisão de trabalho relativamente rígida, atribui ao grupo masculino (pai e filhos) a execução das tarefas extradomésticas, e tende a confinar os trabalhos femininos ao âmbito da casa”; que se caracteriza, economicamente, pela “produção direta da própria subsistência; e culturalmente, elas se apresentam como

comunidades sem escrita, tradicionalistas e imbuídas de religiosidade” (DURHAN, 1973, p.65 e 92).

Em seguida, a autora demonstra como no contexto citadino o trabalhador oriundo de uma “comunidade tradicional”, vai preferir sempre trabalhar de forma autônoma, em que ele dita o ritmo de seu trabalho. Os migrantes do interior para a cidade geralmente preservam “padrões de trabalho que incorporam grande margem de lazer, irregularidade e autonomia da atividade produtiva, que são em grande parte incompatíveis com as exigências das ocupações em um sistema capitalista-industrial” (DURHAN, 1973, p.148). Daí sua preferência por atividades comerciais de baixa escolaridade (bodegueiros, ambulantes, pedreiros, etc).

Voltando aos excertos da entrevista com Luiz, e a discussão realizada no início deste capítulo, se pode pensar que as assertivas de Eunice Durhan (1973) podem valer para os barbeiros, quando é sabido que Sergipe passou por profundas alterações no campo durante as décadas de 1960 e 1970, em virtude da decadência dos produtores de açúcar e ascensão dos pecuaristas, o que redundou no declínio da lavoura de subsistência e na aceleração do processo migratório em nosso estado (SANTOS, 1976; SANTOS & OLIVA, 1998; DANTAS, 2004). Esses migrantes que se dirigiam à Aracaju, devido à baixa escolaridade, tiveram a opção de envolver-se com a atividade laboral de barbeiro e ocupar-se no setor de serviços, que mais progredia nesse período, uma vez que seria difícil ocupar cargos nas indústrias ou em bancos, que exigiam um conhecimento mais especializado, assim como capitais sociais específicos.

As narrativas dos trabalhadores em questão mostram, por exemplo, que existia certa hierarquia separando os mais velhos ou mais experientes dos que estavam começando a ser barbeiros, ou distinguindo o dono do salão dos barbeiros que pagavam a diária (que correspondia ao preço de um cabelo e uma barba, preço variável) pela utilização do espaço. Porém, não se tratava de uma relação entre patrão e empregado. A relação entre os barbeiros mais ou menos experientes era parecida com a do agricultor que planta na terra de seu compadre fazendeiro, onde prevalecia a troca de favores. Seguindo o pensamento de Eunice Durhan, as relações pessoais estabelecidas entre migrantes, onde estruturas tradicionais são utilizadas, são meios pelos quais eles conseguem se integrar nos sistemas citadinos. Por essa linha, é interessante ler o que diz o barbeiro José Neres, dono do Salão Moura, que me corrigiu, quando questionado sobre a relação dele com seus empregados: “eu não tinha

empregado, eu tinha colega! (...) Eles só me pagava o aluguel e, cada um, o que fizesse era seu”.

No contexto da cidade, dentro da barbearia, é que o jovem consolidava-se no ofício. Neste espaço havia três tipos de pessoas, do posto mais elevado ao menos elevado: o barbeiro dono do salão, o barbeiro que pagava o aluguel da cadeira e o iniciante no ofício, que, às vezes, servia de “faz-tudo”. Não é difícil pensar que o dono do salão possuía o status de autoridade por ter o posto mais alto, embora os mais jovens também fossem aprendendo com os outros trabalhadores, que pagavam aluguel das cadeiras, através de exemplos que eram observados ou imitados. Estas eram as três posições tradicionais na carreira de um barbeiro. Evidentemente, em se tratando de um estabelecimento maior, já que sempre existiram artífices trabalhando solitariamente. Diga-se de passagem, o termo carreira é definido por Howard S. Becker como “seqüência de movimentos de uma posição para outra no sistema ocupacional, realizados por qualquer indivíduo que trabalhe dentro desse sistema (BECKER, 2008, p.35). Porém, o caso dos barbeiros parece corresponder mais ao “modelo de carreira do imigrante estrangeiro do início do século, que começava a vida como aprendiz em um “ofício”, progredia a artesão e acabava estabelecendo uma oficina própria” (DURHAN, 1973, p.174).

No salão de barbeiro, em primeira mão, através da observação e da imitação dos barbeiros experientes, os iniciantes aprendiam a possuir uma postura respeitosa. Segundo eles, o barbeiro tem que evitar brincadeiras, ser sério, mostrar honradez, compromisso, chegando até a sisudez. Necessita prezar pelo trabalho que desenvolve. Pensar na dignidade da profissão, que pode ser confundida com a dignidade de homem. O barbeiro José Damascena dos Santos, compara o “naquele tempo”, se referindo às décadas de 1960 e 1970 com os dias atuais, lembrando que:

Nós, naquele tempo, era um tempo mais... respeitoso né? Sempre um respeitava o outro. Hoje não, é que é uma brincadeira, esculhamba um com o outro e desfaz. Eu nunca gostei dessa brincadeira. A nossa brincadeira era rir, você contar uma coisa e eu rir, e vice-versa. Mas de palavrões, nada você é isso, você é aquilo... Perdeu [a dignidade no trabalho] (...) A gente trabalhava era de gravata. Tudo decente. Tudo era home de responsabilidade. Hoje a maioria é até aqueles... Né? Que eu não vou falar pra não sair aí... É. Tem muitos, muitos. Quer dizer, é... desmoralizando a classe. Não é? Não é isso mesmo. Rapaz tem cada tipo de barbeiro e cabeleireiro aí, meu irmão, Ave-maria! Horrível!

Não se pode deixar de notar que, no final dessa passagem, Damascena se refere a valores contrários aos seus, a modos distintos de ser masculino. A “postura respeitosa” que ele está mencionando é a que o homem, chefe de família, idealizado como patriarca, se podemos assim dizer, deve possuir. Comportamento imprescindível quando o grosso da clientela era formado também por homens, por chefes de família, que muitas vezes iam à barbearia em companhia de seus filhos. Esse “respeito” é bastante presente na família rural brasileira, onde a “subordinação se exterioriza em atitudes de “respeito” dos filhos para com os pais, e da mulher para com o marido. A característica fundamental do grupo conjugal é, portanto, a dominância paterna” (DURHAN, 1973, p.64).

Sobre essa “postura respeitosa”, não posso deixar de mencionar uma pequena história que cheguei a ouvir durante a experiência de campo no Mercado Antônio Franco, enquanto esperava a oportunidade de gravar uma dessas narrativas de vida com o barbeiro Manoel Vieira, só que contada por um freguês que aguardava o seu momento de cortar o cabelo. Enquanto Manoel desenvolvia seu trabalho e, ao mesmo tempo, conversava comigo sobre seu ofício, disse-me, a certa altura da conversa: “Antigamente, a barba era mais cara que o cabelo. Hoje você paga mais pra cortar o cabelo do que pra fazer a barba.” Nesse momento, o cliente ao meu lado, que devia ter uns 45 anos, olhou para mim e contou: “Você não sabe, porque é muito novo, não alcançou esse tempo. Mas quando eu era criança, que meu pai não tinha dinheiro, ele arrancava o fio da barba e me mandava na venda pra comprar fiado. Aí quando ele recebia o dinheiro, ele ia à bodega apanhar o fio da barba dele e pagar o que devia! E o dono da venda guardava o fio da barba! Antigamente se vivia diferente!” Essa história me parece bastante interessante, porque relaciona a barba, tarefa central no trabalho do barbeiro, ao homem de respeito, ao chefe de família que possui honra. Tornar-se barbeiro não é só saber fazer uma barba, saber amolar uma navalha ou saber cortar cabelo de homem. É também, fundamentalmente, ter “respeito” e saber respeitar os clientes de “respeito”, no sentido de seriedade esperada ou requerida de pessoas do sexo masculino.

Em outra oportunidade, na barbearia São Braz, localizada na Avenida Maranhão, escutei dois fregueses conversando entre si e estabelecendo uma comparação entre o barbeiro deles, Moisés, e a cabeleireira Nancy, que trabalhava na outra esquina da quadra onde se localizava essa barbearia. O mais velho deles, com mais de 80 anos, disse ao mais novo, que aparentava uns 50: “Mês passado, a barbearia de Moisés. estava fechada e eu ia viajar, precisei cortar o cabelo em Nancy. Ela corta até bem, mas eu não gostei. Porque eu sou

acostumado com o jeito de cortar de antigamente, onde o cara vai passando o pente debaixo pra cima e, na medida que o cabelo vai arrepiando ele corta. Já Nancy corta segurando as mechas do cabelo entre os dedos, amulegando o cabelo da gente e bota pra lá e bota pra cá...”. A reclamação que o cliente mais velho está fazendo durante sua espera para cortar o cabelo é direcionada a forma de tocar do artífice barbeiro, em que se evita encostar na cabeça do cliente. Após ouvir esse comentário, não pude deixar de pensar sobre a expressão: “Menino não chora!”. “Em nossa cultura, a manifestação de afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito mais intensa do que entre as meninas e mulheres. De modo especial, as expressões físicas de amizade e afeto entre homens são controladas, quase impedidas em muitas relações sociais” (LOURO, 2007, p.27). Sendo assim, a barbearia pode ser considerada um local em que os “corpos podem ser comparados, admirados e tocados, de formas “justificadas” e “legítimas””, observadas as restrições, uma vez que nela há pessoas que foram habilitadas para tal fim (lidar com homens de “respeito”): os barbeiros (LOURO, 2007, p.28).

Além desses dois momentos em que anotei esses relatos de clientes, tive oportunidade de cortar meu cabelo quatro vezes durante a pesquisa de campo. Uma delas com o barbeiro Wellington. Na ocasião, pensei na cabeleireira Nancy, com quem sempre cortei meu cabelo, desde a infância, e comparei o trabalho dela com o que Wellington ia desenvolvendo. Notei duas coisas importantes: primeiro, que Wellington penteava meus cabelos com muita força, fazendo o couro cabeludo doer bastante; depois, que o tempo que ele levava para cortar meu cabelo era muito maior que o necessário para Nancy fazer o mesmo serviço. Foi nesse dia, depois de ter cortado meu cabelo com um de meus informantes, que pude entender o que significava o “jeitinho especial”, que eles diziam ser exigência das mulheres, quando elas avaliavam negativamente o trabalho do barbeiro, como se entrevê no excerto da entrevista com o cabeleireiro José Gonçalves dos Santos: “Eu fico sem jeito de cortar cabelo de mulher. Por que tem umas mulheres que só gosta de bicha. Pra eu não desmunhecar. E eu digo: ‘Eu não vou ter esse jeito especial não!’”. A força é uma prova de virilidade, “de potência sexual – defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. – que são esperadas de um homem que seja realmente um homem” (BOURDIEU, 1999, p.20). Portanto, é fácil perceber nesse excerto da entrevista com Gonçalves, um homem que se tornou cabeleireiro para seguir “o progresso”, os “novos tempos”, um conflito sobre o significado da identidade laboral (ser cabeleireiro x ser barbeiro), que se transforma também em uma tensão de identidades de gênero.

Nesse sentido ainda, é interessante perceber a movimentação de um barbeiro ao redor da cadeira quando no processo de cortar um cabelo, por exemplo. Alguns deles ficam com aquele ar de seriedade, de concentração no serviço que desenvolvem e, principalmente, com a postura ereta, dando pequenos passinhos num movimento semicircular em volta da cadeira, com as mãos voltadas para a cabeça do cliente (uma com o pente e outra com a tesoura). Diz Pierre Bourdieu que o “corpo socializado, em seus movimentos e seus deslocamentos, é imediatamente revestido de significação social – o movimento para o alto sendo, por exemplo, associado ao masculino, como a ereção, ou a posição superior no ato sexual” (BOURDIEU, 1999, p.16). Do mesmo modo pode ser entendida a crítica que escutei muitas vezes em relação a como os trabalhadores que atuam nesse campo estão se vestindo atualmente no cotidiano da barbearia, como o que seria para os mais velhos a perda da identidade laboral, como diz o cabeleireiro Gonçalves: “Hoje os barbeiros trabalha tudo sem guarda-pó. Falta de respeito. De chinela havaianas. (...) Vem pro trabalho de camiseta... camisa machão... mostrando as axilas...”

Por fim, há ainda um detalhe muito importante quando se trata do aprendizado do ofício de barbeiro. Estes trabalhadores são empenhados na masculinização dos corpos. Michel de Certeau, no volume I da *Invenção do Cotidiano*, discorre sobre como os corpos são modelados por meio de “uma criação destinada a fazê-los corpos em uma sociedade” (CERTEAU, 2011, vol.1, p.214). Já foi dito que o trabalho do barbeiro pode ser traduzido pelos verbos cortar, barbear, raspar, tirar, fazer, limpar e, talvez seja possível pensar, nos termos de Certeau, esses artífices como “operadores da escritura” em corpos que terminam sendo diferenciados como masculinos.

A imagem de um barbeiro fazendo a barba de um freguês, vista por qualquer observador atento que passa em frente a uma barbearia é bastante reveladora. Quem passa de fora e vê o freguês quase deitado na cadeira, apoiando sua cabeça em um encosto, apoiando as mãos nos descansa-braços da cadeira, com um pano branco cobrindo o corpo, em uma posição confortável onde se pode até dormir, pode sentir que há certo tipo de poder envolvido. Já o barbeiro, por sua vez, inclina-se para tirar os pelos da barba do cliente, bem sério, em um processo realizado com calma, que demora o tempo necessário para o que está deitado querer pegar no sono. O processo só é interrompido para limpar a navalha, cujo intervalo é aproveitado pelo artífice para observar quem vai passando do lado de fora do salão, para quem o artífice, bem ereto, se apresenta como alguém que possui gabarito naquele trabalho.

É possível, então, pensar nestas “poses ou posturas relaxadas... como forma de demonstração de poder”, o poder masculino que está se afirmando nessa demonstração pública do ato de fazer a barba (BOURDIEU, 1999, p.40). Mas também, pensar no poder daquele que “escreve” (tirando, cortando, fazendo a barba) o masculino no corpo do cliente. Trabalho de destaque, como diz o barbeiro Luiz lembrando o seu passado de barbeiro: “barbeiro se destacava. Tinha um barbeiro em tal lugar: Fulano é barbeiro!” Afinal, “todo o poder, inclusive o do direito, se traça primeiramente em cima das costas de seus sujeitos” (CERTEAU, 2011, vol.1, p.214). O poder tratado aqui é tanto para aquele que se utiliza do serviço do barbeiro, quanto para quem pratica tal serviço.

2. As ferramentas e utensílios

A navalha, a tesoura e o pente eram as principais ferramentas do artífice barbeiro. São elas três, inclusive, que estão presentes como espécies de símbolos do ofício na antiga carteira de associado (Foto 1) da entidade que representa esses trabalhadores: A Associação Profissional dos Barbeiros, Cabeleireiros e Similares de Sergipe. Carteira que tive oportunidade de ver quando acertava o dia para entrevistar o barbeiro Gonçalves. Todas três ferramentas tornam patente que esta atividade laboral é fundamentalmente manual.



Foto 1: Carteira de associado da Associação Profissional dos Barbeiros, Cabeleireiros e Similares .

A Navalha (Foto 2, na página seguinte) era a principal delas, a que exigia um tratamento especial por parte do artífice. Mas caiu em desuso, devido principalmente a emergência da AIDS, ponta de um grande iceberg de “transformações sociais que construíam novas formas de relacionamento e estilos de vida, nos anos 60, (...) que subvertiam as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar e de morrer” (LOURO, 2007, p.10). Tais transformações no âmbito dos costumes altera o cotidiano de trabalho nas barbearias, uma vez que os clientes passam a exigir desses ambientes de trabalho maior higiene.



Foto 2: A Navalha.



Foto 3: O Assentador.

O barbeiro Ascendino Assunção conta:

Ih! Rapaz. Ah! Se fosse hoje era... Não sei como a gente conseguia trabalhar naquela época com tanto serviço. E a gente ainda conseguia trabalhar e ganhar dinheiro. Era uma mão de obra rapaz. A gente não gastava dinheiro. (...) o aparelho [era] A borracha. Tinha... Era a pedra. A pedra era caríssima. A pedra tinha que ser uma pedra boa. Importada ela. Tinha um, um lado mais forte pra, se a navalha tivesse meia grossa pra... cavar. E tinha mais fina pra... acertar ela. E depois vinha aquela borracha, aquele assentador. (...) A gente sempre tinha o máximo de cuidado com aquilo ali. Aquilo ali tudo direitinho. Era guardado... enrolado numa coisa. Pra não pegar sujeira. Era um cuidado, rapaz. Era uma mão de obra filha da mãe. Se a gente ficava meio parado tinha que tá vez em quando lá. E tinha que ter bastante. Coleção de navalha.

Neste excerto, Ascendino apresenta algumas informações importantes sobre o processo de utilização das ferramentas do ofício. Em primeiro lugar, ele destaca a relação do artífice com seus instrumentos. As ferramentas, imprescindíveis no cotidiano de trabalho, são fundamentais na diferenciação entre uma e outra atividade laboral. Sem a pretensão de criar

naturalizações, lembro que em nossa cultura é muito comum associar o artífice ao seu instrumento de trabalho. Através do uso do serrote e do martelo se pode identificar o marceneiro. A colher de encher massa identifica o pedreiro. Um conjunto de chaves de boca e/ou de posição pertence ao mecânico. A tesoura e o alfinete identificam o alfaiate. A enxada é peça do lavrador. A navalha, enfim, é a ferramenta do barbeiro, e o trabalho com tal instrumento, se realizado com perícia, é exaltado, como se tratasse da utilização de uma ferramenta específica para uma função em outro domínio. Gonçalves diz: “Eu já cheguei a cortar cabelo com navalha! Cortar Cabelo! Nem todo mundo faz!”

As ferramentas se tornam uma extensão da mão, o corpo se acostuma com a repetição de lidar com elas e o trabalho passa a ser desenvolvido quase instintivamente, adquirindo depois amplas possibilidades de utilização. Richard Sennet mostra que, nesse processo, o artífice fracassa muitas vezes, mas é um “fracasso salutar” que “pode fortalecer-lhes a têmpera, ensinando uma humildade essencial, ainda que a custo de grande dor (...) que possibilita o raciocínio sobre nós mesmos” (SENNET, 2009, p.114). Portanto, a navalha singulariza aquele que a usa, que adapta seu corpo na relação com este instrumento para obter como resultado um cavanhaque, uma barba modelada, um bigode ou até mesmo um corte de cabelo. “As mãos individualizam as pessoas. As mãos hábeis geram homens diferentes e artes singulares” (AUED, 1999, p.28).

Outra informação interessante do fragmento da entrevista com o barbeiro Ascendino, diz respeito ao cuidado que a navalha requer. A ela estão atrelados dois outros instrumentos: a borracha, onde o barbeiro limpava a navalha, e o assentador (Foto 3, na página anterior), peça onde a navalha era amolada. A tarefa de amolar a navalha era trabalhosa, exigia paciência e destreza. Esta ferramenta deve ser passada no lado do assentador que possui um esmeril, processo que deixa a lâmina mais afiada. Contudo, ainda fica muito grosseira, e por isso existe a etapa de passar no outro lado do assentador, que é emborrachado.

Certa vez, no salão Moura, pude observar o barbeiro João⁶ amolando uma navalha que ele guardava exclusivamente para fazer a própria barba, enquanto esperávamos a chegada do barbeiro Wellington, com o qual eu queria acertar o dia da entrevista. Ainda era cedo, ele tinha acabado de abrir o estabelecimento e pude notar que ele sentia prazer naquela tarefa que

⁶ O Salão Moura, localizado na Rua Carlos Correia, bairro Siqueira Campos, ainda continua em funcionamento, não em plenas condições. Durante a pesquisa de campo entrevistei dois barbeiros que lá trabalhavam: Seu Moura e Wellington. O único barbeiro que ainda continua em atividade neste salão que não quis contar sobre sua experiência profissional foi João.

realizava com muita atenção. Ele passava a ferramenta (segura na mão direita) no assentador (seguro na mão esquerda), da esquerda para a direita, devagar, e com força. Mas sem deixar o instrumento tocar todo o lado no esmeril do assentador. O esforço era dirigido somente na lâmina da navalha. Após amolar o lado direito do instrumento, invertia o processo amolando da direita para esquerda. Em seguida, virava o lado do assentador e passava os dois lados da navalha naquele emborrachado. Isso por dois motivos: a navalha bem amolada puxa menos os fios da barba, portanto machuca menos e o trabalho é realizado pelo artífice com maior rapidez.

Ao pensar sobre o barbeiro amolando a navalha, instrumento adjetivado como perigoso na avaliação dos barbeiros, onde a tarefa era realizada com bastante cuidado, diariamente, e várias vezes durante o dia, já que era necessário uma “coleção de navalhas”, percebo que tal processo pode ser entendido também como uma forma em que a masculinidade se expressa, uma vez que instrumentos cortantes simbolizam a sexualidade viril. Na verdade, são “objetos fabricados pelo fogo e adequados a simbolizar o corte (e a sexualidade viril): faca, punhal, relho etc.” (BOURDIEU, 1999, p.37). Sendo assim, é possível uma comparação desta tarefa do barbeiro com o ato de lavar o carro por parte do homem, também uma forma de mostrar a virilidade masculina, associada a um objeto que detém uma simbologia de poder.



Foto 4: As Tesouras .



Foto 5: Máquina de cortar cabelo manual.

Quanto a pentes e tesouras (Foto 4), encontrei grande variedade de marcas e tipos deles nas barbearias e salões que visitei. Porém, acredito que a informação mais importante é que o trabalho deste artífice não se realiza sem pelo menos dois tipos de tesouras: uma grande, para cabelos cheios, e uma menor, para cabelos ralos. O mesmo acontece para os pentes, os de

dentes mais separados para cabelos cacheados e crespos, e os de dentes mais próximos para cabelos lisos. Todavia, há ainda um detalhe importante sobre as tesouras, que me foi contado pelo cabeleireiro Gonçalves, e diz respeito a diferenças na parte cortante dos dois lados de uma tesoura: “Tem a tesoura lisa [que] é lisa e a lesa [que] é como se fosse uma serrinha sem dente... A tesoura que tem os dois lados lesa é pra cortar cabelo bem liso... Só que aqui não tem cutelaria pra amolar.”

Finalmente, há que se fazer menção a máquina de cortar cabelo manual (Foto 5), instrumento utilizado antes da difusão das máquinas elétricas. A máquina manual e mecânica deveria ser amolada frequentemente, mas não diariamente como a navalha, e também requeria destreza em sua utilização. É uma peça muito parecida com uma torquês, só que cheia de dentes e com cabos curtos, que cabem na palma da mão. O principal cuidado que se tinha que ter com esse instrumento de metal era não deixar o cliente mexer muito com a cabeça e “ter um molejo na mão” para evitar que a máquina repuxasse, ao invés de cortar, os fios de cabelos, como nos ensinou durante a entrevista o barbeiro Ascendino.

3. O local de trabalho

Logo no início deste capítulo, já foi dito algo sobre a barbearia lembrar uma oficina medieval, principalmente porque era o local primordial de aprendizado do ofício de barbeiro, a maneira que Richard Sennet discute a noção de ofício. Também já foi mencionado que esse local é um dos lugares onde se procede a “escrituração dos corpos” para afirmação da identidade masculina. No entanto, há outros elementos que nos auxiliam na diferenciação, talvez um tanto grosseira, mas que facilita nossa explicação, entre a barbearia com seus trabalhadores (um lugar de homens - para homens), e um salão de beleza onde há trabalhadoras (um lugar unissex - para clientes de ambos os sexos).

Falar do local de trabalho do barbeiro me faz lembrar de outra passagem da minha juventude, quando meu pai me levava junto com meu irmão do meio para cortar o cabelo. Na época eu devia ter uns dez anos e meu irmão onze anos. Tenho também outro irmão, o caçula, que devia ter uns cinco anos nesse período. Geralmente, cortávamos o cabelo no Salão de Beleza da cabeleireira Nancy, que se situava na rua paralela a rua em que morávamos, e sempre éramos levados por nossa mãe, já que meu pai ficava preso ao serviço da bodega da

família. Porém, quando meu pai precisava cortar o cabelo, era ele que me levava, juntamente com meu irmão, às barbearias da Rua Bahia, que distavam um pouco de onde era localizado o armazém de nossa família, no Bairro Siqueira Campos. Assim, para realizar essa prática do cotidiano, íamos de carro; e a saída para cortar o cabelo se transformava em um passeio, mas com a especificidade de ser também um dos poucos momentos em que nós três ficávamos a sós, sem a presença de minha mãe e de meu irmão mais novo.

Hoje, me questiono sobre qual a razão de meu pai sempre nos levar para cortar o cabelo de carro, já que a Rua Bahia não ficava tão longe assim de nossa residência, e acredito que essa lembrança de minha infância alude não só ao “respeito” de que falam os barbeiros em suas entrevistas (seria meu pai um “homem de respeito”?), como também ao que diz Pierre Bourdieu, “de que a cabeleira, feminina, é um dos elos simbólicos que unem o menino ao mundo materno. É ao pai que incumbe dar este corte inaugural, com navalha, instrumento masculino” (BOURDIEU, 1999, p.37). Ressalte-se que, meu irmão e eu não estávamos sendo dirigidos por meu pai a “um corte inaugural”, mas quando era meu pai que nos levava para cortar o cabelo a preferência era pela barbearia, ao invés de ser por um salão de beleza, mesmo que ele ficasse bem próximo de nossa moradia.

Abrindo um parêntese, só após minhas reflexões sobre esses artifícios pude traçar esta relação com a “dominação masculina” presente nesses detalhes de minha infância e de minha adolescência. Eles me mostram como eu adentrava o universo masculino e acabava participando inconscientemente do que estamos chamando aqui de “dominação simbólica”. Ao que parece, a pesquisa de campo me forneceu “impressões que não são apenas recebidas pelo intelecto, mas tem impacto na personalidade total do etnógrafo, fazendo com que diferentes culturas se comuniquem na experiência singular de uma ‘única’ pessoa” (PEIRANO, 1995). Aliás, participar do universo masculino, ser homem, foi um ponto facilitador da realização da pesquisa de campo, que me permitiu “passar despercebido” e adentrar nas barbearias sem receios (de minha parte, mas também da parte desses artifícios) para conversar com os barbeiros o mais abertamente possível. Ou seja, estudar um ofício dando um enfoque antropológico possibilitou empreender a construção do “que olhamos à medida em que o que olhamos nos constitui, nos afeta e acaba por nos transformar” (LAPLANTINE, 2004, p.21).

Todavia, escrevi sobre minha lembrança de infância com a intenção de explicar que as barbearias são locais integrados à dinâmica do bairro no qual estão situadas, onde podem ser

comparadas, inicialmente, neste caso, “como o equivalente a ‘casa dos homens’ das sociedades tradicionais” (MAYOL, Pierre IN: CERTEAU, 2011, V.2, p.57). Em outras palavras, Ezio Flavio Bazzo, autor do único livro que trata dos artífices barbeiros que tive acesso, em suas pesquisas sobre os trabalhadores da cidade de Brasília, menciona que “frequentar o barbeiro e o bordel era simbolicamente fundamental... era estar iniciado, ser já um homem e estar praticamente pronto para lançar-se pelas estradas perigosas do mundo” (BAZZO, 2000, p. 18).

Certa vez, estando no Salão Moura para conversar com um dos barbeiros que lá trabalhava, fiquei impressionado com a entrada de três fregueses que, em pequenos intervalos de tempo de um para o outro, com suas próprias mãos pegavam uma chave na gaveta do barbeiro João e diziam ir ao banheiro. Fiquei pensando no grau de intimidade das pessoas do bairro com os trabalhadores desse salão, fato que parecia tornar a barbearia um ponto de encontro do bairro, comparável a uma praça. Só que um ponto de encontro de homens. “A longa vizinhança, a osmose social que ela induz chegando mesmo a uma certa uniformização dos comportamentos, tudo isso enriquece de maneira notável o sentimento de pertença (MAYOL, Pierre In: CERTEAU, 2011, V.2, p. 80).

A disposição das barbearias no bairro, entendido enquanto intermediador entre os espaços públicos da cidade e os espaços privados dos lares, por exemplo, diz algo sobre a intensidade de vida social ali existente (MAYOL, Pierre In: CERTEAU, 2011, V.2, p. 40 e 41). Com base na experiência de campo, que se concentrou no Bairro Centro com alguma extensão pelo Bairro Siqueira Campos e pelo Bairro Santo Antônio, posso afirmar que antes das décadas de 1960 e 1970 existiam dois tipos de barbearias em Aracaju: as maiores, com diversos barbeiros e clientes, que tinham localizações centrais dentro dos limites do bairro; e as menores, com apenas um trabalhador e cujos clientes prezavam mais pela fidelidade ao artífice. As barbearias menores existiam geralmente em maior número em relação às barbearias maiores e se localizavam em pontos mais periféricos. O barbeiro Moura, dono do salão Moura, que ocupava posição central no bairro, conta como era essa configuração que estamos estabelecendo: “Quando eu cheguei no Siqueira Campos, tinha o salão... de... Sinhô Francisco. É... Coto... seu Pequeno, Lourival, Sérgio (...) É, mas cada um com uma cadeira. O meu era [o maior e com oito barbeiros trabalhando].” Ou seja, todo bairro tem seus pontos de maior fluxo, as suas “entradas”, as suas “saídas”, de modo que a disposição das barbearias podem mostrar os pontos do bairro onde vida social parece ser mais intensa.

Como todo estabelecimento comercial, a barbearia possui uma porta de entrada larga. A largura da porta é uma espécie de convite, um chamamento. Sempre percebi isso ao olhar as fachadas dos salões em que estive. Na fachada pode haver um letreiro acima da porta indicando: Salão X ou Barbearia do José; ou ainda uma placa na calçada com dizeres parecidos. As portas dos salões de barbeiros diferem, por exemplo, das portas das residências comuns, muitas vezes fechadas, gradeadas ou entreabertas quando passamos nas calçadas. A porta é o limite entre o espaço da rua (público) e o espaço da casa (privado). Guy Massart em sua análise sobre este ofício e sobre esse ambiente de trabalho em Mindelo, Cabo Verde, diz que a barbearia é um “espaço aberto para a rua, mas com seu que de íntimo” (MASSART, 2012).

Dentro deste ambiente, a cadeira de barbeiro (Foto 6, na página seguinte) é o primeiro móvel que chama nossa atenção. Um apetrecho central, que integra o mobiliário da barbearia, também podendo simbolizar a sexualidade viril, uma vez que têm a forma quadrada onde as retas predominam sobre as curvas. Nesse sentido, eu considero a cadeira simbolicamente tão importante quanto a navalha para esta análise. Quase todas elas possuem as mesmas características: apoio para cabeça e para os braços, uma manivela que torna o espaldar reclinável, apoio para os pés e uma alavanca que é movida com a força do pé do artífice que tem a função de elevar ou diminuir o assento da cadeira. Serve ao cliente em duas posições: sentado, para cortar o cabelo, e deitado, para fazer a barba; mas também serve ao artífice que nela descansa nas horas vagas. Tive oportunidade de flagrar barbeiros dormindo em suas cadeiras várias vezes, durante a pesquisa de campo.

Na parede, há uma bancada com gavetas onde são dispostos as ferramentas e utensílios do artífice. Em cima dela, geralmente encontramos uma espécie de copo plástico grande, com divisões dentro dele, onde as tesouras e pentes são colocados, além do borrifador, espécie de bomba bojudá com a qual os barbeiros molham os cabelos dos clientes e alguns produtos como óleo para cabelo, álcool, pasta para barbear ou creme para cabelos. Dentro das gavetas, pode ser encontrado: papel higiênico, utilizado pelo barbeiro ao redor do pescoço do cliente para impedir que os fios de cabelo passem, pela gola, para dentro da camisa; ferramentas velhas, como tesouras cegas ou pentes quebrados; e papéis ou cartões contendo telefones e endereços como informações. Acima da bancada há o espelho, onde tanto o cliente quanto o barbeiro observam-se e observam a si mesmos. O espelho “constitui o intermediário físico, (...) devolvendo os olhares como jogadas de bilhar, materializa uma rede de olhares ou às

vezes mesmo de trocas verbais... permite ao clientes preparar-se para o confronto com o olhar dos outros (MASSART, 2012). Há ainda um segundo espelho que o barbeiro pega em suas mãos e maneja pelas costas do cliente quando termina o corte de cabelo, para que o cliente possa ver se o “pé do cabelo” foi bem feito. Isto em se tratando de uma barbearia com apenas um artífice. Um salão maior exige que essa mesma configuração seja aumentada de acordo com o número de trabalhadores presentes no ambiente laboral.



Foto 6: Cadeira de barbeiro

Em sua pesquisa sobre os barbeiros de Mindelo, Cabo Verde, Guy Massart percebeu que a barbearia “divide-se em duas partes desiguais”: uma ocupada pelo artífice e a segunda, “uma sala de espera”, ocupada pelos clientes que sentam-se em bancos colocados para este fim (MASSART, 2012). Porém, nas observações que realizei nos salões de barbeiros em

Aracaju notei que há um terceiro espaço, que serve de cozinha e depósito ao mesmo tempo, onde só o barbeiro tem acesso. Na barbearia do Pacatiba, no bairro Santo Antônio, e no Salão do Gonçalves, no Mercado Antônio Franco, esse terceiro espaço é separado dos outros dois por uma cortina, na tentativa de esconder um pequeno fogão de duas bocas e uma pia. No salão Moura, tal espaço é realmente uma cozinha separada do salão por uma parede, cuja porta de acesso fica trancada. Nesse local, os barbeiros Wellington e João guardavam, por exemplo, as marmitas trazidas de casa dentro de bolsas que eles colocavam em cima de uma pequena mesa, onde almoçavam, ou preparavam um cafezinho para ser sorvido de vez em quando.

Portanto, o salão de barbeiro é um dos pontos de encontro, no bairro, de pessoas que ali vão cortar o cabelo e fazer a barba e inclusive daquelas que passam na calçada da barbearia, seguindo para o trabalho, para o mercado, para casa de um vizinho. Transeuntes que, ao olhar para dentro deste ambiente de trabalho para cumprimentar o artífice que lá está atuando, acabam encontrando conhecidos cortando ou esperando a vez de cortar o cabelo. Assim, este ambiente laboral se torna propício para interações sociais, a barbearia transforma-se “uma determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente” (LEITE, 2004, p.284).

No mais, durante a pesquisa de campo, não houve sucesso nos questionamentos sobre alguma informação interessante de conversas que os barbeiros tiveram ou puderam escutar dos clientes políticos, desembargadores, doutores e advogados. Como diz o barbeiro Damascena, diante destes, a estratégia era o silêncio: “você aí é um desembargador esse aqui é um juiz, eu só imaginava vocês dois se conversando aí: “Né, Damascena? Isso assim, assim.” Eu digo: “É Doutor.” (...) você acha que eu ia falar nada com esses homens?”. Nas conversas das barbearias predominam os assuntos cotidianos: sobre o trabalho do barbeiro e do cliente, as notícias dos jornais, as fofocas, sobre os jogos de futebol, sobre automóveis e sobre mulheres. É o momento onde os barbeiros acrescentam ao seu serviço a função de escutar, se tornam psicólogos dos seus clientes. Sendo assim, entre artífices e clientes não como “limitar exclusivamente ao simples relacionamento de consumo, pois este vinha ser (...) suporte para um outro discurso que, de maneira genérica denomino aqui a confiança” (MAYOL, Pierre IN: CERTEAU, 2011, V.2, p.57)

3. A Associação Profissional de Barbeiros, Cabeleireiros e Similares de Sergipe

Para finalizar este capítulo, precisarei discorrer brevemente sobre a Associação Profissional dos Barbeiros, Cabeleireiros e Similares Autônomos de Sergipe. O que sei sobre essa entidade é o que me foi contado durante as entrevistas com os barbeiros, em especial a de um ex-presidente, o barbeiro Luiz Francisco dos Santos. Durante a pesquisa de campo não consegui localizar sua sede atual nem o presidente em exercício. Ela foi fundada em 18 de agosto de 1961, mas só foi registrada em 10 de agosto de 1964 sob o nº 1218. A Associação dos Barbeiros foi reconhecida de utilidade pública municipal pela Lei 282 de 11 de outubro de 1972 e sua sede era localizada na Travessa Esperanto, nº 100, Bairro Centro, em Aracaju.

Segundo Luiz, todos os seus presidentes sempre foram barbeiros até a sua gestão, na década de 1980. Ele foi sucedido por um cabeleireiro, que não foi encontrado durante as pesquisas, responsável pela transformação da Associação em Sindicato. Durante a gestão desse cabeleireiro, o agora Sindicato dos Barbeiros, Cabeleireiros e Similares de Sergipe perdeu a sede, provavelmente devido a não pagamento de direitos trabalhistas a um dos seus funcionários. O tema da entidade representativa dos barbeiros e cabeleireiros é tratado com muita brevidade nas narrativas de vida que realizei durante as visitas nas barbearias e salões, tanto por barbeiros quanto por cabeleireiros. Para esses trabalhadores é como se fosse uma pergunta espinhosa, pela qual eles gostariam de passar o mais rapidamente possível. A passagem mais cheia de detalhes sobre a entidade pertence a Luiz, que transcrevo logo abaixo:

Quem juntou cabeleireiro com barbeiro foi eu. Quando era Presidente. Porque cabeleireiro não ia pra reunião de barbeiro. Desde que é Associação Profissional de Barbeiros e Cabeleireiros de Sergipe. O nome é esse. Só que cabeleireiro não ia. Reunião nenhuma. Nem se associava. Mas quando eu fui presidente, aí tinha a SUNAB, e a SUNAB era quem dava os preços. Aí só tinha tabela de preço se fosse assinada pelo Presidente do Sindicato. Eles ia lá na SUNAB e num, num podia. Porque cadê o presidente? Assinou? Não!... Então, quando chegava na SUNAB pra pagar os preços do cabeleireiros, dizia: Ói, vá no Presidente da Associação que ele é quem assina as tabelas. E agora? Senão não trabalha. E agora? Tinha, tinha que eles me chamar pra fazer uma reunião de cabeleireiros. E eu fui porque eu sou um camarada bom de pelejar. Eu devia não ter ido. Por que Associação, a reunião tem ser na Associação. Na sede. Num é? Mas eles pra num ir pra sede, fizeram no salão de um cabeleireiro, eles todos cabeleireiros de Sergipe, e mandaram convidar o Presidente que seria eu. Errei mas, mas fui! Mas de qualquer jeito eu dei um tranco neles. Fui cheguei lá e tal, ba-ba-ba, tal. E... digo: “Ói se foi errado é a reunião aqui. Agora só tem uma coisa eu

só assino a tabela de vocês, se todo mundo se associar. Se associar e pagar, no dia que pagar, pode buscar a tabela lá.

Alguns elementos importantes devem ser destacados. Em primeiro lugar, Luiz conta como os cabeleireiros não se achavam representados pela Associação que devia pertencer a ambas as atividades laborais. O motivo dessa tensão entre barbeiros e cabeleireiros é localizada pelos próprios trabalhadores nas oposições: o barbeiro é do campo, é atrasado, trabalha com barba, num ambiente “sujo”, não tem técnica; o cabeleireiro é da cidade, é moderno, trabalha só com cabelo, num ambiente “limpo”, tem técnica. Atualmente, após novas reflexões, posso afirmar que a tensão se dá na medida em que os barbeiros, a partir dos anos 1970 e 1980, perdem espaço no setor de higiene pessoal para os cabeleireiros. A própria eleição de um presidente cabeleireiro para a Associação que por mais de 30 anos sempre teve presidentes barbeiros pode indicar isso. Nesse caso, lembrar sobre a Associação pode ser confirmar essa perda de prestígio dos barbeiros, a confirmação de que eles formam um “ofício atrasado”.

Em segundo lugar, a brevidade com que estes profissionais tratam o tema da Associação sem dúvida se relaciona com o medo de que o testemunho possa fazer com que esse passado volte à tona. Um passado que se revelou trágico: a perda da sede própria da entidade. O cabeleireiro Vilobaldo Félix Cardoso, por exemplo, após a realização da entrevista, me questionou como ele tinha se saído. Minha resposta foi que ele tinha se saído muito bem. Ele me respondeu: “Você viu que eu não falei mal de ninguém, não disse o nome de ninguém.” Não só quando entrevistava Vilobaldo, mas durante outros momentos da pesquisa de campo, pude sentir que os trabalhadores tinham medo de que as entrevistas pudessem entregar possíveis culpados. Michael Pollak afirma que “a vontade de esquecer os traumatismos... revela em muitos casos o desejo... [de] retomar uma vida ‘normal’” (POLLAK, 1989).

Por fim, a Associação acabava sendo um dos lugares de disputas entre barbeiros e cabeleireiros, principalmente após a década de 1970. O barbeiro Damascena comenta essa transição:

Luiz passou uma época como presidente. Da classe. Homem de moral, um homem de respeito. Entendeu? E depois entregou lá a um moleque, foi quando acabou. Um ladrão. Que ele só queria arrecadar e embolsar e pronto e ficava por aí mesmo.

È interessante notar como Damascena qualifica Luiz que é barbeiro e desqualifica o seu sucessor, que foi um cabeleireiro. Na verdade, após a eleição de um cabeleireiro, há um afastamento dos artífices barbeiros, revelando que a “monopolização dos principais cargos” da Associação dos Barbeiros e Cabeleireiros era “uma das fontes mais vigorosas de poder” (ELIAS, 2000, p.103). Na verdade, o tema da Associação acaba significando perda para ambas as atividades laborais, só que, para os barbeiros, em dois sentidos: significou tanto a perda da sede da entidade, quanto à perda da hegemonia do ofício no setor da higiene pessoal.

3º CAPÍTULO

O OFÍCIO DE BARBEIRO: MEMÓRIA, TRADIÇÕES E MODERNIDADES

No segundo capítulo, tentei destacar que o ambiente familiar e o ambiente de trabalho são fundamentais no processo de afirmação da identidade do ofício pelo barbeiro, muito embora tenha parecido que estou entendendo as identidades como algo fixo. Porém, achei necessário mostrar como as relações entre homens que o futuro artífice vai se envolvendo, em casa e no trabalho, são importantes na formação da chamada identidade de ofício para, a partir de agora tentar perscrutar como o “ofício aprendido, transmitido e incorporado numa ‘atividade’ [torna-se uma coisa] incerta, mal reconhecida, problemática” (DUBAR, 2006, p.104). Era necessário descrever o interior das barbearias, em detalhes, antes das décadas de 1960 e 1970, para poder discorrer, a seguir, sobre a situação nas últimas duas décadas.

Nas páginas anteriores afirmei que as narrativas de vida laboral dos barbeiros são relatos de decadência. A decadência do ofício é atribuída pelos artífices à chamada modernização da cidade, que é sentida por eles através da emergência da ordem unissex, representada pelos cabeleireiros (as). Eu parti das palavras utilizadas pejorativamente pelos barbeiros para designar os cabeleireiros (as), com intenção de mostrar como estava se dando a transição da ordem masculina para a ordem unissex, que parece coincidir com a passagem do tempo em que predominavam os ofícios para o tempo das profissões. Sendo assim, é possível afirmar que o capítulo anterior descrevia a antiga ordem e que, nesse capítulo, tentarei tratar da ordem vigente e de como os barbeiros estão lidando com ela.

Começarei trazendo dois exemplos. O barbeiro José Wellington Santana, que trabalhava no Salão Moura, no Siqueira Campos, embora atuasse como barbeiro criticava o proceder dos cabeleireiros, dizendo que muitos deles têm “um jeitinho especial”, afeminando-os. Contudo, sempre referia a si mesmo como “Eu, cabeleireiro”. É como se, inconscientemente, ele tentasse se revestir de um saber mais “moderno”, mais escolarizado, diante de um entrevistador que frequentava a academia. Por sua vez, o cabeleireiro Edgar Ribeiro Filho, que assim se identificava quando da época da entrevista, estava atuando como barbeiro. Ele só atendia a clientela masculina e não usava o lavatório, instrumento apontado pelos artífices como muito importante na “nova configuração” dos salões. Assim, no dia em que o entrevistei, entrou uma mulher com sua filha e ela perguntou se ele estava atendendo,

ao que ele respondeu que não poderia atendê-la porque não estava atualizado e só atendia a clientela masculina, que ela voltasse outro dia para ser atendida por sua filha, que era cabeleireira.

Estes dois exemplos de como os barbeiros procedem cotidianamente revelam como é difícil tentar estabelecer a identidade laboral como algo fixo. É preciso deixar claro que “identificar-se ou ser identificado não significa só ‘projectar-se sobre’ ou ‘assimilar-se’ a, é antes de mais dizer-se através de palavras” (DUBAR, 2006, p172). Todavia, essas situações onde as fronteiras laborais parecem fluidas, em que os indivíduos parecem “manipular” sua identidade laboral são muito frequentes e não desprovidas de interesses por parte dos barbeiros, e dos cabeleireiros também. Ressalta Fredrik Barth que, quando há mudança de identidade, surge uma ambiguidade, já que, muitas vezes, a manutenção de uma fronteira e da dicotomia categorial parece ser destruída, pois as distinções reais são confundidas. Daí a importância de não nos apegarmos “ao aperfeiçoamento de uma tipologia, mas ao descobrimento dos processos que acarretam tais reagrupamentos” (BARTH, 1998, p.214/215).

Estou querendo situar os barbeiros num contexto mais amplo, de crise do masculino, que significa, portanto, quebra das antigas referências que reservavam para o homem o campo do trabalho, do público, da rua e restringia as mulheres ao espaço da casa, às tarefas domésticas. A situação atual na qual os barbeiros vivem é bem próxima do que coloca Stuart Hall:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades sociais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2006, p.9).

Por outro lado, os dois exemplos acima citados são também, além de representarem essa “descentração do sujeito” de que fala Hall, “golpes” na ordem instituída como diria Michel de Certeau. O surgimento da ordem unissex, da ordem das profissões se dá no contexto da cidade de Aracaju que, como qualquer cidade, é algo vivo, “um próprio”, em

constante transformação. As “cidades [são] os contextos que condicionam os formatos” de hibridação (CANCLINI, 2011, p.XXIX). Esses artífices, enquanto pessoas que vivem a cidade criam as suas próprias formas de subsistir as mutações que parecem querer engoli-los. Dizer-se cabeleireiro sendo barbeiro, buscar cursos de aperfeiçoamento apenas para ter um certificado, mesmo desacreditando que eles possam ajudar no trabalho cotidiano, modificar um pouco o layout interno dos salões, retirar o termo barbearia e colocar salão unissex ou abandonar a navalha e usar secador e escova (instrumentos típicos do cabeleireiro) na tentativa de angariar maior quantidade de clientes são as táticas do fraco para subverter a “ordem instituída”. A seguir, transcrevo a passagem na qual Michel de Certeau explica melhor os termos estratégia e tática:

estratégia [como] o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e os objetos da pesquisa etc). (...) A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar como o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria (...) a tática é a arte do fraco (...) é determinada pela ausência do poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder (CERTEAU, 2011, p. 93-95).

Arrisco dizer que o chamado de processo de modernização de Aracaju cria o contexto onde os barbeiros acabam se vendo diante da crise de identidade do ofício e necessitando desenvolver essas táticas que lhes dão a possibilidade de resistência. Esses artífices reinventam-se, misturam o que é velho ou tradicional com o que é novo ou moderno. Assim procedendo, eles parecem tornar-se híbridos, no sentido que Nestor Garcia Canclini entende hibridação, como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2011, p.XIX). Para Canclini, as cidades latino-americanas são lugares onde “as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar” (CANCLINI, 2011, p.17). Talvez seja essa a grande importância do tema dos barbeiros. Esses trabalhadores demonstram como Aracaju é uma cidade cuja ideia de modernização é incompleta e/ou descompassada.

No entanto, essas táticas utilizadas pelos barbeiros são muito mais do que “golpes” na ordem instituída, como diria Michel de Certeau. Elas mostram que as oposições tradicional/moderno, campo/cidade, masculino/feminino; barbeiro/cabeleireiro simplesmente não dão conta de como a realidade se apresenta. “Nem a modernização exige abolir as tradições, nem o destino fatal dos grupos tradicionais é ficar de fora da modernidade” (CANCLINI, 2011, p239).

Especialmente para os barbeiros, essas táticas são bastante problemáticas. Se a identidade é auto-imputada a depender dos contextos sociais em que os grupos se encontram, até onde eles conseguem mover-se na fronteira que separa a atividade laboral dos barbeiros da atividade laboral dos cabeleireiros? Ao que parece é possível atuar como barbeiro, atender a clientela masculina intitulando-se cabeleireiro, porém, trabalhar com um cabeleireiro gay é algo extremamente complicado para esses “velhos trabalhadores de respeito”. Nesse sentido, Fredrik Barth diz algo que parece valer também para a identidade de ofício, quando menciona que “a identidade étnica implica uma série de restrições sobre os tipos de papéis que um indivíduo pode desempenhar, e sobre parceiros que ele pode escolher para diferentes tipos de transações” (BARTH, 1998, p.198).

Acredito que essa encruzilhada em que os barbeiros se encontram, esse estar entre modernidades e tradições, diz muito sobre a chamada modernização de Aracaju. Se há um processo de modernização na capital sergipana, penso que ele acontece de forma semelhante a como Canclini discute a modernização na América Latina: “incompleta”, “descompassada”, ou com “projetos de modernidade [que] são inconciliáveis” (CANCLINI, 2011, p.51). Ou ainda, seguindo o viés de Marshall Berman (2007), parece que há uma desarmonia entre o que ele chama de modernização material (em nosso caso, as transformações no âmbito dos costumes, o crescimento vertical e horizontal do espaço urbano, a intensificação do dinamismo do setor de serviços e as intervenções racionalizadoras no Bairro Centro de Aracaju) e a modernização espiritual (o modo como as pessoas que vivem e sentem a cidade participam ou entendem dessas transformações).

Se nas décadas de 1940 e 1950, nas “décadas de ouro” de Aracaju, como as chama Murillo Melins (2007), os barbeiros eram hegemônicos no setor da higiene pessoal e sentiam o discurso da modernização através dos avanços pontuais que aconteciam nesse tempo (como a chegada da luz elétrica, a implantação do serviço de bonde, o cotidiano dos cinemas de bairro da cidade, por exemplo), pensavam viver um período de progresso; agora, da década de

1980 aos dias atuais, que a chamada modernidade (sentida como o advento do feminismo e através da rapidez das comunicações que interligam as diferentes partes do planeta) realmente parece apontar, eles sentem-se deslocados. O que fazer? É diante desse paradoxo que encontrei o barbeiro Ascendino Assunção, no dia em que gravava sua narrativa de vida e ele comparava as ferramentas manuais de antigamente com as ferramentas elétricas atuais:

A gente fica na cabeça como que naquele tempo era tudo difícil. Hoje não. Hoje as coisas é tudo moderna. É tudo mais prático. Justo agora que tem pouco serviço. E as coisas tudo... Quer dizer, até essa maquininha [elétrica] de fazer o pezinho do cabelo, ói. (...) E no fim da história tá acabando. De barbeiro praticamente já acabou. Justo agora que tava no tempo do barbeiro começar por que trabalha muito com máquina [elétrica]. Mas quase o barbeiro não existe mais. É cabeleireiro. E agora, vem a turma jovem. Falta de emprego. A turma jovem vai fazer o curso de cabeleireiro. E aí é só curso de cabeleireiro.

A passagem acima chega a ser comovente, porque as mutações que acontecem em Aracaju se reverberam no setor da higiene pessoal, no interior dos ambientes de trabalho dos barbeiros. Os diversos sentidos de modernidade parecem colocá-los entre “aqueles que não consegue[m] se integrar nos dois mundos da cidade [e que] provavelmente perderão o controle sobre ambos, e conseqüentemente, sobre a vida” (BERMAN, 2007, 239).

Desta forma, os barbeiros colocam uma ideia de modernização que me parece bem próxima da que trata Claude Dubar, quando explica a passagem das formas de identificação comunitárias “que repousa sobre a força da tradição, dos laços transmitidos pela filiação, das heranças culturais” para as formas de identificação societárias “que concernem... a relação com valores... que serve de base aos ‘acordos racionais por compromisso mútuo’... [e] a troca comercial, ‘a competição para assegurar as melhores oportunidades de vida’” (DUBAR, 2006, p.31). Tomando como base as narrativa de vida dos barbeiros e minha experiência de campo, penso a passagem da ordem masculina, dos ofícios, para a ordem unissex, das profissões, nesse sentido. Acredito que tentar dizer algo sobre a decadência do ofício de barbeiro, sobre a idealização do passado presente na memória do ofício, investigar os motivos das tensões entre barbeiros e cabeleireiros é lançar alguma luz sobre a questão da modernidade em Aracaju do ponto de vista daqueles que vivem, sentem e praticam a cidade.

Apesar disso, como disse Ascendino no excerto de sua narrativa de vida logo acima, quando “as coisas é tudo moderna... barbeiro praticamente já acabou”. É como se a chegada da chamada modernidade não representasse para esses artífices uma era de progresso, de bem

estar social, uma vez que a “turma jovem” sente a “falta de emprego”, o que faz com que seu mercado de trabalho acabe inchando e eles sintam a diminuição da clientela. Novamente, o que Claude Dubar menciona parece valer para esses trabalhadores que atuam em Aracaju: “a modernidade coloca um problema, hoje como ontem, hoje talvez mais do que ontem. Sem dúvida porque ela parece mais destrutiva do que criadora, mais incontrolável do que dominada, mais perigosa do que promissora” (DUBAR, 2006, p.87).

1. O Bairro Centro e os salões de barbeiros e cabeleireiros em Aracaju

Neste momento, é preciso fazer novas considerações a respeito do significado da expressiva quantidade de salões de barbeiros e cabeleireiros no Bairro Centro em Aracaju, que não foram realizadas no primeiro capítulo. É importante voltar ao Mapa da página 41, que foi construído com base em minha observação in loco, durante minhas vagarosas caminhadas pelas ruas desse bairro. O primeiro elemento é que na maior parte desses salões o que se vê são cabeleireiros, onde a parcela feminina representa muito mais que a metade do total de trabalhadores desses ambientes laborais. Após minha pesquisa de campo, posso afirmar que a grande maioria das pessoas que formam o setor da higiene pessoal atualmente são mulheres.

A presença das mulheres no mercado de trabalho que antes pertencia quase que exclusivamente aos barbeiros é sentido por estes artífices como um incômodo. Aliás, este é um dos pontos relacionados ao discurso sobre a modernidade presente nas narrativas destes trabalhadores. É como se os barbeiros mais antigos vissem a sua ordem ameaçada. Inclusive, Stuart Hall explica que um dos fatores de descentramento do sujeito moderno se refere ao impacto do feminismo, da “contestação da posição social das mulheres” (HALL, 2006, p. 45). Também por esse viés, segue Anthony Giddens, que acredita que o “feminismo participa da reflexividade da modernidade” que chega “a por em questão elementos constitutivos da igualdade entre os sexos” (GIDDENS, 1991, p.161).

Por um lado, a expressividade numérica das mulheres no setor da higiene pessoal atualmente tem relação com mudanças no que se entende por família, antes estruturada segundo uma hierarquia onde os homens dominavam. É interessante perceber como muitas dessas cabeleireiras são as próprias donas dos salões, que através de seu trabalho sustentam os filhos e, não raras vezes, seus maridos. Inclusive, algumas dessas cabeleireiras são chefes de

família. Outras há que abrem seus salões em suas residências, onde conciliam o trabalho de cabeleireira (que complementa a renda total da família, também composta pela renda do marido, quando não é a renda principal da casa) com as tarefas domésticas. Tal expressividade feminina no mercado de trabalho que era dominado pelos barbeiros nas décadas de 1940, 1950 e até 1960, interfere nos processos identitários dessas pessoas que formam o setor da higiene pessoal, como explica Claude Dubar:

Mesmo se consagram à 'família' mais tempo e investimento que os homens, elas tem também uma identidade profissional. De facto, é a estrutura da sua personalidade que se modifica assim que elas põem em causa a atribuição da sua existência aos seus papéis familiares: todas as dimensões da sua identidade 'para si' e 'para outrem', relacional e biográfica, são visadas. E nomeadamente as dimensões íntimas, as da vida privada. De facto, é também a diversificação das formas de vida privada que caracteriza o processo de emancipação da mulheres, no mesmo tempo em que modifica as relações entre homens e mulheres e, portanto, também os processos identitários masculinos (DUBAR, 2006, p.62).

Nesse sentido, quando os barbeiros narravam sobre seu ofício apresentando um momento de decadência, sem poupar críticas (às vezes preconceitos) à presença de cabeleireiros, cabeleireiras e de cabeleireiros gays, eles estavam, na verdade, demonstrando como a "crise da identidade masculina sob o ímpeto de emancipação das mulheres" os afetava (DUBAR, 2006, p.63). Assim, a crise do ofício de barbeiro se relaciona com a crise da identidade masculina, algo importante no processo de identificação laboral. Aliás, a família tem função central no processo de identificação pessoal e laboral. No capítulo passado, por exemplo, discorri sobre como o ambiente familiar do futuro artífice barbeiro interferia na aprendizagem da atividade laboral. Segundo a professora Cristine Jacquet, as atividades laborais eram passadas de uma geração a outra mantendo "as posições social e sexual: a aprendizagem de uma profissão para os filhos; o casamento para as filhas. O destino social de cada um era traçado, conforme seu sexo" (JACQUET, Cristine IN: LEITE, 2008, p.44).

Após as décadas de 1960 e 1970, tem se modificado as formas como a família interfere nas escolhas das atividades laborais, ou seja, o destino social passa cada vez menos, a depender do sexo da pessoa. Essa premissa pode ser confirmada pela situação em que se encontram os barbeiros e cabeleireiros (as) no Bairro Centro. Para os trabalhadores que caracterizei como "velhos barbeiros" estas mudanças são chocantes, uma vez que eles sempre foram os chefes de suas famílias e lidavam diariamente com colegas de ofício e com clientes

que também eram o que eles chamam de “homens de respeito”. Para eles, é bastante complicado perceber e lidar com esses novos modelos masculinos e femininos, que surgem quando do “defasamento entre a evolução das normas, da diversificação dos modos de vida, da experimentação de novas relações amorosas, das aspirações da igualdade entre os sexos” (DUBAR, 2006, p.65).

Por outro lado, a expressividade de salões de cabeleireiros (as) representa algumas das principais transformações pelas quais está passando o mundo do trabalho no final do século XX e início do século XXI: desemprego, aumento das mulheres na população economicamente ativa, precariedade do trabalho, expansão das formas individualistas e diminuição das coletivas (AUED, 1999, p.96). O desemprego e a precariedade das situações de trabalho são temas recorrentes nas narrativas dos barbeiros como motivadores do aumento da concorrência nesse mercado de trabalho. O Barbeiro Damascena conta:

[As barbearias] Diminuiu muito! Não existe mais... ói, aqui, só existe uma que tem aqui na Rua de Santo Amaro. (...) Do Parque. Sim. Só. Só esses dois. E tem lá pela Rua de Capela que existe três ou... Tem três né? É tem três. Tem até um (ininteligível) viadinho que corta aí. Mas rapaz?! Não dá não. Esculhambou com a profissão, viu meu filho. Tá tudo esculhambado. (...) Não tem controle. (...) Se quiser abrir abre. É só abrir. (...) [Antes, nos anos 1960, 1970] Você não podia abrir assim. E outra coisa, e tinha preço. Você tinha seu preço ali, eu tinha meu aqui, o outro tinha ali. Hoje é tudo misturado. Eu corto aqui de dez, vamo dizer, você abre um salão encostado a mim de dois mil réis. Quer dizer, vai me acabar né? Não vai, não tem condições. [A profissão] não vai se acabar nunca não. Que! Não acaba nunca. Empesteou tudo agora (riso). Tá tudo empestado, rapaz. Ô! Não tem emprego. Você vê os menino aí, os rapazinhos novos, bom de trabalhar, fazer outra coisa, vai trabalhar de barbeiro. Ói! Home aí não tem no mundo quem acabe mais.

Nessa passagem, embora confundindo as atividades de barbeiro e cabeleireiro, Damascena confirma minhas observações de campo, que podem ser melhor visualizadas no Mapa da página 41, acerca do aumento no número de cabeleireiros enquanto há diminuição no número de barbeiros de “antigo estilo”. A própria confusão que ele faz acerca do que seja barbeiro e do que seja cabeleireiro, que também é recorrente em outras narrativas de vida, é indício de como o setor da higiene pessoal parece confuso, onde os trabalhadores não conseguem mais situar os limites entre as identidades laborais. Ao que parece, o campo do trabalho em Sergipe sofre mudanças que “recuperam, reformulam e reapropriam formas de utilização da força de trabalho presentes desde os momentos iniciais do capitalismo: o

trabalho em domicílio, temporário, por empreita e diversas formas de subcontratação” (LIMA, Jacob IN: BORSOI & SCOPINHO, 2007, p. 34). De toda forma, a narrativa tecida por Damascena estabelece uma relação entre o aumento no número de salões em geral, a precarização das situações de trabalho e o aumento do desemprego. Tais problemas são tratados por Robert Castel como a

manifestação de um déficit de lugares ocupáveis na estrutura social, entendendo-se por lugares posições às quais estão associados uma utilidade social e um reconhecimento público. (...) Tudo se passa como se nosso tipo de sociedade redescobrisse, com surpresa, a presença em seu seio de um perfil de populações que se acreditava desaparecido, ‘inúteis para o mundo’ que nele estão sem verdadeiramente lhe pertencer. (...) categorias cada vez mais numerosas da população ativa, e a fortiori para as que estão colocadas em uma situação de inatividade forçada, a identidade pelo trabalho está perdida. (CASTEL, 1998, p.530/31).

Por conseguinte, o expressivo número de salões em geral no Bairro Centro, em Aracaju, que denota transformações no cenário do trabalho sergipano, pode ser mais bem analisado através do que Robert Castel chama de “a nova questão social” para o caso da França. Para ele, a questão do emprego é central na manutenção da coesão da sociedade. Em sua análise que remonta ao período medieval, Castel mostra que vagabundos, indigentes, inválidos, os que estavam à margem da sociedade recebiam certas proteções que lhes assegurava sobrevivência. Com o advento da Revolução Industrial, essas tutelas tradicionais que eram ofertadas a esses “inúteis do mundo” seriam dadas através do salário. No entanto, mesmo nesse período, o salário ainda vai ser algo considerado indigno, dispensado somente para aqueles que não possuíam terras ou um “negócio próprio”. Assim, antes da Revolução Industrial, ser assalariado era ser instável.

Porém, à medida que se vai chegando ao período contemporâneo, o Estado toma para si a tarefa de regular o “compromisso entre interesses do mercado e as reivindicações do trabalho”, fazendo surgir a Sociedade Salarial (CASTEL, 1998, p.278). O Estado de Bem Estar Social surge a partir do pressuposto que a classe trabalhadora vive no limite da miserabilidade, daí a necessidade de seguros e proteções. Isto faz com que o assalariamento se torne um campo de estabilidade, o que dá ao trabalho a centralidade no tocante a manutenção da coesão social. Assim, “a questão social é então, exatamente, a tomada de consciência de que essa fratura central, posta em cena através das descrições do pauperismo, pode levar a dissociação do conjunto da sociedade” (CASTEL, 1998, p.415). Para Castel, estaríamos

diante desse problema novamente, nos dias atuais, caracterizado pela falência do Estado de Bem Estar Social, ao mesmo tempo em que aumenta o número dos desprotegidos em virtude do desemprego.

Nesse sentido, acredito que o Mapa da página 41, que apresenta a expressividade do número de salões em geral, parece sugerir que, tal como na França analisada por Castel, também em Aracaju cresce o número dos “inúteis para o mundo”, dos desprotegidos. O fato é que “o trabalho torna-se cada vez mais raro na nossa sociedade. A desvairada competição que se instala entre os trabalhadores e entre as nações gera uma grave deterioração nas relações entre as pessoas” (AUED, 1999, p.5). Os barbeiros são os que primeiro colocam o setor da higiene pessoal como um campo aberto, de fácil entrada para aqueles que esperam sair da situação periclitante de estar sem trabalho e, quem sabe depois, encontrar um emprego em que tenham mais segurança e retorno financeiro. Alguns cabeleireiros (as), por exemplo, contaram-me que aquela atividade laboral na qual atuavam era algo “provisório”, “momentâneo”, “para não ficar sem fazer nada”. Isto torna possível imaginar o que diz Richard Sennet sobre “no trabalho, a carreira tradicional, que avança passo a passo pelos corredores de uma ou duas instituições, está fenecendo; e também a utilização de um único conjunto de qualificações no decorrer de uma vida de trabalho” (SENNETT, 2009, p.21).

É importante ressaltar, à luz do que disse o barbeiro Damascena, no excerto de sua entrevista citada mais atrás, que o setor da higiene pessoal em Aracaju atualmente é caracterizado pela quase ausência de proteção social, pela falta de regulações públicas, de relações de trabalho precárias e da inexistência de contratos de trabalho que assegurem direitos trabalhistas. É mais nesse sentido que entendo o que afirma o professor Samuel Cohn sobre o fato do “high levels of barber employemt had very beneficial effects on social welfare as a whole. Personal hygiene is labor intensive and creats a great deal of employment for relatively little capital. The educational requirements are relatively low. Neither formal education or even literacy are required” (COHN, 2007/2008, p.7).

Quando em campo, notei que abundam os salões com cabeleireiros (as) “recém-formados” que inauguram seus ambientes de trabalho com uma tabela de preço cujos valores são muito baixos, porque não possuem experiência. Isto torna o mercado de trabalho ainda mais precário. A cabeleireira Edilene Brito dos Santos, por exemplo, possui um salão que fica fechado a maior parte do tempo, onde a maioria das freguesas marcam horário por telefone. A forma como Edilene trabalha, me faz depreender que ser cabeleireira atualmente é uma

alternativa a falta de emprego que afeta parte da população economicamente ativa em Aracaju. Outra questão importante observada em campo é o surgimento de grandes salões de cabeleireiros como a Central dos Cabeleireiros e o Mutirão Cabeleireiros (ver mapa na página 41) com expressivo número de trabalhadores atuando com a proposta de baratear o máximo o valor cobrado pelos serviços oferecidos. Esses trabalhadores ganham pela quantidade de clientes que atendem diariamente, mas quase sempre o serviço não é de qualidade. A forma de atuação desses cabeleireiros é facilitada pela inserção de ferramentas elétricas, como a máquina de cortar cabelo, que dá rapidez ao serviço.

Abrindo parênteses, foi exatamente nesses empreendimentos que agrupam grande quantidade de trabalhadores, que vi, afixado a porta de entrada por mais de duas semanas, um cartaz branco em que havia a informação: Precisa-se de barbeiro. Perguntei-me de imediato o que isto significava, uma vez que me pareceu fácil encontrar barbeiros precisando de local para trabalhar. Talvez a declaração de vaga para barbeiros mostre como o grosso da clientela desses salões de cabeleireiros (as) não é de “homens de respeito”. E com isto não quero dizer que os cabeleireiros não saibam, ou não ofereçam o serviço de fazer barba. O cartaz ofertando vaga para barbeiro pode significar que há ainda “clientes de respeito” que esses empreendimentos não querem deixar de atender.

No entanto, a existência de vaga nesses salões para barbeiros, porque da demora de ser ocupada, também mostra que esses artífices, por algum motivo, não se encaixam muito bem nessa nova lógica de salões de beleza. Afinal, é “a confecção de um bom trabalho, que vem a ser o principal fator de identidade de um artífice” (SENNETT, 2009, p.35). A forma como os atuais salões de beleza são compreendidos torna cada vez maior a dificuldade de haver a chamada autoridade do artífice mais experiente, como também quase não há mais jovens iniciantes, os aprendizes. O topo da hierarquia deixa de estar na experiência adquirida na prática ao longo dos anos e passa a ser localizada no acúmulo de certificados que comprovem que o trabalhador detém um conhecimento teórico sobre sua atividade laboral, que ele está atento as últimas tendências da moda, por exemplo.

A irrigação de trabalhadores nesse mercado de trabalho é realizada a partir da formação nas Escolas de Cabeleireiros, como o Centro Profissionalizante de Beleza, a Escola Centro da Beleza e o Curso de Formação de Cabeleireiros ofertado pelo SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (ver Mapa na página 41). O cabeleireiro José Raimundo da Costa Santos, comentando o surgimento do primeiro grande salão de

cabeleireiros, na década de 1980, mas que acabou se extinguindo nos anos 1990; e analisando um grande empreendimento atual, com três filiais, em uma das quais ele trabalha, consegue tornar mais inteligível essa lógica de que estou tratando:

[Se prezava por] profissionais de alto gabarito, do sul do país, que não era de Sergipe... eles tinham uma técnica, tinha pessoas também de Sergipe, mas a maioria eles vinham de fora. São pessoas que tinham uma... uma beleza diferente, uma técnica diferente, uma modalidade diferente, uma tendência diferente, que fazia com que aquelas tendências atuais, eles traziam, novidades, sempre, pra Aracaju. O dono ele se preocupava em trazer novidades, tendências novas, para mostrar a cidade que ele era o salão que tinha profissionais de renome que passava no rádio, que passava na televisão e ele primava, zelava, cuidava desse nome que era o Navalhão (...) Mas tem empresários que investe mais do que outros. Porque é caro uma propaganda na televisão, é caro uma propaganda de rádio. Nem todos fazem isso, sempre. O Diplomata ele faz sempre. Tá sempre no rádio, na FM. E um empreendedor bom é aquele que investe, no seu nome, na sua empresa. Não quero aqui dizer que ele é o melhor, ele é um dos melhores, o qual a própria sociedade, as próprias pessoas é que vão dar testemunho do seu trabalho. (...) [Lá se] trabalha com primeira linha, os produtos melhores do mundo, que é L. P., produtos caríssimos, eles pagam quase 20 mil reais numa sala, despesa altíssima, então os preços tem que ser alto mesmo. O Diplomata ele tem um estoque de cliente grande, mas pra uma pessoa assalariado pagar vinte e poucos reais, trazendo filho, trazendo esposa, fica um pouco salgado pra ele.

No excerto acima, Raimundo mostra como as relações no interior desses ambientes de trabalho empenhados principalmente no corte de cabelo e na feitura de barba tem se modificado, deixando de ter como base as relações pessoais, baseada na amizade, “nas relações de compadrio” para possuir um caráter mais empresarial. A barbearia de antes dos 1960 e 1970 era um negócio no sentido de subsistência. O salão de beleza atual é o negócio no sentido de geração de lucros, de criação de novas filiais. Por essa linha, Richard Sennett analisa como no que ele chama de novo capitalismo se tem cada vez mais, “em vez de organizações tipo pirâmide, a administração [que querem] agora pensar nas organizações como redes” (SENNETT, 2009, p.23).

A mudança de uma lógica para outra tem fortes impactos nas relações que são desenvolvidas entre os trabalhadores que atuam em um mesmo ambiente laboral. Enquanto os “velhos barbeiros” conseguiam passar décadas trabalhando juntos (cerca de 3 ou 4 trabalhadores), onde mesmo aqueles que não eram donos da barbearia sentiam-se donos, cujos maiores exemplos são os salões Moura, do bairro Siqueira Campos, e Unidos, da Praça da Catedral, no Bairro Centro, ambos com cerca de 50 anos de existência; os cabeleireiros (as)

parecem não conseguir manter a perenidade dos ambientes de trabalho, cujo maior exemplo é o salão Navalhão mencionado na narrativa de vida de Raimundo mais atrás. Para que o salão de beleza tenha sucesso, atualmente, é preciso dar ao empreendimento um caráter empresarial e individual. “A sociedade hoje busca meios de destruir os males da rotina com a criação de instituições mais flexíveis. As práticas de flexibilidade, porém, concentram-se mais nas forças que dobram as pessoas” (SENNETT, 2009, p.53). Talvez, esta seja a causa da grande existência de salões de beleza com apenas um trabalhador atuando, que emprestam seu nome ao salão: Vitória Beauty Centro de Beleza, Centro de Beleza Marilene, Rosa Beauty Centro de Beleza, Taís Beauty Center, entre outros (ver o mapa da página 41). A dificuldade de fazer de um salão de beleza um grande empreendimento lucrativo, que vá além do provimento das necessidades mínimas da vida, que é o mais comum, faz com que “trabalhar em casa [seja] a ilha última do novo regime” (SENNETT, 2009, p.68).

A nomenclatura dos salões atuais, como Josy Fashin, Escova de Ouro, Veu. com ou Mulher Chique Centro de Beleza, demonstra ainda a diversificação das especialidades de serviços oferecidos pelos salões que vão do corte e cabelo, passando por escova, hidratação, mega hair, até depilação, massagem, maquiagem e preparação de noivas para casamentos. Além disso, o trabalho dos cabeleireiros (as) envolve diversos produtos químicos como xampus, cremes, loções, óleos e tinta para cabelos. Todas essas especialidades são aprendidas nas chamadas escolas de cabeleireiros, porque exigem um conhecimento mais teórico. Esses trabalhadores (as) acabam necessitando de um “excesso de qualificação” que, com uma rapidez assustadora, “deixa de ser de ponta”, fazendo com que os cabeleireiros (as) não possam “manter-se um passo a frente” (SENNETT, 2009, p.105 e 112).

Por último, é nesse contexto que os barbeiros são colocados como aqueles que só detêm a experiência, onde “a experiência da pessoa vai perdendo o valor” (SENNETT, 2009, p.111). A grande maioria dos trabalhadores que se dizem barbeiros possuem mais de 65 anos, e isto é relevante porque, conseqüentemente, são aposentados que ainda continuam na ativa. Os motivos principais pelos quais os barbeiros continuam trabalhando mesmo após a aposentadoria é a preferência por manter-se em um ambiente (barbearias) onde a sociabilidade entre as pessoas se dá de forma bastante viva e o complemento financeiro que a continuidade na lida diária de fazer barbas e cortar cabelos oferece a renda da aposentadoria. O barbeiro Moura, por estar afastado da atividade por motivo de saúde confirma tal hipótese: “Eu deixei já tem 15 anos. Devido à doença. (...) Porque é o que eu sei mesmo, é o que eu sei.

Levei minha vida toda trabalhando nisso. [Sinto falta de trabalhar] E muita! E muita! Sinto a falta financeira e sinto a falta, a falta comunicativa”.

Sendo assim, o modo como os barbeiros estão inseridos no setor de higiene pessoal em Aracaju nos dias atuais parece ser mais um sintoma da “nova questão social” trabalhada por Robert Castel. Alguns deles, durante a pesquisa de campo, comentaram que estão fazendo parte daquela parcela de trabalhadores que pagaram a Previdência Social para obter uma aposentadoria que mantivesse o mesmo nível de renda que poderiam obter quando em atividade. No entanto, após requerer o pedido da aposentadoria, se depararam com reduções significativas na pensão motivadas pelas correções “injustas” do governo. O barbeiro Luiz, por exemplo, conta que é “aposentado. Eu paguei cinco salários mínimos, recebo dois. Mas, tem que viver com ele e dar graças a Deus né? Se tivesse no interior na enxada não tinha dinheiro”. Tal informação parece mostrar que os “velhos barbeiros” são afetados pelo fato do “sistema de proteções sociais acha[r]-se pressionado por dificuldades. Dá-se a passagem de um sistema de seguros em que ativos pagavam sobretudo para ativos para um sistema de solidariedade nacional em que ativos deveriam pagar sobretudo para inativos cada vez mais numerosos (CASTEL, 1998, p.509).

2. O cabeleireiro (ou barbeiro?) Vilobaldo

De todos os trabalhadores com os quais conversei e entrevistei durante a pesquisa de campo, o artífice Vilobaldo Félix Cardoso é um caso singular por ter sido barbeiro e, a certa altura de sua carreira ter assumido a postura de cabeleireiro. Nascido em Capela, em 1937, filho de lavradores, ele não foge a regra trabalhada no segundo capítulo dessa Dissertação, que mostra como a origem familiar humilde é um fator de destaque para fazer surgir um migrante em busca de melhores condições de vida na capital de Sergipe. Vilobaldo conta que, ainda no interior, ao mesmo tempo em que trabalhava “fazendo roça” com seu pai e irmãos, aprende o ofício de barbeiro com um tio que atuava nas redondezas, juntamente com dois de seus irmãos. Na época. Gilberto, Vilobaldo e Antônio, “os filhos maiores”, como ele diz, tomariam gosto pelo trabalho de barbeiro ainda no município de Capela, para atuarem em Aracaju, da década de 1950 em diante.

No entanto, em 1969, Vilobaldo deixa de fazer barba, trabalho que ele não gostava de desenvolver e alguns anos depois, em 1974, conta que foi o primeiro a colocar na porta do seu salão “Vilobaldo cabeleireiros”, sofrendo muito preconceito por tomar tal iniciativa:

Olha, é porque toda vida cabeleireiro só quem fosse do lado do, no... feminino. Cabeleireiro feminino. Não existia cabeleireiro, é... masculino. Era só tudo barbeiro, barbeiro, barbeiro. Então, eu fui o primeiro a fazer isso aqui em Aracaju. (...) Eu deixei de fazer barba em 69. Tem 39 anos. Que eu deixei de fazer barba. E fui o primeiro a pegar uma placa e botar assim: Vilobaldo Cabeleireiro, em Aracaju, fui o único. Na época? Rapaz... (...) Sofri [preconceito], e muito! Muito! Muita gente que cortava o cabelo e queria fazer a barba, eu digo: “A barba eu não faço!” “Como é que pode? Corta o cabelo e não faz a barba!” Eu digo: “Bom, eu só corto o cabelo.” E nunca aceitei o nome de barbeiro. Nunca aceitei este nome de barbeiro. Porque, ô Eduardo! Tudo que o cara faz de errado é barbeiragem. Eu nunca gostei não!

Esse excerto é bastante curioso porque envolve, em primeiro lugar, o serviço central do barbeiro: fazer a barba. A barba, como expliquei no capítulo posterior, era não só o serviço principal, mas aquele que se relacionava com a simbologia de poder que a barba parecia deter, com a dominação masculina. Deixar de fazer a barba seria não só ir de encontro com os ditames estabelecidos pela tradição do ofício, como não seguir as regras de um costume que os outros artífices prezavam. Em alguns casos, a escolha de não oferecer tal serviço podia ser considerado como uma aproximação com diferentes modos de ser masculino, ou ainda com o que os barbeiros mais temiam: ser tachado de gay. Como diz Howard Becker, “uma pessoa pode ser rotulada de desviante não porque realmente infringiu uma regra, mas por que mostrou desprezo pelo impositor da regra” (BECKER, 2008, p. 163). Depois, a escolha de Vilobaldo implica no abandono da principal ferramenta do barbeiro: a navalha. Este instrumento dava prestígio ao artífice que sabia maneja-lo. O abandono dele seria extremamente problemático podendo significar a perda da identidade laboral.

Como exemplo, durante a pesquisa de campo, escutei alguns artífices mencionarem que faziam a barba dos fregueses com a Navalheta, devido à necessidade de maior higiene no processo e até mesmo porque ela tornava o trabalho menos cansativo. No entanto, alguns deles diziam em tom resistente: “Mas a minha barba eu só faço de Navalha”. A Navalha, o instrumento que foi deixado de lado com a introdução dos barbeadores descartáveis, que exige ser amolada, ainda é preferida por alguns barbeiros em relação à Navalheta. Talvez, isto

se relacione com a procura de permanência nos antigos referenciais da masculinidade, que davam ao barbeiro certo prestígio.

Por outro lado, nesse excerto, é notório um posicionamento contrário de Vilobaldo, já que ele se pautava por um comportamento que pareceria impensável em um barbeiro: “não gosto de fazer barba”. Essas duas decisões tomadas por ele, ainda nas décadas de 1960 e 1970, podem ser mais bem entendidas através do conceito de desvio, entendido por Howard Becker como o ato de desobedecer as regras de um grupo:

Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se esperava viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é considerada outsider. (...) O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal (BECKER, 2008, p.15 e 22).

O fato de Vilobaldo ter sofrido preconceito ao tomar a decisão de deixar de fazer a barba e de nomear seu salão como salão de cabeleireiros é um detalhe que diz muito, uma vez que sua atitude foi tomada “no tempo dos cabeludos”. Ao contrário da maioria dos barbeiros, que sentiam a queda no corte de cabelo nesse período, principalmente dos fregueses jovens, que muitas vezes eram forçados por seus pais a sentar na cadeira de um barbeiro, ele se utiliza de outros meios para atender a esses “cabeludos”, sem ir de encontro com a autoridade paterna:

Ah!!! Foi terrível. Mas mesmo assim, sabe o que foi que eu fiz? Eu e Antônio meu irmão? Nós ficamos cabeludo também. E não faltava cabeludo pra aparar cabelo com a gente (...) Na época de Roberto Carlos. Diminuiu um pouco [o movimento], mas tinha gente que confiava na gente que não queria cortar cabelo. Por que é... jovem, adolescente, de chorar na cadeira porque o pai queria cortar, eu dizia: “Rapaz, não faça isso não!” Sabe o que é que, sabe o que é que eu argumentava com o pai? Eu dizia: “Seu filho é estudioso?” “É.” “Deixe ele ficar com o cabelo grande, vamo dar uma aparadinha só.” (...) Era isso que eu fazia. E conseguia! Sabia que eu conseguia? Aparar o cabelo da molecada. Jovem rapaz, adolescente de 12, 13 anos, 14.

Por fim, estou dando destaque a Vilobaldo porque a sua atitude desviante acaba lhe resguardando das crises de identidade de ofício tão comuns aos barbeiros. As crises sentidas por ele não dizem respeito ao âmago do ofício, mas sim as questões do mundo do trabalho, como o desemprego e a grande concorrência do setor de higiene pessoal. Em todo caso, foi

intrigante perceber em várias narrativas de vida dos barbeiros, que o cabeleireiro Vilobaldo era ser citado como exemplo de sucesso, apesar do preconceito que ele diz que sofreu quando decidiu dizer-se cabeleireiro e não oferecer o serviço de barba.

A forma como Vilobaldo tenta resolver as dificuldades do tempo dos cabeludos me leva a discussão travada por Nestor Garcia Canclini. Este autor faz uma análise daqueles que vivem nas chamadas sociedades modernas em termo de conexão/desconexão. Para ele, os desconectados são aqueles que estão de alguma forma à margem das benesses que deveriam advir do progresso do bem estar social. São desconectados os migrantes, as minorias étnicas, as minorias políticas, por exemplo. São desconectados aqueles que buscam “novas formas de pertencer, ter direitos e enfrentar violências” (CANCLINI, 2009, p.205).

Após considerar a trajetória do ofício dos barbeiros ao longo de cerca de 50 anos, realizada do primeiro capítulo, seria possível afirmar que os barbeiros estariam a caminho da desconexão, para utilizar o termo de Canclini? Em caso de resposta afirmativa. A atitude desviante de Vilobaldo poderia ser considerada como uma tentativa de conectar-se que acabou dando certo, uma vez que, atualmente todos os barbeiros o mencionam como um trabalhador que conseguiu ascender e resistir às intempéries das transformações de Aracaju.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao começar a escrever esta Dissertação, intitulada O ofício de barbeiro: memória, tradições e modernidades, não tinha uma pretensão principal. Sabia que havia passagens das narrativas de vida dos barbeiros criticando os cabeleireiros e vice-versa, mas não entendia, ao certo, o que isto significava. Sabia que o mercado de trabalho dos barbeiros se transformava, porque verificava durante minhas observações em campo, mas não conseguia perceber algum motivo para isso. Sabia que a idealização do passado, presente na memória do ofício, era construída como contraponto ao presente que eles viviam onde o ofício apresentava-se em decadência. Inclusive, andando pelas ruas do Bairro Centro em Aracaju, não pude deixar de ter essa sensação que os barbeiros me transmitiam quando narravam suas histórias de vida, de quem reflete sobre a situação atual do cotidiano de trabalho.

Comecei a escrever esse texto às cegas, partindo da oposição que os próprios artífices construía: de um lado, o barbeiro; de outro lado o cabeleireiro. Ao observar o pano de fundo das narrativas de vida, a cidade de Aracaju, o problema acabou se apresentando: há uma transição da ordem masculina e dos ofícios para a ordem unissex e das profissões. Foi exatamente isso que eu tentei apresentar nesse trabalho, foi exatamente isso que os barbeiros, de forma não tão clara, me mostravam e diziam. Aliás, para acabar entendendo que havia dois lados de uma mesma moeda, tive que entender o percurso histórico desses trabalhadores no Bairro Centro, perceber como os espaços da cidade eram transformados/racionalizados pela administração oficial e resignificados pela população que os praticam e entender as táticas de sobrevivência, os “golpes na ordem instituída”, como diria Michel de Certeau (2011), desses trabalhadores diante do contexto mutante da cidade e da chegada um tanto quanto incisiva e hegemônica dos cabeleireiros (as).

Andei por vários caminhos. História, Antropologia, Sociologia, Geografia, entre outros. De forma que não sei enquadrar esse trabalho em uma desses quatro campos do saber. O tema exigia muito. No primeiro capítulo desta Dissertação, tentei explicar como os salões de barbeiros, e os salões de cabeleireiros também, estão integrados as dinâmicas dos bairros em que se localizam tomando como exemplo Bairro Centro, em Aracaju. É interessante notar como esses artífices percebem as mudanças que vão além do surgimento de prédios, da extinção dos cinemas, da intensificação das atividades comerciais, mas que dizem respeito às

novas formas de ser masculino e feminino que surgiram após as transformações no âmbito dos costumes nas décadas de 1960 e 1970. No início, acabei colocando os barbeiros como estando relacionados ao tradicional, a experiência migrante, ao “saber-fazer com as mãos” (AUED, 1999) e a dominação simbólica masculina (BOURDIEU, 1999), porque localizam o seu tempo nas décadas de 1940 e 1950, as “décadas de ouro” de Aracaju, como são caracterizadas por Murillo Melins (2007). Por outro lado, reservei aos cabeleireiros (as) o campo do unissex, das máquinas elétricas, do que os barbeiros chamam de “profissionais modernos”.

Apresentar os barbeiros como relacionados ao tradicional e cabeleireiros (as) como relacionados ao avançado visava mostrar que os últimos formam uma atividade laboral que ganha espaço nesse mercado de trabalho, no setor da higiene pessoal. Por outro lado, era também, concluir que o número de barbeiros e salões de “sistema antigo”, como eles dizem, vem diminuindo cada vez mais. Hoje, esse mercado de trabalho não é mais dominado por este tipo de “trabalhador de respeito”, os salões não têm mais por clientes principais “homens de respeito”, mas é dominado pelas mulheres e por outro modo de ser masculino (cabeleireiros (as)), que aceita atender a clientes homossexuais e laborar com trabalhadores gays, por exemplo. Isto era necessário, porque os artífices barbeiros conseguem perceber essas mudanças que fazem com que eles sintam-se deslocados, ultrapassados nos dias atuais como atreladas as intervenções/mudanças no ambiente urbano. Eles acabam atribuindo essa impotência diante do mundo do trabalho sergipano atual ao chamado processo de modernização da cidade.

Talvez, a transição de uma ordem masculina e dos ofícios para uma ordem unissex e das profissões, que também significa a passagem de um período onde os barbeiros eram dominantes para um período de hegemonia dos cabeleireiros (as), possa ser entendida como tecer outro discurso sobre a modernização de Aracaju, uma vez que o número de barbearias (lugar de homens e para homens) tem paulatinamente decrescido nos últimos 50 anos, enquanto que tem aumentado a quantidade de salões de cabeleireiros (as) (lugar unissex, tanto para homens quanto para mulheres). No entanto, a modernização de que os barbeiros estão tratando é bastante complexa e incompleta ou descompassada (CANCLINI, 2011).

Nesse sentido, foi bastante interessante notar como os barbeiros sentiam-se numa era de modernidade na Aracaju dos anos 1940 e 1950, dando aos seus salões nomes como “Moderno” ou “Democrático”, palavras pertencentes à ideia de modernização, de progresso,

muito embora, Aracaju fosse “romântica”, provinciana, com apenas uma centena de carros correndo por suas esburacadas ruas de piçarra (MELINS, 2007). Por outro lado, como disse o barbeiro Ascendino, “agora que as coisas é tudo moderna... o barbeiro praticamente já acabou”. Na verdade, o tema dos artífices barbeiros faz pensar “no sentido de imaginarmos e criarmos novas formas de modernidade, em que o homem não existirá em função do desenvolvimento, mas este, sim, em função do homem” (BERMAN, 2001, p.108).

No segundo capítulo, a pretensão foi sair dessa discussão que envolve a relação do ofício com o bairro para uma incursão por dentro das barbearias. Era necessário voltar a esse passado idealizado, a reconstituir os elementos centrais do cotidiano de trabalho dos barbeiros nos anos 1940, 1950 e 1960, que hoje está em decadência, apesar de existindo em alguns pontos no Bairro Centro em Aracaju. Tentei buscar as características desses artífices, que podem ser resumidas na experiência migrante, de onde trazem parte do saber dito tradicional; no pertencimento ao universo masculino, já que são trabalhadores que estão inseridos no que Pierre Bourdieu chamou de a dominação simbólica masculina; e na inserção no mundo do “fazer com as mãos” (AUED, 1999; SENNETT, 2009).

No último capítulo, foram feitas considerações sobre o contexto do setor da higiene pessoal onde os barbeiros trabalham atualmente. Nessa parte, a investigação procura saber como os barbeiros sentem os novos modos de ser masculinos e femininos que dominam o mercado de trabalho que antes lhes pertencia. Tal modificação interfere também nos processos identitários de barbeiros e cabeleireiros. Assim, surgem não só novos trabalhadores, mas também clientes mais flexíveis às relações com mulheres ou gays, por exemplo. Nesse sentido, é relevante saber o quanto são fluidas as fronteiras que separam o saber-fazer dos barbeiros do saber-fazer dos cabeleireiros. Ao notar que os barbeiros em Aracaju estão se reinventado, que misturam o velho com o novo, que subvertem a “ordem instituída” como diria Michel de Certeau (2011) é entender que não há como separar o tradicional do moderno. Daí ser possível inferir a complexidade do chamado processo de modernização de Aracaju e tem em mente o que diz Canclini, sobre ser mais interessante “explicar o popular pelas interações que tem com a nova cultura hegemônica” (CANCLINI, 2011, p210).

No entanto, tais questões se relacionam também com a situação do mundo do trabalho sergipano atual, caracterizado pelo desemprego, pelo subemprego, que faz com que o setor de higiene pessoal acabe se transformando em algo bem parecido com o campo da informalidade, onde as “atividades em pequenos estabelecimentos, ou baseadas no trabalho

autônomo nas áreas urbanas, que tinham como objetivo a sobrevivência de pessoas diretamente envolvidas (...) engloba as formas e relações de produção de natureza não capitalista” (DEDECCA, 2007, p.20). Em 2005, por exemplo, “ampliaram-se as formas de trabalho sem proteção social, isto é, à margem da regulação pública existente sobre os contratos e as relações de trabalho” (DEDECCA, 2007, p.22).

Por fim, gostaria de apontar outros caminhos que não foram mais bem explorados nesta Dissertação. Isto porque meu propósito principal era considerar o que os barbeiros me diziam. Era preciso partir de como eles viam seu cotidiano de trabalho. Em primeiro lugar, não houve sérias incursões sobre o cotidiano de trabalho dos cabeleireiros (as). Acredito que os artífices barbeiros são só o começo de uma história que envolve esta outra atividade laboral semelhante, mencionada aqui apenas o necessário para que o tema dos barbeiros se tornasse inteligível. Investigar sobre os cabeleireiros pode lançar luz sobre as formas pelas quais os aracajuanos estão remediando a situação do desemprego. Depois, não foi possível tecer considerações tanto sobre os barbeiros, quanto sobre os cabeleireiros, com a teoria da sociologia do trabalho, que com certeza traria novas luzes sobre esses trabalhadores. Da mesma forma, não privilegamos as questões estatísticas, nem a relação desses trabalhadores com dados oficiais ou internacionais do trabalho, o que também seria interessante. Acredito que há possibilidades ainda inexploradas com o mesmo tema, dentro do setor da higiene pessoal, possíveis em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

Fontes Orais

ASSUNÇÃO, Ascendino. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 29 de novembro de 2007.

CARDOSO, Vilobaldo Félix. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 04 de julho de 2008.

GOUVEIA, Rivaldo Feitosa de. Entrevista a Samuel Conh e Silvia Matos. Aracaju/Se. Fevereiro de 2002.

MENEZES, José Rodrigues de. Entrevista a Samuel Conh e Silvia Matos. Aracaju/Se. Fevereiro de 2002.

OLIVEIRA, Jorge Luis de. Entrevista a Samuel Conh e Silvia Matos. Aracaju/Se. Fevereiro de 2002.

OLIVEIRA, José Paulo de. Entrevista a Samuel Conh e Silvia Matos. Aracaju/Se. Fevereiro de 2002.

RIBEIRO FILHO, Edgar. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 14 de maio de 2008.

SANTAGO, José Neres. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 20 de julho de 2008.

SANTANA FILHO. José Barbosa de. Entrevista a Samuel Conh e Silvia Matos. Aracaju/Se. Fevereiro de 2002.

SANTANA, José Wellington. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 20 de julho de 2008.

SANTOS, José Damascena. Entrevista a Antônio Fernando de Araújo Sá e Eduardo Lopes Teles. Aracaju/SE. 29 de fevereiro de 2008.

SANTOS, Maria Nedy Oliveira. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. Julho de 2007.

SANTOS, Edilende Brito dos. Entrevista a Samuel Cohn e Eduardo Lopes Teles. Aracaju/Se. Julho de 2007.

SANTOS, José Gonçalves dos. Entrevista a Antônio Fernando de Araújo Sá e Eduardo Lopes Teles. Aracaju/SE. 16 de novembro de 2007.

SANTOS, José Raimundo Costa. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 21 de julho de 2008.

SANTOS, Luiz Francisco dos. Entrevista ao autor. Aracaju/SE. 14 de março de 2008.

SILVA, Marivone Cardoso. Entrevista a Samuel Conh e Silvia Matos. Aracaju/Se. Fevereiro de 2002.

Referências Bibliográficas

ABREU, J. Capistrano de. Capítulos de História Colonial (1500-1800). Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/Livraria Briguet, 1969. 268p.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do nordeste e outras artes. Recife: FJN, ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ALVES, Francisco José. Aracaju, que significa. IN: Revista de Aracaju. Aracaju, ano LX, nº10, pp. 87-91. 2003.

ALVES, Francisco José. O Morro do Urubu: local da primitiva São Cristovão. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, nº 38, p. 17-24. 2009.

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Rosane de. Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ARAÚJO, Hélio Mário de (org.) et al. O Ambiente Urbano: visões geográficas de Aracaju. São Cristóvão: Departamento de Geografia da UFS, 2006. 284p.

ARAÚJO, Maria Paula e FERNANDES, Tânia Maria. O diálogo da história oral com a historiografia contemporânea. In. VISCARDI, Cláudia M. R. e DELGADO, Lucilia de A. Neves (orgs.). História Oral: Teoria, Educação e Sociedade. Juiz de Fora/ MG: Editora da UFJF/ CAPES, 2006.

AUED, Bernardete Wrublewski. História das Profissões em Santa Catarina: Ondas largas “civilizadoras”. Florianópolis: Ed. Do Autor, 1999. 116p.

AZZAN Jr. Celso. Antropologia compreensiva de Geertz. IN: Antropologia e interpretação: explicação e compreensão nas antropologias de Lévi-Strauss e Geertz. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. pp. 89-140.B

BARBOSA, Agnaldo de Souza. A propósito de um estatuto para a História Local e Regional: algumas reflexões. História & Perspectiva, Uberlândia, (20-21): 117-128, jan-dez, 1995.

BARROS, José D’Assunção. O campo da história: especialidades e abordagens. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 222p.

BARTH, Fredrik: “Grupos étnicos e suas fronteiras” in POUTIGNAT, Philippe e Jocelyne Streiff-Fenart Teorias da etnicidade, seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998, pp. 187-227.

BAVA Jr. Augusto Caccia. Introdução à Sociologia do Trabalho. São Paulo: Ática, 1990. 80p. (Série Princípios)

BAZZO, Ezio Flavio. Barbeiros, espelhos & navalhaços. Brasília: Lilith Publicadora & Cia, 2000. 128p.

- BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008, 231p.
- BENEDICT, R. *O Crisântemo e a Espada: Padrões de Cultura Japonesa*. São Paulo: Perspectiva. 1988.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 465p.
- BEZERRA, Felte. *Etnias Sergipanas: contribuição ao seu estudo*. 1ª reed. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1984. 189p. (Coleção Estudos Sergipanos, 6).
- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 3ª ed. Portugal: Europa-América. 177p.
- BOAS, Franz. *As limitações do método comparativo em antropologia; Os métodos da etnologia e Os objetivos da pesquisa antropológica*. In: CASTRO, Celso (org.). *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 25-40, 41-52 e 87-109.
- BORSOI, Izabel Cristina Ferreira; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida (orgs.). *Velhos Trabalhos, Novos Dias: modos atuais de inserção de antigas atividades laborais*. Fortaleza: Edições UFC, 2007. 402p.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2007. 484p.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160p.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. 143p.
- BOURDIEU, Pierre. *Modos de Dominação*. In: *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2002. p. 193-219.
- BOURDIEU, Pierre. *Cultura e Política*. In: *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 247-261.
- CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 284p.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2011. 385p.
- CARDOSO, Amâncio. *Aracaju no tempo do cólera (1855-1856)*. IN: *Revista de Aracaju*. Aracaju, ano LIX, nº10, pp. 231-241. 2002.
- CARDOSO, Amâncio. *Cidade de Palha: Aracaju, 1855-1895*. IN: *Revista de Aracaju*. Aracaju, ano LX, nº10, pp. 111-115. 2003.
- CARDOSO, Amâncio. *As filhas da peste: fome, morte e orfandade – Sergipe, 1855-1856*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, nº 38, p. 25-48*. 2009.

CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998. 611p.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 17ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 316p.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 372p.

CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; GALVÃO SOBRINHO, Carlos Roberto (orgs.). Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social. Campinas: SP: Editora da UNICAMP, 2003. 428p.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. 320p.

COHN, Samuel. When Sergipe led Brazil: the golden years of employment for barbers and beauticians (1940-1980). In: Revista Eletrônica Ponta de Lança: história, memória & cultura, vol. 1, ano 1, out. 2007. Disponível em: <http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/ponta_de_lanca/> Acesso em: 15/09/2009.

COLLIER, Jonh. Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo: EDUSP, 1973.

COSTA, Emília Viotti da. Estruturas versus Experiência. Novas tendências na História do Movimento Operário e das Classes Trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha. BIB. Rio de Janeiro, nº 29 pp. 3-16, 1º semestre de 1990.

CUNHA, Euclides. Os Sertões. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 596p.

DANTAS, Beatriz Góis. Artesanato e Turismo: notas sobre as miniaturas de Carrapicho/SE. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, nº 37, p. 193-214. 2008.

DANTAS, Beatriz Góis. Felte Bezerra e a fase heroica da Antropologia em Sergipe: 1950-59. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, nº 39, p. 227-255. 2009.

DANTAS, Beatriz Góis e NUNES, Verônica Maria Menezes (orgs.). Destinatário: Felte Bezerra – cartas a um antropólogo sergipano (1947-1959 e 1973-1985). São Cristóvão: Editora UFS, 2009. 304p.

DANTAS, Francisco J. C. Os Desvalidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DANTAS, Ibarê. História de Sergipe República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. 334p.

DANTAS, Nyceu. A Cirurgia dentaria em Sergipe através um século: esboço histórico. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju: Typ. Comercial, ano V, Vol. V, 1920, p.119-131.

DEBRET, Jean Baptiste. Barbeiros Ambulantes; Lojas de Barbeiros. In: Viagens Pitoresca e Histórica do Brasil. Vol. 2. 4ª ed. São Paulo: Martins Editora, 1965. p.149-154.

DECCA, Claudio Salvadori de. Setor informal e informalidade no Brasil. In: Ciência Hoje, Rio de Janeiro, vol. 39, nº 234, p. 18-23.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 135p.

DUARTE, Constância Lima. Pequena história do feminismo no Brasil. In: CARDOSO, Ana L.; GOMES, Carlos M. Do imaginário às representações na literatura. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007. 205 p.

DUBAR, Claude. A Crise das Identidades: a interpretação de uma mutação. Porto: Edições Afrontamento, 2006. 206p.

DURHAN, Eunice Ribeiro. A caminho da cidade. São Paulo: Perspectiva, 1973. 248p. (Coleção debates;77).

DURHAN, Eunice Ribeiro. Malinovski: uma nova visão da Antropologia. In: A dinâmica da cultura: ensaios de Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 203-217.

ELIAS, N. Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

EVANS-PRITCHARD, E. E. (2005). Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo. In: Bruxaria, oráculos e magia entre os azande. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 243-25.

FABIAN, Johannes. Memórias da memória: uma história antropológica. IN: REIS, Daniel Aarão et al. Tradições e Modernidades. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. pp.13-28

FALCON, Francisco José Calazans. História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002. 115p.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Introdução. In: Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Global, 1987. pp. 7-45.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). Usos & Abusos da História Oral. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. 304p.

FIGUEIREDO, B. G.: 'Barbeiros e cirurgiões: atuação dos práticos ao longo do século XIX'. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, VI(2): 277-91, jul.-out. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01045-9701999000300003&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso em: 17/01/2008.

FONTES, Amando. Os Corumbas. Rio de Janeiro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978. 172p.

- FONTES, José Silvério Leite. A formação do povo sergipano. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Série Cadernos do PDPH, 1992.
- FREITAS, Sônia Maria de. História Oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 143p.
- FREITAS, Bárbara Sheila Gonçalves e. Ocupação periférica do Quadrado de Pirro (1901-1931). IN: Revista de Aracaju. Aracaju, ano LX, nº10, pp. 261-275. 2003.
- GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997. p.85-107.
- GEERTZ, Clifford. Nós/não nós: as viagens de Benedict. In: Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p.135-167.
- GEERTZ, Clifford. Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2011. 323p.
- GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991. 177p.
- GILLIES, Eva. Introdução. In: EVANS-PRITCHARD, E. E. (2005). Bruxaria, oráculos e magia entre os azande. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 9-32.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. IN: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.) Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Global. pp.227-344.
- HABERT, Nadine. A Década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003. 95p.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. Beatrix Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104p.
- HOBBSBAWN, Eric J. Introdução: a invenção das tradições. In: _____ & RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HUGO, Victor. Os Trabalhadores do Mar. Trad. Machado de Assis. São Paulo: Abril, 1979. 420p.
- KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Trad. e notas: Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Cia. Editora Nacional, 1942. 595p.
- LANA, Marcos (1998). Apresentando Raymond Firth. In: Nós, os tikopia: um estudo sociológico do parentesco na polinésia primitiva. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial. pp. 21-74.

- LAPLANTINE, François. A descrição etnográfica. São Paulo: Terceira Margem, 2004. 137p.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 11ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- LEITE, Rogério Proença. Contra-usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da UNICAMP; Aracaju: Editora UFS, 2004. 342p.
- LEITE, Rogério Proença (Org.). Cultura e vida urbana: ensaios sobre a cidade. São Cristóvão: Editora UFS, 2008. 199p.
- LEITE, Serafim. Contribuição para as ciências médicas e naturais; Artífices e Artistas. In: História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo II. Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.
- LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 176p.
- MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana. 3ª ed. São Paulo: Editora da USP; Fapesp, 2008. 318p.
- MALINOVSKI, Bronislaw (1976 [1950]). Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato dos empreendimentos e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné. São Paulo: Abril Cultural. 17-34.
- MARCON, Frank. Diálogos transatlânticos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005. 158p.
- MARTINS, Carlos B. O que é Sociologia. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 99p.
- MASSART, Guy. Barbeiros, barbearias em Mindelo - Cabo Verde. 2012. Disponível em:
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. IN: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003. pp. 399-422.
- MAYNARD, Andreza Santos Cruz. “A dez quilômetros por hora”: automóveis em Sergipe no início do século XX. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, nº 38, p. 139-151. 2009.
- MEDEIROS, Paulo de Tarso C. A aventura da Jovem Guarda. São Paulo: Brasiliense, 1984. 86p. (Coleção Tudo é História).
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 291p.
- MELINS, Murillo. Aracaju Romântica que vi e vivi. 4ª ed. Aracaju: Unit, 2007. 460p.

MELO, Ricardo Oliveira Lacerda de; SOUZA, Aldemir do Vale. Estrutura e dinâmica da economia Sergipana (1970-2002). In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, nº 39, p. 227-255. 2009.

NASCIMENTO, Edna Maria; SANTOS, Waldefrankly Rolin de A.. Aracaju urbana e humana: aspectos de uma leitura sobre a cidade. IN: Revista de Aracaju. Aracaju, ano LX, nº10, pp. 225-238. 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Tempo e tradição: interpretando a antropologia. IN: Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq. pp. 13-25

PAES, Maria Helena Simões. A Década de 60: Rebeldia, contestação e repressão política. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2004. 95p.

PEIRANO, Mariza (1995). "Os antropólogos e suas linhagens". In: A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. Disponível em: <http://www.unb.br/ics/dan/Serie102empdf.pdf>

PETRARCA, F. R. Elites Jornalísticas, Recursos Políticos e Atuação Profissional no Rio Grande do Sul. In: TOMO - Revista do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da UFS. Dossiê Sociologia do Poder e das Elites, jul./dez. 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e Silêncio. In. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

RABINOW, Paul. Representações são fatos sociais: modernidade e pós modernidade na antropologia. IN: Antropologia da Razão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p.71-108.

RANGER, Terence. A invenção da tradição na África colonial. In: HOBBSAWM, Eric & _____. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RODRIGUES, Marly. A Década de 80: Brasil: quando a multidão voltou às praças. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003. 77p.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. Combates entre história e memórias. São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005. 326p.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. História da Historiografia de/em Sergipe (1972-2007). In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, nº 37, p. 15-26. 2008.

Sá, Antônio Fernando de Araújo. Puzzle entre História e Memória. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, nº 38, p. 269-282. 2009.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.9 nº19, pp.219-243, set.89/fev.90.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. Barbeiros, dentistas, veterinários e enfermeiros. In: História Geral da Medicina Brasileira. Vol.1. São Paulo: HUITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

SANTOS, Aldeci Figueiredo. Contribuição ao estudo migratório em Sergipe. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1976. 167p. (Tese de livre docência – Departamento de Geografia)

SANTOS, Clara Cruz. Profissões e Identidades Profissionais. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011. 78p.

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. Luz elétrica, asseio e promptidão: fragmentos da modernização de Aracaju (1910-1920). IN: Revista de Aracaju. Aracaju, ano LX, nº10, pp. 239-260. 2003.

SANTOS, Lenalda Andrade; OLIVA, Terezinha Alves de. Para Conhecer a História de Sergipe. Aracaju: Opção Gráfica, 1998. 142p.

SANTOS, Walderfrankly Rolin de Almeida. Apropriações na Construção do Urbano e a Problemática da Natureza: o Caso de Aracaju. IN: Práticas de Apropriações do urbano na cidade de Aracaju. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007. (Dissertação de Mestrado – Núcleo de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente)

SCHWARCZ, Lília Moritz. Questão Racial e etnicidade. In: O que ler na ciência social brasileira (1970-1995). Antropologia (Volume II). São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília: Capes, 1999.

SENNETT, Richard. O Artífice. Rio de Janeiro: Record, 2009. 360p.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. 204p.

SOUSA, Antônio Lindvaldo. *Em nome do progresso e da liberdade: “ordem” e “rebelia”* no emergente processo urbano-industrial de Aracaju (1910-1930). Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1993. p.21-43. (monografia de especialização em Estado e Sociedade no Nordeste).

SOUSA, Antônio Lindvaldo. A cidade de Aracaju e os homens pobres (décadas de 1910-1930). Revista de Aracaju, Aracaju/Prefeitura de Aracaju, ano L XI, 2005, p.287-302.

SOUZA, Paulo Renato. O que são empregos e salários. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense. 89p. (Coleção primeiros passos, 28).

STOCKING Jr., George. Os pressupostos básicos da antropologia de Boas. In: Franz Boas: a formação da antropologia americana (1883-1911). Rio de Janeiro: Contraponto: Editora UFRJ, 2004. pp. 15-38.

TELES, Eduardo Lopes. História e Memória dos Barbeiros em Sergipe (1960-2008). São Cristóvão: DHI/CECH/UFS, 2009. 63p. (Monografia de Graduação em História)

THOMPSON, E. P. A história vista de baixo. In. NEGRO, Antonio Luigi e SILVA, Sérgio (orgs.) As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

TOTA, Antônio Pedro. O Estado Novo. São Paulo: Brasiliense, 1987. 69p. (Coleção tudo é história).

VELOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente. V. 1. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

VERGER, Pierre. 50 anos de fotografia. Salvador: Corrupio, 1982. 284p.

VILAR, José Wellington Carvalho. Os espaços diferenciados da cidade de Aracaju: uma proposta de classificação. IN: Revista de Aracaju. Aracaju, ano LIX, nº9, pp. 87-99. 2002.

WOREMAN, Karen e PEREIRA, Jesus Vasquez (coords.). História Falada: memória, rede e mudança social. Coordenadores. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.